


The
WINNERS®
Prime Leaders Magazine

Depois de trabalhar a vida toda atrás das câmeras, vim parar aqui, atrás da capa dessa revista, editada especialmente para celebrar José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni. Para mim, o Oliveira.

A ideia, como todas as boas ideias, é simples: juntar os amigos para uma homenagem. Em tempos como esses, foi uma maneira original e possível de colocar todo mundo no mesmo espaço para festejar esse brasileiro fora de série.

Essas mais de 200 páginas são fruto da colaboração e generosidade de muitas categorias de talento, inteligência e carisma. Além da família e mais 85 pessoas que brindam o Boni com seus depoimentos, o genial Vik Muniz criou a capa, ou melhor, a obra de arte original que está na capa. O Agostinho Turbian e sua dedicada equipe colocaram de pé um produto final maior e mais ambicioso que as ótimas revistas que ele edita. Sempre incrível, Paulo Caruso trouxe de volta 70 personagens inesquecíveis na ponta de seus divertidos pincéis, em formato de pôster, pronto para ir para uma moldura. Até uma canção original foi criada pelos queridos Jair Oliveira e Simoninha. Por fim, agradeço ainda o apoio incondicional do Olivetto, a contribuição gráfica do Guime, e a combinação da rede de contatos da Christina Leite, da Daniela Romano e do Dudu Figueira que viabilizaram essa edição de forma extraordinária.

É de gente assim que o nosso Boni sempre fez questão de se cercar durante uma carreira de quase sete décadas, que se confunde com a história da televisão no Brasil.

São memórias, histórias e declarações de mais de uma centena de pessoas daqui e do além. Admiração e carinho que atravessam fronteiras, oceanos e até outras dimensões. Para todos nós, comemorar 85 anos de Boni, é uma honra. E uma alegria imensa.

Parabéns, Oliveira. Obrigado e boa leitura a todos.

Uajdi Moreira, o Moreira

Marido
Pai
Sogrão
Vovô

Meu amado Bonbon

Em outubro de 1983, nós passamos a viver juntos. Em maio de 1987, nasceu Bruno. Junto desta nossa relação de amor e cumplicidade, vieram também os seus filhos, sua mãe e nossos netos, aos quais aprendi a amar intensamente e nos tornamos uma linda e unida família. Considero um presente de Deus, mas isso não foi difícil, pois você é o melhor filho pai, amigo e marido que existe.

Sinto imenso orgulho de ser sua mulher. Você, com certeza, é o homem que mais admiro nessa vida. Juntos, viajamos o mundo, nos divertimos e fomos companheiros em todas as horas, boas ou difíceis que passamos. Acho admirável a sua preocupação, respeito e cuidado para com os seus e as pessoas que te cercam, independente da proximidade que você tem com elas. Você está sempre preocupado com o próximo, sem esperar nada em troca.

O mais bonito é que depois de 37 anos continuamos querendo estar juntos, conhecer novos horizontes e aproveitar todos os ninhos que construímos com tanto amor. Somos dois eternos curiosos e apaixonados.



Te considero o melhor chef, churrasqueiro, entendido de todas as boas comidas e bebidas do mundo. Nunca conheci ninguém que entendesse tanto os bons vinhos.

Profissionalmente você é inigualável, único, inalcançável e um eterno sonhador que não para de usar seu intelecto para produzir novos conteúdos.

Extremamente antenado com as mudanças dos novos tempos. Admirado por todos que te conhecem e/ou conhecem seu trabalho.

Me sinto privilegiada e uma mulher plena por ter você ao meu lado, me cuidando, mimando e amando. E assim continuaremos eternamente.

Feliz aniversário, sucesso sempre e muita saúde.

Obrigada por você existir!!! Beijos com amor, de sua eterna namorada.



“O mais bonito é que depois de 37 anos continuamos querendo estar juntos, conhecer novos horizontes e aproveitar todos os ninhos que construímos com tanto amor. Somos dois eternos curiosos e apaixonados”

Gigi, João, Flora, Maria e Manoel



Tudo que o papai se propõe a fazer, faz muito bem feito! Ele perdeu o pai muito cedo e, por isso, não teve um exemplo ou uma referência, então acredito que nos ofereceu tudo o que sentiu que para ele faltou. Nós fomos agraciados com um pai muito presente em nossas vidas, porque apesar de ser muito ocupado, sempre esteve disponível para os filhos.

Ele é um pai paciente, divertido, carinhoso, bravo quando tinha de ser, mas principalmente, um pai que cuidou e ainda cuida muito dos seus filhos.

Sou apaixonada por ele! Gigi

Boni sempre foi um exemplo para mim. Como profissional, ele buscou a qualidade e a inovação, estando a frente do seu tempo, como amigo é fiel e um companheiro para todos os momentos. E como pai, sogro e avô ele soube orientar a todos respeitando o jeito que cada um ser. Sou grato por ter tido a oportunidade de conviver com ele, recebendo conselhos, apoio e dividindo jantares, vinhos e muitas conversas!

João

Meu avô é o melhor contador de histórias que conheço. Foram essas histórias que me ensinaram a errar, aprender e tentar novamente, a ser resiliente, a dar sempre o meu melhor e a sempre correr atrás dos meus sonhos.

Maria

Uma mente indubitavelmente brilhante, um avô que nos mostrou a importância de trabalhar com dedicação e paixão e que meensinou a amar o Jazz e a Bossa Nova.

Flora

Só existe um “Super Trunfo” no jogo e quem joga sabe. Essa carta tem todos os atributos no máximo e bate qualquer outra do baralho. Em matéria de avô, o meu avô é o “Super Trunfo”!

Manoel



> “Nós fomos agraciados com um pai muito presente em nossas vidas, porque apesar de ser muito ocupado, sempre esteve disponível para os filhos”

Boninho, Ana, Pedro, Marianna e Bella



Gosto de falar que tenho uma parceria incrível com o papai. Primeiro como pai, sempre atento, por perto e participativo. Depois como chefe, foram momentos bons e tensos, mas aprendi muito com ele. Finalmente como amigos, adoramos bater um papo gostoso em qualquer lugar.

Os passeios pelo mundo, uma volta de barco para seguir a lua de Angra, as boas rodas em volta de um bom prato, vinhos que contam histórias e que ficarão na memória. Ele é um distribuidor de carinhos para os amigos e a família.

De médico a mestre cuca, sempre tem uma boa dica, um endereço, uma novidade. Essa procura pelo novo é que deixa esse cara um garotão 8.5. Ele não desliga.

Nada escapa ao seu olhar atento: novos vinhos, restaurantes, remédios, ele está sempre com alguma coisa nova. Além desse incrível repertório tem seu bom humor. Como a gente se diverte! As sacadas, as respostas afiadas na ponta da língua, um criador e produtor de contos. "Causos" que nem sabemos se são ou não dele, que certamente encontraremos por aqui em vários depoimentos.

Já vou contando o meu. Quando a gente trabalhava, saíamos várias vezes para almoçar durante a semana. Era uma pausa gostosa entre pai e filho na loucura do trabalho. Um dia ele me chamou na sala para falar de um programa que eu estava dirigindo e o chefe não estava feliz com o resultado. Todo mundo sabe quem é o Boni da TV, bravo, então sai de baixo. Eu subi no nono andar preparado para o pior. Sabia o que ia enfrentar e não escapei de um esporro claro, objetivo e conciso. Não foi longo, mas o bastante para me tirar do sério. Quando ele terminou, virou para mim e disse: "vamos almoçar?"

Eu tinha acabado de tomar a bronca profissional do século e o cara me chama para almoçar? Nem pensei, disse não. Então ele contra-atacou: "cara, quem está te convidando para almoçar é o seu pai, não o seu chefe". Caí na gargalhada e mais uma vez fomos trocar ideias pessoais no Florentino's. Pois é, pai, pode me chamar sempre para almoçar que eu vou.

Boninho



BONI 85! Que marca extraordinária. Mais extraordinário ainda é o privilégio de conviver com ele nos últimos 24 anos.

Conheço e admiro demais o BONI genial e incomparável da TV, mas não quero falar sobre esse.

Prefiro falar do grande pai, marido, avô e sogro que ele é. Até como médico nas horas vagas ele nos surpreende com diagnósticos precisos e as novidades farmacêuticas.

Do BONI cantor de músicas perfeitas nos momentos certos para descrever um sentimento, um momento, uma história, um encontro, uma lembrança. Já cantamos muitas juntos.

Do BONI mergulhador e "sereio muso" de Angra e Ibiza. Do BONI amigo para todas as horas. Sempre generoso e atencioso. Cuidando e me apoiando nas horas que mais precisei.

Quero falar do BONI professor, que me ensinou muito sobre a vida e de como vivê-la de forma plena. De como aproveitar e saborear cada dia, cada segundo como se fosse um brinde, uma celebração. E isso ele sabe fazer como ninguém. Falar desse BONI único e especial para mim é fácil, faz bem para o meu coração.

Não à toa, o meu teclado insiste em escrever sozinho o nome dele em letras maiúsculas reconhecendo a grandeza e a importância dele na minha vida.

Te amo, BONI!

Ana

Vô, que você continue sendo inspirador, talentoso, inovador e sempre com o coração enorme! Saiba que eu te admiro demais!

Pedro

Vô amado, você merece um infinito de palmas e "vivas"!

Tenho muito orgulho de carregar seus genes.

Te amo!

Marianna

Vovô, amo estar com você em Angra. Quando me leva para passear de barco e mergulhar. Lá a gente fica mais perto e tem o seu churrasco que adoro muito. Você está no meu coração.

Bella



Diogo, Fernanda, Malu e Matheus

O gênio profissional que você é, todos conhecem e reconhecem. Agora, o paizão carinhoso, amoroso, preocupado e alegre, apenas nós, filhotes (como você ama chamar) conhecemos.

A cada olhar apaixonado, o sorriso escancarado, a participação impecável nas nossas vidas, temos a certeza do quão especial somos para você. Ganhei a oportunidade de ter você como pai e de aprender, a cada segundo, sobre o mundo visto através de seus olhos.

Minha inspiração é ser o mínimo do máximo que você me ensinou. Hoje, como pai, vejo o quanto de você tem em mim. Um simples vento batendo no cabelo deles, e a emoção pela lembrança vem em seguida, como um cisco no olho. Angra, barco, mar, sol, terra, coisas tão simples da vida, que ficam eternizadas em nossos corações. Apenas nós dois sabemos o quanto fomos e somos felizes por todos os momentos que passamos.

Feliz por ter você sempre ao nosso lado e por ser esse cara com um coração sem tamanho. Te amo demais! Beijos do seu filhote e dos meus filhotinhos. Malu, Matheus e Diogo (Pitchu Pitchu).

Diogo



Tenho muitos momentos marcantes que levo em meu coração, principalmente quando vejo os olhos dos meus filhos brilharem pelo vovô Boni. Momentos esses de puro amor que jamais me esquecerei.

O Boni, é admirável. Quando eu estava na maternidade para ter a Malu, ele foi o primeiro a chegar, segurou a minha mão e logo senti que ganhava não só um sogro, mas um amigo.

E assim são sempre os nossos dias, mesmo vivendo nos EUA, estamos perto, graças à tecnologia, essa que faz com que possamos nos conectar e viver momentos inesquecíveis.

Um vovô apaixonante, daqueles capazes de passar um dia inteiro aprendendo Minecraft para fazer o Matheus sorrir e ficar horas escutando os roteiros da Malu para ver os olhinhos dela brilharem.

Obrigada, Boni, por tornar a nossa vida ainda mais especial com o seu amor, carinho e cuidado. Amamos você.

Fernanda

> “Minha inspiração é ser o mínimo do máximo que você me ensinou. Hoje, como pai, vejo o quanto de você tem em mim”

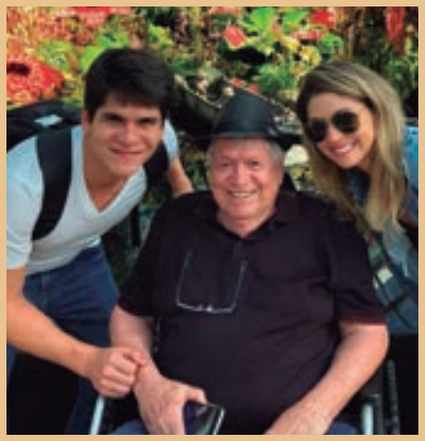
Bruno e Johanna

Ser o melhor pai possível passa por um equilíbrio tão estreito como um fio de uma navalha: como dar o máximo de carinho e ao mesmo tempo saber corrigir os rumos. Ciente disso, a primeira coisa que lembrei (quando foi me dada a difícil missão de resumir uma mensagem de parabéns em um único parágrafo) foi uma frase de um revolucionário Marxista. Ainda bem que, na verdade, a atribuição da frase é absolutamente falsa, o que me permite usá-la aqui: “hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás”.

Brincadeiras à parte, é justamente a habilidade amar e prover carinho imensuráveis ao mesmo tempo em que consegue ser a minha principal referência na vida, o meu norte, o que te faz um (e o meu) pai perfeito.

Parabéns pelo o seu dia. Te amo incondicionalmente.

Bruno



Meu querido e amado sogro. Você é um ser humano fora da curva. Você inspira, cria e ensina sem fazer força alguma. Eu nunca imaginei que fosse encontrar na vida uma pessoa capaz de tanta generosidade e que faz questão de dar o melhor cuidado disponível a todos os que estão à sua volta. Tenho profunda admiração por você. Pelo ser humano, filho, pai, irmão, vovô, marido e sogro que é. Sem falar de todo orgulho profissional.

Você nos inspira e será para sempre o nosso maior exemplo. Que sorte a minha poder conviver e aprender com você. Obrigada por tanto e por se revelar um segundo pai para mim. Que você tenha um ano repleto de amor, felicidades, viagens, saúde e realizações.

Amo você para sempre.

Beijos.

Johanna

“É justamente a habilidade amar e prover carinho ao mesmo tempo em que consegue ser a minha principal referência na vida, o meu norte, o que te faz o meu pai perfeito”

The WINNERS®
Prime Leaders Magazine

Publisher & Master Editor: Agostinho Turbian - publisher@editorai.com.br

CEO: Tathiana Hardt Souto Turbian - tathiana@editorai.com.br

Editors: Bruna Lencioni - MTB. 53.880 - bruna@editorai.com.br
Valéria Domingues - CONRERP 2ª Região 3860 - valeria@editorai.com.br

Art Direction | Testimonials: Guime Davidson

Cover: Vik Muniz

Illustrations: Paulo Caruso

Special Acknowledgments: Uajdi Moreira, Washington Olivetto, Daniela Romano, Christina Leite, Pedro Sirotsky e Marcel Caruso

Market Director: Gilberto da Silva - gilbertosilva@editorai.com.br

Director International Events: Adriana Salles

Master Design & Arts: Purim Comunicação Visual - arte@editorai.com.br

Avenida Angélica, 688 - cj 1001 - 01228-000 - S.Paulo - SP – Brasil

The Winners Prime Leaders Magazine is published bimonthly by GCSM - Global Council of Sales Marketing. Copyright ALL RIGHTS RESERVED. REPRODUTION WITHOUT permission is strictly prohibited. The Winners Prime Leaders Magazine is not responsible for the return or loss of unsolicited manuscripts or artwork. By submitting original art, photographs, transparencies, slides or digital images for editorial consideration in The Winners Prime Leaders Magazine (or website) and/or the magazine unlimited usage of these images in all editorial products, materials and website pages generated by The Winners Prime Leaders Magazine makes no guaranteed that submitted materials will be reproduced in the magazine or on the website. Any submission of manuscripts or art requires return must be accompanied by a written request and a SASE. GCSM audited. **Circulation:** 10,000 copies



Special alliance

FORUM das AMÉRICAS

We are associated and we recommend it

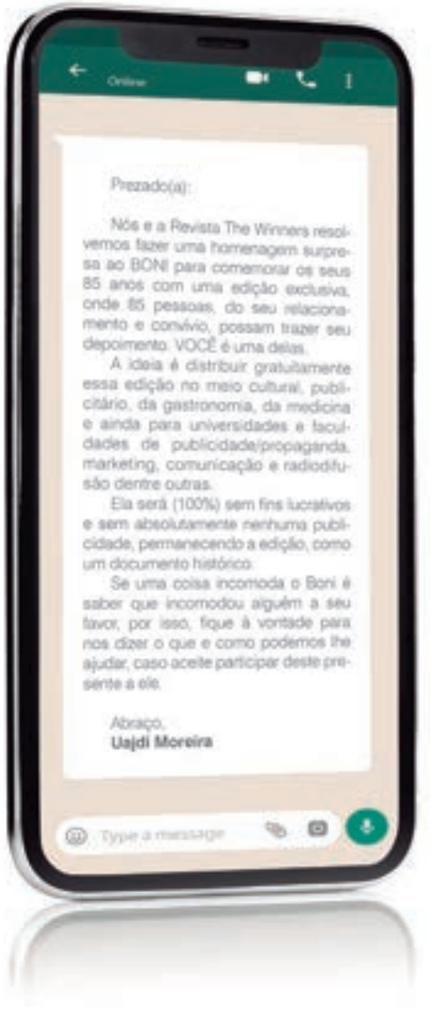
ANER

The Winners - Prime Leaders Magazine

@revistathewinners

www.thewinners.com.br

Foi assim que tudo começou




B5NI



Fernando Frazão/Agência Brasil

Fernanda Montenegro

Atriz

O Brasil deve a você, através da sua vocação, talento, visão e sadia audácia, um lugar excepcional na área da comunicação eletrônica mundial. Esse nosso ganho está em todas as áreas do processo televisivo internacional. Essa vitória devemos a você, Boni.

Você soube coordenar essa oportunidade que lhe chegou às mãos em determinado momento. Particularmente o que lhe agradeço é ter trazido a dramaturgia para uma presença absoluta dentro da nossa programação televisiva.

Essa "participação artística" já existia até mesmo no rádio desde os anos de 1930 e 1940. Porém, como programação ajutória. A partir de você, a nossa cultura dramática, quer em grandes textos, quer em melodrama e comédia, passou a nos dimensionar como artistas a serviço dessa nova linguagem, buscando, acima de tudo, além da qualidade técnica, o melhor de nossa arte.

Faz parte da nossa memória cultural televisiva autores, diretores, cenógrafos, figurinistas e cenotécnicos. E atores, atores, atores. Centenas e centenas de atores. O que de melhor havia e há nos nossos palcos, nas nossas escolas de teatro, em nossas oficinas profissionais. Abriu-se um mercado de trabalho de primeiro mundo. E o atuar do ator brasileiro através dessa tecnologia chegou a todos os rincões deste país.

Para o nosso espectador não existe, hoje, som mais arrebatador do que ouvir "eu te amo" em nossa língua. Faço TV desde janeiro de 1951. São 70 anos convivendo com as mudanças. Sou pioneira. E tenho orgulho do que pudemos ter realizado em nossos estúdios através daqueles anos. Sei exatamente o organismo que você criou nessa nossa área. Há uma TV brasileira antes de você. E a partir de você temos como base uma vitoriosa indústria de comunicação contemporânea, levando nossa cultura para nós mesmos e para o mundo. Grande abraço pelos seus magníficos 85 anos. Obrigada. TW

"A partir de você temos como base uma vitoriosa indústria de comunicação contemporânea, levando nossa cultura para nós mesmos e para o mundo"



Divulgação

Roberto Carlos

Cantor e compositor

“Boni amigo, Boni sincero, prático, direto ao assunto, sem rodeios, verdadeiro, do tipo que fala olhando pra gente. Conhece o sofisticado e usa com simplicidade, que é mais uma de suas qualidades. Meu grande amigo que admiro e respeito. Esse é o cara!”



JOHN MATHEW SMITH

Pelé

Pelé

“Olha aí, minha gente! O Boni é o nosso querido do Brasil, ou melhor dizendo, talvez até do mundo. Muita gente não sabe disso e talvez ele também não queira que eu diga, mas eu e o Boni, nós temos quase a mesma idade, né?! E é por isso que estou mandando parabéns para você, Boni. Um grande abraço e que Deus nos proteja sempre. Love, love, love.”





Divulgação

Nelida Piñon

Escritora e membro da Academia Brasileira de Letras

Ave, Boni

Boni é um visionário que desaguou a imaginação em múltiplos saberes. Atraído pelo mundo, alargou o acervo existencial sobrepondo-se aos desafios do ofício. À frente da televisão Globo, seu Graal, encaixou o pensar e suas realizações à matéria do seu sonho.

Ao longo dos anos, os efeitos de suas decisões criativas foram se incorporando ao palimpsesto nacional. Como resultado de sua crença, após ter colaborado em enlaçar uma geografia desmembrada, como a do Brasil, e consolidado na população o hábito de cultivar a tela da televisão, Boni correspondeu cada vez mais aos anseios de um povo segregado que, imerso em mutismo cultural, exigia informações. Carecia de arte, da dramaturgia das novelas, do melodrama a espelhar suas vidas anônimas. Uns conteúdos que lhes foram dados graças a uma estética compatível com seus cotidianos. Por força de uma linguagem que conjugava fabulação, imagem e fala que repercutiam na psique doméstica.

E, ao agir como um pedagogo, este Boni e sua grei promoviam, através da magia da tela, uma espécie de revolução cultural. Enquanto o veículo em conjunto opôs-se firmemente à práticas arrogantes que penalizavam o povo.

E assim foi ele, este brasileiro ilustre. Desde o início de sua atuação na Rede Globo, até o ápice, quando se despediu de suas funções. Ao ser, porém, um irrenunciável renascentista, seguiu confiante nas fontes produtoras da cultura. Por onde passa vai deixando pegadas. No seu discurso, na fé na vida, no talento.

Fiel aos amigos, abre-lhes a porta da morada. Com que gosto seleciona os vinhos, cuida da culinária.

Lou e ele exercem a arte da acolher os convidados. É uma prática civilizatória de quem acredita na benfazeja alegria humana. Fiz jus à sua amizade. Sou grata ao casal, ambos de façanhas generosas.

Com emoção ao celebrar seus 85 anos desejo-lhe quimeras, o olhar de lince e a audácia de auferir o que almeja. E aguardo que o Brasil reverencie os magníficos feitos deste seu filho. TW

> “Ao agir como um pedagogo, este Boni e sua grei promoviam, através da magia da tela, uma espécie de revolução cultural”



Divulgação

Tarcísio Meira

Ator

Glória Menezes

Atriz

Boni Querido de Oliveira e Sobrinho

Não existe mais Sobrinho em nome nenhum. Só no meu e no seu. Quando meu velho tio Tarcísio morreu eu não pensei em tirar o Sobrinho pelo grande respeito e admiração pelo velho tio professor que transbordava sabedoria. E falava, falava pelos cotovelos, mas não ouvia, porque já estava surdo como uma porta. Esse é um mal de família. Eu não sei porque você continua Sobrinho, mas não faz mal.

Estou escrevendo para lhe dar os parabéns pelos 85 anos, mas gostaria que você estivesse fazendo 40, 50 até 60 anos. Boni, quando você comandava a maior emissora do país. Porque você entendia como ninguém de televisão e você dava alma à ela. Porque mesmo uma máquina precisa ter alma e você sabia como criar isso, com sua inteligência e seu talento.

Você descia aos estúdios e interferia decisivamente nos nossos trabalhos de atores, diretores e autores. Nos musicais, nos humorísticos, nas novelas, de tudo, enfim. Uma boa emissora de televisão pode andar para a direita, para cima, para a esquerda, para frente e para trás, pode até ficar parada, mas se ela não tiver alma, ela tropeça em si mesma e cai. Eu costumo dizer, Boni, que você obtém respostas sem fazer perguntas, porque se você entende de televisão como ninguém, você entende pincipalmente de gente.

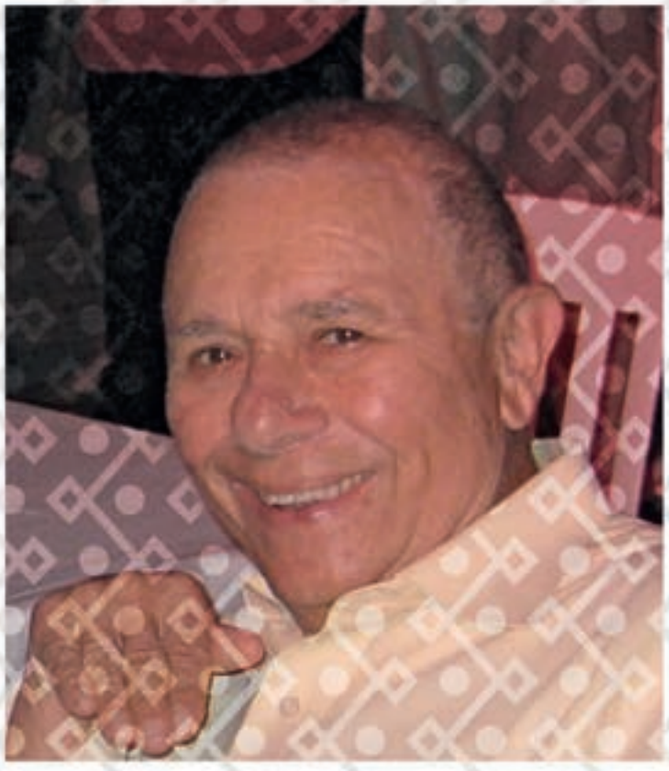
Lembro-me do dia em que o conheci. Num dia de gravação de “2-5499 Ocupado”, no longínquo 1963, na TV Excelsior. O nosso estúdio era no palco do Teatro Cultura Artística. Eu estava aborrecido por ter sido escalado para fazer aquela novela. Uma boa trama, como diz a Glória. Mas muito melosa, romântica. Quando eu cheguei perto de você, no corredor nos fundos do teatro, não sei porque nos falamos, eu manifestei meu desagrado e você disse: “vai com calma que a novela está fazendo um grande sucesso”. Aquilo calou fundo. Eu não o conhecia, acho que você trabalhava em uma agência de publicidade. E vieram outras novelas com sucesso maior, maior e maior.

Voltamos a nos encontrar anos depois, quando você nos convidou, a Glória e a mim, para trabalharmos na TV Globo. Fizemos “Sangue e Areia”, sucesso maior ainda, e depois outro e mais outro e mais outro sucesso cada vez maior. Tornamo-nos bons amigos e passamos por muitas coisas juntos, vimos disco voador e passamos pela emocionante procissão de barcos em Salvador, quando dezenas, centenas (?) de pessoas em muitos barcos cantavam a abertura de “Irmãos Coragem” ao redor de nosso barco.

Você, Boni, criou o inquestionável “Padrão Globo de Qualidade”, que na verdade deveria ser o “Padrão Boni de Qualidade”. Nós gostamos muito de você, Boni. Você faz muita falta.

Um grande abraço. TW

“Você, Boni, criou o inquestionável ‘Padrão Globo de Qualidade’, que na verdade deveria ser o ‘Padrão Boni de Qualidade’”



Divulgação

Joe Wallach

Empresário

A primeira vez que conheci Boni ele tinha 31 anos de idade, em 1966. Foi em Porto Alegre durante uma visita aos Sirotskys da TV Gaúcha. Boni e eu ficamos no mesmo quarto de um hotel modesto. O entendimento entre nós foi ótimo porque ambos gostávamos de música, principalmente das canções americanas populares. Passeamos de carro pela cidade de Novo Hamburgo cantando juntos uma tarde inteira.

Na época, Boni falava pouco, mas suas palavras saíam como disparos de metralhadora. Apesar das personalidades diferentes, nossa afinidade foi muito grande e permanece o mesmo hoje, com muito amor.

Boni é um homem muito generoso, sempre ajudando as pessoas menos privilegiadas, companheiros e amigos de várias maneiras. No fundo ele queria ser um médico. Ele é uma fonte dos remédios e medicamentos.

Boni é pai exemplar de quatro filhos que o amam e admiram. Sua esposa, Lou, talentosa e bonita está sempre nos corações de Doreen e no meu.

Foi Boni quem assumiu e dirigiu realmente a Rede Globo de Televisão. O brilhantismo de Boni é difícil de ser descrito por completo. Sua mente captou tudo que se passou ao redor e sua memória é excepcional. Sua criatividade casou-se muito bem com a execução prática das ideias.

O controle que exerceu sobre as pessoas derivou do respeito por seu talento e da confiança que nele depositaram. Boni estava sempre produzindo alguma coisa, seja um programa de televisão ou um jantar para 50 convidados com vinhos de primeira linha. Ele vivia constantemente buscando a perfeição nos outros e nele mesmo. Gostava de estar no leme, mas tratava as pessoas com cordialidade. Em qualquer negócio incluindo televisão há a parte operacional e a de administração.

Boni e eu criamos uma parceria excelente. Certa vez, Boni deu uma entrevista na qual afirmava: “se não fosse por Joe Wallach, eu jamais teria permanecido na TV Globo”. Uma honra que sempre guardarei com amor e respeito. Parabéns, Boni, para os seus 85 anos de tanto valor, com desejos de muita alegria na frente. De seu irmão, para sempre. TW

“Boni estava sempre produzindo alguma coisa, seja um programa de televisão ou um jantar para 50 convidados com vinhos de primeira linha”



Globo/Estevam Avellar

Fausto Silva

Apresentador

Assim como dificilmente haverá um outro Pelé, Ayrton Senna, Charlie Chaplin, Frank Sinatra, dificilmente teremos outro Boni na televisão brasileira. Primeiro porque não aparece um gênio a toda hora. E também porque a realidade é completamente outra. O país vive um momento sócio-político-econômico-cultural diferente daquele em que surgiram a televisão, seus primeiros profissionais e Boni.

A genialidade do José Bonifácio tem características bem peculiares: poucos souberam absorver a flexibilidade, a rapidez e a agilidade do rádio, assim como toda a criatividade da publicidade, onde trabalhou em grandes agências como criador. Para completar, aprimorou e ampliou seus conhecimentos musicais ao conviver com maestros do gabarito de Enrico Simonetti, Erlon Chaves, Rubens Perez "Pocho", Gabriel Migliori e Rogério Duprat. Um verdadeiro patrimônio cultural que adquiriu em sua vida e que o transformou em um profissional completo e de olhar amplo para todo o processo de realização da TV.

Boni é um raro exemplo de profissional que conseguiu ao longo de sua trajetória ser criador e produtor, cuidar da forma e do conteúdo com a mesma competência e ser eficiente em todas as áreas: dramaturgia, show, musical, variedade, humor, jornalismo, prestação de serviço público, esporte e no marketing.

Entendia e realizava tudo: temas, vinhetas, formato, conteúdo e a embalagem artística. Nenhum outro chegou a tal ponto. Quando ele começou, a televisão não ficava 24 horas no ar, mas Boni já estava o tempo todo no ar. Não parava de criar, avaliar e orientar.

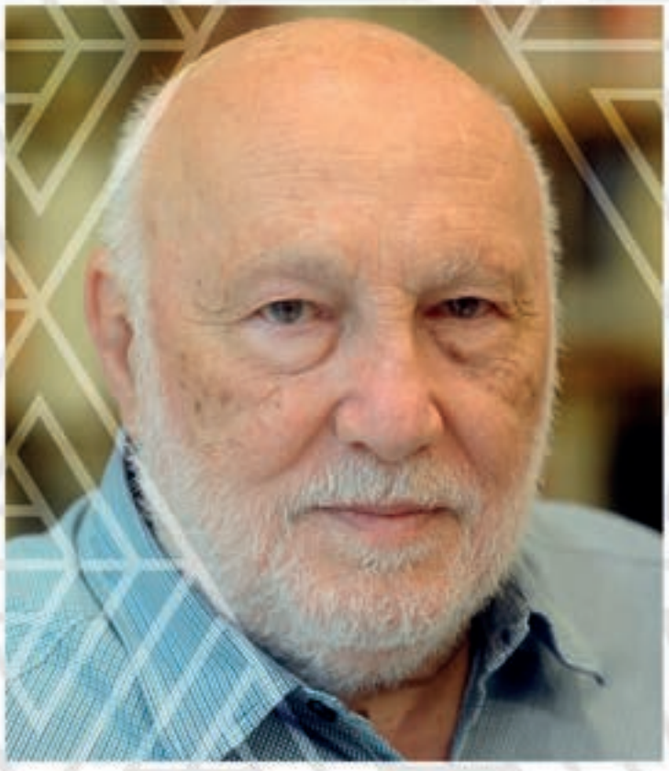
Boni não foi apenas estético, como a televisão exige, mas também poético, ético e eclético. Foi capaz de criar um padrão de qualidade e produção, que colocou a televisão brasileira entre as melhores do mundo. Só ele conseguiu ao longo da história identificar, descobrir e preencher os desejos, fantasias e anseios do telespectador brasileiro.

José Bonifácio é único na capacidade de comando, na sagacidade e na cultura. Ele ganhou o respeito e admiração de quem faz a televisão não só para pelo resultado de audiência, mas, principalmente, por ter sido um gestor de talentos inigualável, por saber extrair o máximo de cada pessoa que atuava na frente ou atrás das câmeras e também por valorizar essa profissão e a própria TV.

Claro que, como todo gênio, ele também teve os seus erros. Só que até nos fracassos os gênios são diferentes. Ele percebia logo quando uma ideia não ia

dar certo, tirava do ar imediatamente, ninguém percebia e até ele, com o tempo, esquecia. TW

"A genialidade do José Bonifácio tem características bem peculiares: poucos souberam absorver a flexibilidade, a rapidez e a agilidade do rádio, assim como toda a criatividade da publicidade"



Niccolo' Caranti

Domenico De Masi

Escritor

Tra i tanti regali di cui mi ha gratificato il mio impareggiabile amico fraterno Roberto D'Avila, c'è anche quello di avermi fatto conoscere Boni: un doppio genio, della televisione e della cucina.

Boni ha tutto: un bel cervello, un bel patrimonio, una bella cantina. E' dunque difficile accompagnare gli auguri per il suo compleanno con qualcosa di materiale e tangibile. Ho pensato, perciò, di regalargli otto "pensieri" di grandi scrittori, che io amo particolarmente. Spero che gli piacciano.

Il più ricorrente lo debbo allo scrittore francese Paul Valéry: "Bisogna essere leggeri come una rondine, non come una piuma". La piuma è in balia delle correnti mentre la rondine sa dove vuole andare. Il secondo "pensiero" è un elogio della cultura scritto da Bertrand Russell: "Ho gustato le pesche e le albicocche molto più di prima da quando ho saputo che si cominciò a coltivarle in Cina agli inizi della dinastia Han; e che i cinesi presi in ostaggio dal grande re Kaniska le introdussero in India, da dove si diffusero in Persia giungendo all'impero romano nel primo secolo della nostra era. Da allora questi frutti mi sembrano più dolci e mi piacciono molto di più".

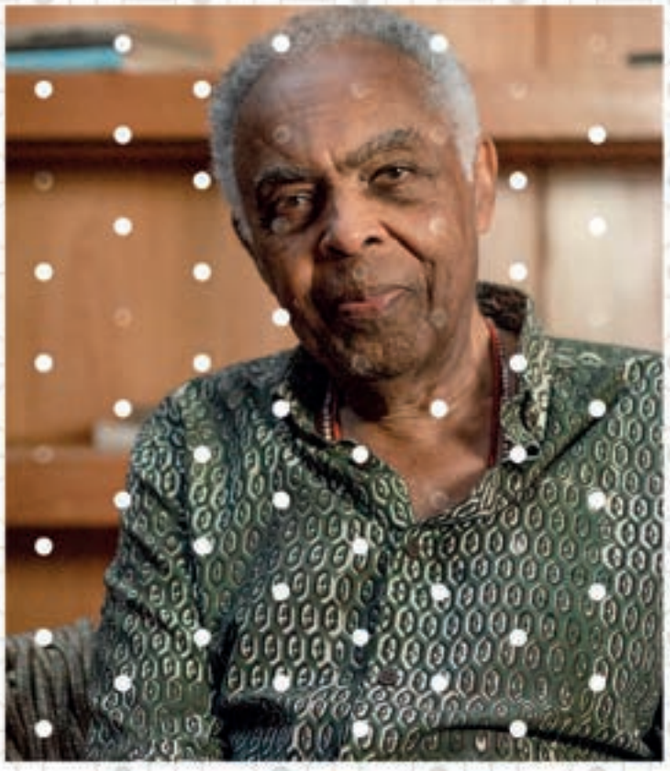
Il terzo "pensiero" è di Oscar Wilde e dice: "La vita è ciò che accade mentre noi pensiamo ad altro".

Il quarto pensiero è di Gilberto Freire: "Se dipendesse da me – scrive Gilberto Freire – non sarei mai maturo: né nelle idee, né nello stile. Sarei sempre verde, sempre incompiuto, sempre sperimentale".

Il quinto pensiero è del poeta inglese John Keats e dice: "L'opera d'arte è una gioia creata per sempre".

Per dare a ogni cosa il giusto peso può aiutarci Aristotele quando dice che "La guerra è in vista della pace, il lavoro è in vista del riposo, le cose belle sono in vista delle cose utili". Questo concetto di mutamento trova riscontro nel pensiero di Eraclito: "E' nel mutamento che le cose si riposano". E quando proprio la vita continua ad andare per il rovescio, si può concludere con il grande coreografo Maurice Bejart: "Malgré la merde, je crois". TW

"Boni ha tutto: un bel cervello, un bel patrimonio, una bella cantina. E' dunque difficile accompagnare gli auguri per il suo compleanno con qualcosa di materiale e tangibile"



RAUL DE LIMA

Gilberto Gil

Cantor e compositor

Quando a televisão fazia a sua entrada triunfal na vida do país, instalando entre nós um pulsar renovado nos meios de comunicação, através de seu poder mágico de alcançar o olhar curioso do povo em relação a tudo que está ao redor, perto ou longe, aqui mesmo ou no lugar mais distante. Quando a TV passa a produzir o milagre do espelho refletindo a imagem instantânea do mundo – uma espécie de raio X revelando as entranhas de tudo, a todo momento, nesse mesmo instante, no advento desse super meio difusor de imagens e sons surgem aqueles cuja intuição, a inteligência, a curiosidade e o senso de inovação leva-os a trabalhar com essa nova ferramenta, a brincar com esse novo brinquedo, a explorar, da televisão, o horizonte, a fronteira.

José Bonifácio de Oliveira, o Boni, foi um desses pioneiros. Absorvendo de São Paulo, sua terra, o traço de dinamismo e propulsão; valendo-se de sua noção natural de pertencimento a um povo moderno e complexo como o brasileiro; compreendendo como poucos o alcance da televisão, entrega-se ao trabalho obstinado com a plataforma da caixa mágica.

Depois de tantos anos de serviços prestados a esse instrumento produtor de linguagem e mediador da fala nacional, Boni encontra-se, ainda hoje, criativo e curioso em meio à multiplicidade de intercâmbios entre todas essas rápidas e surpreendentes formas de comunicação que o ciberespaço vem acrescentando aos meios.

Boni, para aqueles que como eu têm a oportunidade de ocasionalmente encontrá-lo e compartilhar um momento, traz o permanente olhar de rapaz astuto e curioso, a suave aura de educação e elegância que o tornaram uma figura admirada e apreciada.

Que esses muitos anos de vida fértil e produtiva se estendam por muito tempo ainda pelos campos misteriosos do futuro.

Meu carinho, velho vinho!

Receba meu beijo e de Flora.

Parabéns! TW

“Depois de tantos anos de serviços prestados a esse instrumento produtor de linguagem e mediador da fala nacional, Boni encontra-se, ainda hoje, criativo e curioso em meio à multiplicidade de intercâmbios entre todas essas rápidas e surpreendentes formas de comunicação”



Divulgação

Sérgio Mendes

Maestro

Gracinha Leporace

Cantora

Um dia, no começo dos anos 70, meu amigo Marcos Vasconcellos (grande arquiteto e assíduo frequentador do Beco das Garrafas, na minha época), me convidou pra almoçar em sua casa. A razão principal desse almoço era me apresentar ao Boni.

Eu conhecia o Boni de nome, mas nunca tínhamos sido apresentados, até então. Eu já morava nos Estados Unidos há muitos anos. Mas, Marcos sempre achou que nós dois tínhamos muito em comum – tínhamos grande curiosidade e paixão pelas mesmas coisas – portanto deveríamos nos tornar amigos.

Ele estava certíssimo!

Nos tornamos não só grandes amigos, mas também compadres. Ele é padrinho do nosso filho Tiago, já eu e Gracinha somos padrinhos de Bruno, com muito orgulho.

Nesses quase 50 anos vivemos muitos momentos de grande alegria, descobertas e experiências memoráveis. É sempre uma celebração da vida quando estamos juntos! E como todos que o conhecem sabem, não existe um amigo mais leal, além de generoso, do que o Boni! E temos a sorte de nossos filhos terem se tornado grandes amigos também.

Compadre querido, desejamos a você, com muito amor, tudo o que o mundo tem de melhor! E que possamos comemorar, juntos, muitos aniversários mais e a vida! Beijão. TW

“Todos que o conhecem sabem que não existe um amigo mais leal, além de generoso, do que o Boni! E temos a sorte de nossos filhos terem se tornado grandes amigos também”



Aline Arruda

Regina Casé

Atriz

O primeiro a chegar sempre. Sempre o primeiro em tudo. Quando eu tive o diagnóstico de surdez da minha filha Benedita fiquei baratinada, perdida, ele chegou e me disse aonde ir e com quem falar. Foi o primeiro que me encarou e disse: “vamos ver isto juntos”. Ele me mandou (quase ninguém manda em mim, mas ele sim, e eu, obedeço, eu gosto) ir no dia seguinte para São Paulo para ver um médico.

Na saída da consulta, fui pagar e a recepcionista disse para eu não pensar em nada, não me preocupar, que o “seu Boni” já havia resolvido tudo.

Quando meu pai morreu, saí do quarto e antes de chegar à portaria do hospital, o celular tocou e era o Boni perguntando: “meu bem, você está precisando de alguma coisa?” E falando maravilhas do meu pai e do meu avô, que ele adorava.

Mais uma vez, ele foi o primeiro, antes mesmo da minha família.

Nem sei como ele sabe das coisas tão cedo, antes de todo mundo! Parece que tem uma antena, um satélite! Quando o Estevão, meu marido, sofreu um acidente gravíssimo, no primeiro dia em casa depois do pesadelo no hospital, toca a campainha, abro a porta e era o Boni. A primeira visita e novamente perguntando o que a gente tinha de fazer a seguir, quem vai ser o fisioterapeuta, a cadeira de rodas, checando se estava tudo em ordem... É impressionante, ele sempre brota!

Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença... Agora me dei conta de que só falei do talento do Boni para cuidar de mim, cuidar da gente. E a TV? E tudo que ele faz de incrível na TV? Eu sempre adorei trabalhar com ele, mesmo tendo recebido e colecionado muitos dos seus famosos memorandos!

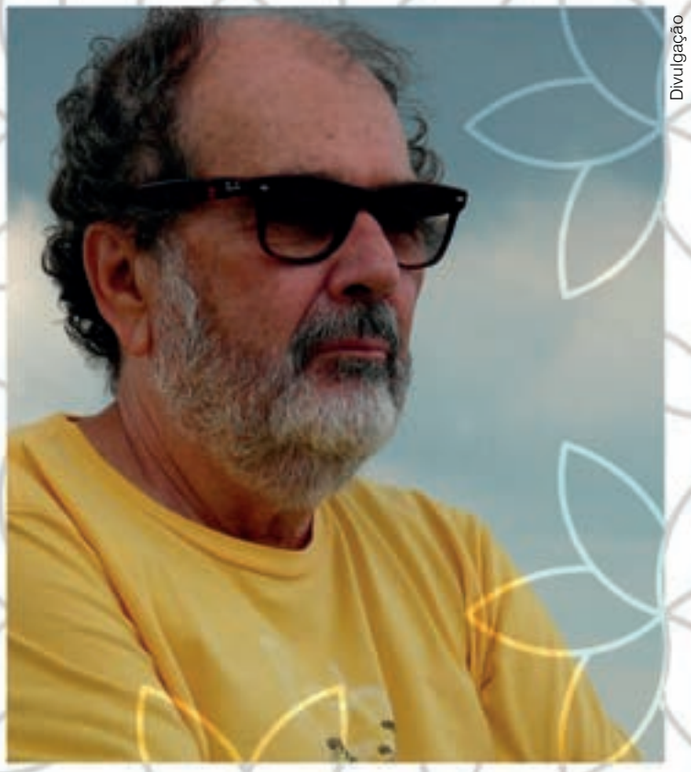
Uma honra ouvir dele que gostava de ver que eu, uma garota metida e insubordinada, não tinha medo dele.

Tinha e tenho admiração! Ficava orgulhosa demais quando ele me dizia que não ia marcar reunião comigo porque eu conseguia convencer ele de qualquer coisa! Abusada... Além da TV, o carnaval, o mar, a comida, a festa... Tantas afinidades... Poderia usar mil eufemismos para dizer que adoro esse cara apesar de ele ser tão... “contundente”?, “incisivo”?, “firme”? Mas vou usar mesmo a palavra BRABO.

Sempre adorei o Boni mesmo ele sendo tão BRABO! Não é à toa que hoje brabo é uma gíria usada tanto por uma menininha para dizer que o cara é incrível no skate quanto por um rapper, para dizer que o cara rima muito!

BRABO é eufemismo para FODA! Esse cara é BRABO! BONI é BRABO! Por isso eu gosto tanto dele. TW

“Sempre adorei trabalhar com ele, mesmo tendo recebido e colecionado muitos dos seus famosos memorandos! Uma honra ouvir dele que gostava de ver que eu, uma garota metida e insubordinada, não tinha medo dele”



Divulgação

Cacá Diegues

Cineasta

Inventado no finalzinho do século XIX, o cinema se tornou o avozinho, o patriarca de uma família audiovisual cuja filha mais sapeca é a televisão que, a partir do fim da Segunda Guerra, se tornou o meio fundamental de comunicação e conhecimento da humanidade.

No Brasil, foi José Bonifácio de Oliveira Sobrinho quem deu um jeito nela, lhe dando origem, caráter e estilo. Foi ele quem criou uma televisão moderna com os elementos mais originais da cultura brasileira, da procissão ao carnaval, da caravana circense ao teatro de revista, do folhetim ao rádio, montando-a a partir de seu amor sem preconceito e de seu conhecimento natural do povo, esticando os limites da tradição e da tecnologia. De uma linhagem fundadora, de Pedro Álvares Cabral a Vianinha, Boni foi um real descobridor do Brasil. TW

“Foi ele quem criou uma televisão moderna com os elementos mais originais da cultura brasileira, da procissão ao carnaval, da caravana circense ao teatro de revista, do folhetim ao rádio”

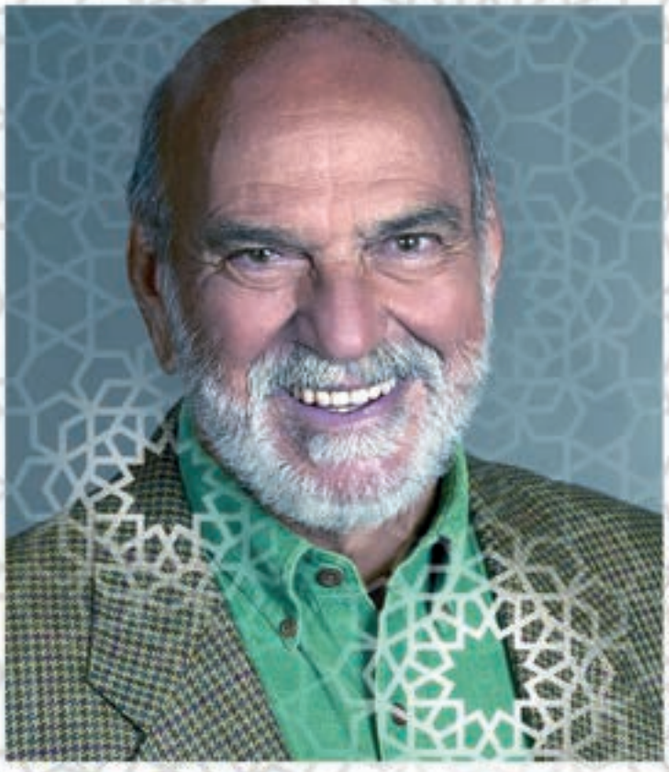


Ique Esteves

Daniel Filho

Diretor e produtor

“Fiquei dias pensando em que escrever sobre o Boni. Pensava nele e juntava as várias ações que fizemos juntos. O quanto sonhávamos e fazíamos. Difícil resumir 50 anos de convivência, amizade e trabalho. De repente, como quando começamos, veio uma das lições que ele me deu. Seja simples, corte os adjetivos. Boni, devo a você minha vida profissional.”



Chicó Audi

Lima Duarte

Ator

Acho que as histórias são boas porque falam do que a gente é, do que a gente foi e do que a gente pretende ser. Essa história que conto agora aconteceu há mais de 50 anos. Eu trabalhava no Teatro de Arena. Eu estava lá um dia e chegou um rapaz, um amigo do Boni e me disse que o Boni pediu para me entregar uma passagem de ônibus para eu ir para o Rio de Janeiro, e um voucher para o hotel Leme Palace. Eu mal conhecia o Rio de Janeiro, mas eu peguei o ônibus de manhã, viajei e fui até lá. Me hospedei em um apartamento junto com o Boni.

O Boni chegou de manhã e fomos tomar café. E ele falou do jeito Boni de ser: "agora vamos sair e você vai ver umas coisas aí". De manhã encontramos o produtor artístico Carlos Imperial. Depois fomos almoçar com o radialista César Alencar. E eu pensando: "meu Deus, esse homem da Rádio Nacional, eu ouvia ele lá na minha terra. Que homem importante". Aí acabou e o Boni disse: "agora vamos ao apartamento da atriz Rose Rondelli, em Copacabana, onde estava o Chico Anysio, filhos do Chico Anysio, o poeta Antônio Maria, o Edu Lobo, o Fernando Lobo (pai de Edu Lobo), o Daniel Filho, olha, a elite do pensamento brasileiro estava neste apartamento.

E o Boni ali, participando, e aquela gente falando. Aí ele chegou em um cantinho e me disse: "presta atenção, é com essa gente que você vai trabalhar." Saímos dali, fomos jantar e quando acabou o jantar fomos ao Beco das Garrafas, que estava na moda, ver o show do Simonal. Tudo era fantástico. Simonal, Beco das Garafas, enfim.

Já era madrugada e o Boni foi dormir. E eu fui tentar dormir com aquelas pessoas todas na cabeça, aquelas palavras. Lá pelas 2h30, 3h eu fiz um bilhete. Escrevi: "Boni, eu vou ser uma decepção tão grande, tão grande e tão amarga. Vou ser uma negação tão brutal para você, que eu não quero viver esse momento. Me desculpe". Coloquei o bilhete no criado e fugi. Fui a pé, peguei o ônibus, voltei ao Teatro de Arena, para a Tupi, para São Paulo à minha prosaica vida.

E eu conto, às vezes, essa história que eu fugi e eu acho que o Boni não gosta. Agora, depois de tantos anos, eu quero confessar porque que fiz aquilo. Eu percebi no meio daquela conversa, pessoas, assuntos, clima, que eu não podia seguir você, seguir a sua cabeça, a vibração, a imaginação, a sua força criativa.

Hoje eu digo, Boni desculpa por ter fugido. Agora, nos seus 85 anos, te conto que fugi de medo. Medo dessa cabeça, energia, força, mas mantenho com você desde então – os franceses tem uma expressão muito interessante para isso – mantenho com você, sobre você, uma metier amouresse. Parabéns, amigo. Você está com 85 anos e eu com 90. Você chega lá. Nós vamos nos encontrar um dia nesse terreno inconsútil, nesse paraíso feito de sonhos, desejos e paixões. Havemos de nos encontrar lá. Quem sabe se lá consiga te apanhar um pouquinho. Um abraço, Boni, com meu respeito e minha admiração. TW

> "Fugi de você por medo de sua força"



Divulgação

Octávio Florisbal

Publicitário

Anos dourados

Boni e eu começamos a trabalhar juntos quando fui para a TV Globo, no início dos anos de 1980. Nesse período criamos a parceria das áreas de entretenimento, jornalismo/esporte, produção e programação com a área comercial.

Essa estratégia foi muito importante em relação ao cuidado com a embalagem e a duração dos intervalos comerciais, às novas formas de patrocínio e aos grandes projetos de comunicação: Copa do Mundo, Olimpíadas, Futebol, Fórmula 1, Carnaval e vários outros.

Tivemos a felicidade de trabalhar com uma geração de profissionais talentosos, apaixonados pela profissão e orgulhosos de fazer parte das equipes da TV Globo.

Acredito que tenham sido os anos dourados, tanto para a TV Globo quanto para as agências de publicidade, com grandes nomes nas suas áreas de criação e de produção de campanhas.

A liderança de Boni, seu talento e a busca permanente pela inovação, e pelo padrão de qualidade da programação, foram fundamentais para o desenvolvimento e a conquista da liderança de audiência. Foi isso que levou a TV Globo a se posicionar entre as quatro maiores e melhores redes de TV aberta do mundo na época, segundo a revista Advertising Age.

Ao longo de quase 40 anos de convívio na TV Globo, e depois, no relacionamento com a Rede Vanguarda, construímos uma amizade que venceu a distância e o tempo. Estar entre os seus amigos é um privilégio. TW

“A liderança de Boni, seu talento e a busca permanente pela inovação, e pelo padrão de qualidade da programação, foram fundamentais para o desenvolvimento e a conquista da liderança de audiência”



Divulgação TV Globo

Pedro Bial

Jornalista

O que tenho a dizer é que não adianta o tempo passar, contarem os anos, celebrarem os aniversários, 80, 81, 82, 83, 84, não adianta o tempo passar porque ele nunca vai se conformar. Melhor dizendo, ele nunca vai parar de brincar como criança, pois tem um menino de Osasco dentro dele.

Ele nunca vai parar de brincar, mas é assim: chamando os melhores brincadores naquilo que ele quer brincar, para brincar com ele. Fazendo questão de prover os melhores brinquedos e playgrounds para que todos brinquem com os melhores recursos possíveis. Além de chamar os melhores brincadores para brincar, ele também vai fazer questão de organizar a brincadeira, de liderar a brincadeira e sabe que todo mundo vai topar.

Vai topar, porque, além de ter das melhores ideias, ele organiza direito, conduz, faz acontecer. Então é natural que a gente, quando chega o aniversário dele, olhe e pense que, puxa, vamos celebrar.

Mas quem pensa em homenagear esse homem ressaltando seus grandes conhecimentos culinários ou reconhecendo sua cultura enológica, e assim agradar o mestre, qual o quê, esqueça: aquele menino de Osasco não liga para essas coisas.

E é esse menino que quer ser reconhecido, mais do que o velho sábio, danado, esperto, cheio de artifícios e feitiços e cuja brincadeira é brincar de comunicação, de publicidade e de televisão.

Boni tinha 23 anos quando fez o slogan para a Varig com três notas musicais: “Varig, Varig, Varig”. Olha só, se com 23 anos o cara fez isso, só nos resta repetir o termo que percorre todo esse texto: é brincadeira!.

Da comunicação e do cenário da comunicação, da televisão e da publicidade brasileiras, ele fez esse recreio. Criou os brinquedos (cria até hoje) e, como bom brincador, deu as condições e o impulso a outros bons brincadores, que soube e sabe encontrar - dono do grande talento de saber reconhecer outros talentos.

Não adianta ele fazer 85 anos. Não adianta, o calendário enlouqueceu com ele, porque ali dentro mora um menino danado, travesso, que vai continuar aprontando e vai continuar menino. Levando tudo muito a sério, mas com um sorrisinho na alma.

A sério mesmo você tem que levar as consultas médicas que ele tem a nos dar. Isso é o Boni. Aí reconheça, aí não é menino não.

Aí é o homem que quer conhecer todos os remédios, todos os tratamentos, saber tudo, dar consulta, ser o doutor Boni.

Mas o menino, o menino brinca de fazer os outros felizes. E fica muito feliz fazendo isso. TW

“Não adianta ele fazer 85 anos. Não adianta, o calendário enlouqueceu com ele, porque ali dentro mora um menino danado, travesso, que vai continuar aprontando e vai continuar menino”



Divulgação

Dr. Paulo Niemeyer Filho

Médico

Conheci o Boni muito antes dele me conhecer e acredito que outros devam ter essa mesma sensação. Seus feitos profissionais eram contados e recontados com admiração pelos jovens da minha época, sempre se referindo a um comandante preparado, poderoso e eficiente. Eu ouvia com atenção.

Bebel, minha mulher, diz que conheceu três "Napoleões" em sua vida, e que o Boni é um deles. Faz sentido, pois tem também a erudição, coragem e a ousadia que caracterizam essas personalidades.

Boni conquistou tudo e a todos, e segue sendo uma referência, um monumento carioca, apesar de ser paulista. Há poucos anos, fui convidado para almoçar em sua casa, em uma sexta-feira, quando costuma receber os amigos. Foi um "upgrade" na minha vida e, depois disso, passei a dizer com orgulho: sou amigo do Boni.

Pode parecer brincadeira, mas não é, sempre cultivei a admiração pelos realizadores e por aqueles que sabem o que eu não sei.

Desde então, nos aproximamos e, com a convivência, pude perceber que aquela fortaleza, que eu imaginava, tem um coração doce, totalmente encantado e conduzido pela Lou, sua mulher. Ali está a chave do mistério.

Lou, com sua beleza e juventude, rápida como um raio, é quem aditiva a vida do Boni e é quem também dá sentido e sabor aos seus grandes vinhos.

Pelo hábito da minha profissão, atendendo pacientes diariamente no consultório, desenvolvi uma boa escuta e tornei-me um bom observador.

Logo percebi o valor que Boni dá aos amigos pelo esmero com que os recebe. Os apaixonados pela boa mesa disputam o privilégio de terem conhecido o que supõem serem os melhores restaurantes do mundo. Não sabem de nada. A Cozinha do Boni, com ele à frente, preparando pessoalmente receitas incríveis e utilizando as técnicas mais sofisticadas da gastronomia contemporânea, é imbatível!

Por isso, comer em sua casa é um privilégio! Ali sentam-se artistas, dirigentes de escolas de samba, empresários, escritores, jornalistas e médicos, todos com a sensação de serem seus amigos de infância. E ele conversa com cada um, como se fosse colega de profissão.

Assinante da famosa revista médica "New England Medical Journal", ele sabe tudo de medicina e está sempre atualizado sobre as mais recentes pesquisas. Às vezes, penso que eu deveria me preparar melhor antes de encontrá-lo.

Agora, aos 85 anos, nosso Napoleão continua dando lições de modernidade e sabedoria, desenvolvendo inúmeros projetos, atuais e futuros, mantendo a curiosidade pela vida.

Boni, sou seu fã. Parabéns, saúde e vida eterna. TW

"Com a convivência, pude perceber que aquela fortaleza, que eu imaginava, tem um coração doce, totalmente encantado e conduzido pela Lou, sua mulher. Ali está a chave do mistério"



Globo/Estevam Avellar

Tony Ramos

Ator

José Bonifácio. Boni. Chefe, companheiro. Jamais boss (patrão). Nada contra a consagrada palavra, mas Boni sempre foi e é um chefe que exerce uma liderança absolutamente verdadeira, sem soberba, nem intimidação. Enérgica, mas justa, e o melhor de tudo: ao cobrar, explica e sabe o que quer.

Tivemos uma relação direta de trabalho por cerca de 35 anos, mas que continua, pois gosto de ouvi-lo, de suas entrevistas e, principalmente, de sua constante atualização frente ao que cerca a comunicação no mundo.

Sempre disse: procurar adjetivos para qualificar a sua linda trajetória profissional é apenas como buscar belas palavras. Na verdade, basta informar a todos o seu currículo, que é público e que é definitivamente o resultado de seu trabalho na publicidade e na televisão. Boni, saiba de minha definitiva admiração e respeito. Sua visão profissional está presente em todos nós.

Aliás, para sempre.

Parabéns. Abraço, amigo. TW

“Boni sempre foi e é um chefe que exerce uma liderança absolutamente verdadeira, sem soberba, nem intimidação. Enérgica, mas justa”



Divulgação

Bruno Barreto

Cineasta

Eu e Lisa, minha mulher na época, estávamos em nossa casa de praia entre Paraty e Angra, com os meus pais – Lucy e Luiz Carlos Barreto (Barretão) – , o jornalista. Roberto D'Ávila e Ellen Grace, então ministra do STF e namorada do "brizolista" mais charmoso que conheço.

Depois de uma saudável nadada matinal (a ministra usando boias espaguete, pois não sabia nadar), o Roberto recebe uma chamada no celular. Era o Boni nos convidando para comer uma paella na casa dele em Angra.

A lancha chegaria às 13 horas em ponto para nos pegar. A expectativa começou a borbulhar dentro de mim, igual ao que acontece com a paella quando está sendo preparada. Já tinha ouvido falar muito da paella que o Boni fazia, mas nunca havia provado.

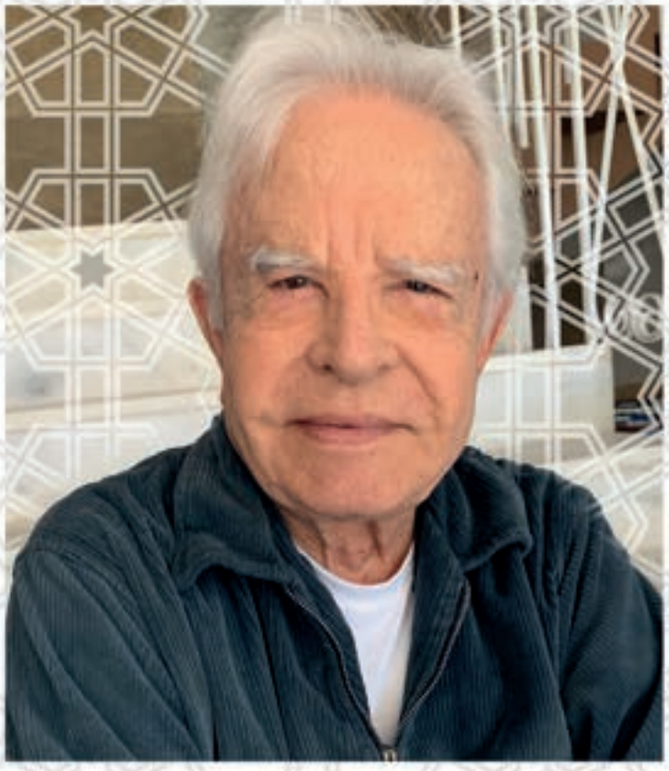
Conheci pessoalmente o José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, em 1974, quando eu tinha 19 anos e ele 39. Foi na estreia de "A Estrela Sobe", segundo filme que dirigi, no cinema Roxi em Copacabana.

O Walter Clark, meu pai e o Aloysio Salles eram os produtores. Logo que acabou a projeção (eu fico sempre em pé no fundo do cinema vendo a reação da plateia), fui correndo para o banheiro. Como de hábito, evito os urinóis, preferindo a privacidade das privadas. Ao me dirigir a uma das pias para lavar as mãos, escuto o seguinte: "Walter, o garoto tem talento e sabe contar uma história. Vai fazer sucesso". Olhei para onde vinha a voz, e lá estavam o Boni e o Walter Clark "tirando a água do joelho" nos mictórios.

Enxugava minhas mãos quando o Walter se aproximou e me apresentou ao Irving Thalberg brasileiro. Tal e qual o produtor ícone de Hollywood, responsável por fazer da MGM o maior estúdio americano, selecionando scripts, atores e diretores a dedo, Boni já era um mito por causa do seu sucesso como diretor de programação da Rede Globo há quase dez anos. Por isso nunca me esqueci daquela profecia que ouvi no banheiro daquele cinema no Rio de Janeiro. "A Estrela Sobe" se tornou um grande sucesso, de público e de crítica.

Cozinhar é também contar uma história e o Boni faz essas duas coisas com imenso prazer e maestria. E como contar uma história na linguagem audiovisual envolve tantos elementos como roteiro, direção, cenografia, figurinos, edição e música, para citar apenas alguns, a associação com a elaboração da paella é imediata. Desde a variedade dos ingredientes, suas diferentes texturas, e por isso, diferentes tempos de cozimento, até o tempero que está para um prato, assim como a trilha sonora está para uma narrativa audiovisual – a paella feita pelo Boni é como uma novela que você saboreia, que bate todos os recordes de audiência e você não quer que acabe. Pouco antes de finalizar o prato, todos os convidados estavam em volta dele com água na boca. TW

> "Cozinhar é também contar uma história e o Boni faz essas duas coisas com imenso prazer e maestria"



Divulgação

Cid Moreira

Apresentador

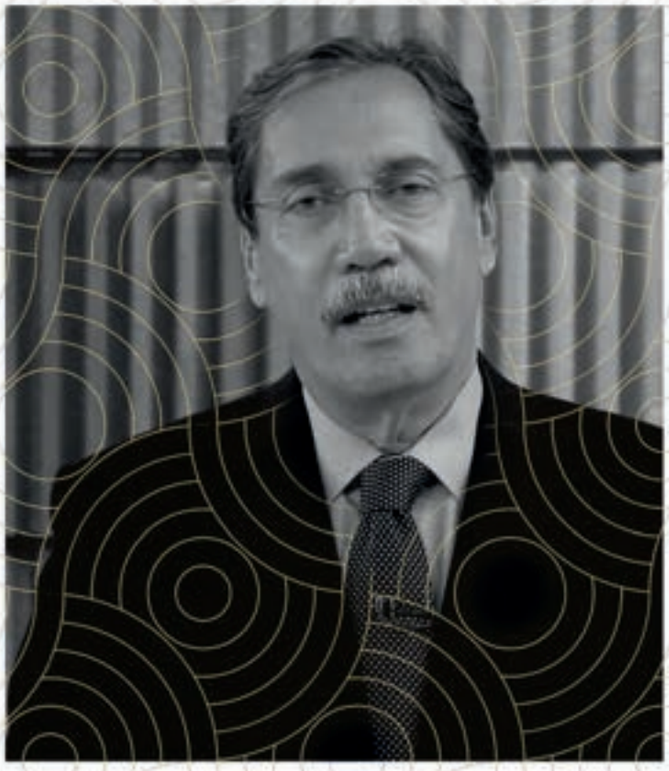
Boa noite!

Acredito que a palavra mais próxima para representar meus sentimentos pelo Boni é gratidão. Não consigo pensar em outra. Poderia tentar escrever um texto rebuscado! Cheio de palavras que impressionam quem vai ler. Mas, meu querido, José Bonifácio sabe que sou de poucas palavras, de poucas pessoas. Ele sabe que faz parte dessas poucas pessoas que admiro.

Apesar de ser um homem de comunicação, sou econômico em me expressar. Uma das facetas que mais gosto no Boni é a lealdade! Seu estilo "chuva de verão" protege um grande e generoso coração que não tem tamanho quando o assunto é ajudar.

Ao meu ver uma das mentes mais brilhantes de sua geração. Soube usar a criatividade como poucos, com isso descobriu talentos, expôs grandes potenciais e formou uma escola de profissionais que ganhou o mundo! Deixo aqui meu abraço extensivo também aos seus filhos que trilham o mesmo caminho! TW

"Uma das facetas que mais gosto no Boni é a lealdade! Seu estilo 'chuva de verão' protege um grande e generoso coração que não tem tamanho quando o assunto é ajudar"



Divulgação

Merval Pereira

Jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras

Certa vez encontrei com o Boni na sala VIP do Galeão. Quando disse que iria para Saint Martin, ele deu uma bronca. “Chegando lá, pega um aviãozinho daqueles e vai para Saint Barth. Saint Martin não vale nada”.

Uma banho de água fria do Caribe. Mas tratava-se de um claro exagero, Saint Martin foi ótimo. Mas prefiro Saint Barth, depois de tê-la conhecido com as dicas do próprio. Boni é assim, exagerado, entusiasmado, mas sempre pronto a dar sugestões que melhoram a vida. Não sei se é vaidade ou simples prazer em ajudar. Acho que um pouco das duas, mas isso não importa. O que vale é o resultado final, seja na dica de um bom restaurante, seja de um remédio, ou conversas sobre História.

Porque Boni é especialista em várias coisas, e gosta de compartilhar suas descobertas. Seja um restaurante chinês embaixo de um viaduto em Paris, com uma comida espetacular apesar do local estranho. E citar o Boni vale como uma apresentação, o serviço melhora um bolão. Chegar com o Boni então no Le Bernadin em Nova York, ou no Peter Luger no Brooklin, é garantia de boa comida, boa bebida e boa conversa. Que pode até render a indicação de um novo remédio para refluxo que dura 24 horas, evitando que você precise tomar duas doses ao dia. Não disse que Boni é especialista também em remédio? 85 anos bem vividos, que deixaram sua marca na televisão brasileira. TW

“Boni é assim, exagerado, entusiasmado, mas sempre pronto a dar sugestões que melhoram a vida. Não sei se é vaidade ou simples prazer em ajudar. Acho que um pouco das duas, mas isso não importa”



Divulgação TV Globo

Glória Maria

Jornalista

O Boni faz parte da minha vida e da minha história. Comecei a trabalhar na TV Globo ainda muito jovem e ele estava lá. Com uma energia e dedicação invejáveis. O perfeccionismo e o rigor profissional eram contados quase como lenda pelos corredores globais.

Mas era tudo verdade! Boni sempre foi um mestre. Muito do que sou como jornalista aprendi também com ele, que sempre acreditou no meu trabalho e me deu inúmeras chances. E broncas também!

Foi na época do Boni na TV que comecei a apresentar shows, festivais e até especiais do rei Roberto Carlos. A crítica direta nunca poupou ninguém. O humor afiado também.

Amigo fiel soube manter sua turma ao longo da vida. Coração gigante. Temos o privilégio de contar com ele em qualquer situação. Amo todos os BONIS que cabem no José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Impossível destacar o mais fascinante porque para ele o tempo não para e o aperfeiçoamento é constante.

Sou feliz e agradecida por ter na minha vida um amigo como o Boni. Descobridor dos sete mares, que não perde o desejo de navegar e, generoso, de compartilhar suas descobertas. Incrível! São 85 anos e uma vida de menino sapeca sempre com um truque para surpreender! Eu adoro surpresas! Principalmente aquelas que nos mostram o caminho da juventude eterna que ele espertamente vem seguindo.

Te amo, Boni! Obrigada por ter me ensinado tanto! TW

“Descobridor dos sete mares, que não perde o desejo de navegar e, generoso, de compartilhar suas descobertas”



Alice Vergueiro/ABRAJI

Ancelmo Gois

Jornalista

Senhor TV

Boni é um sedutor. Duvido que algum convidado para um daqueles manjares dos deuses em seu apartamento em São Conrado - e desconfio que são muitos - não se sinta em casa, pela cortesia, atenção e delicadeza. Mesmo para um cabra como eu, que prefiro, sem demagogia, um queijo de coalho a um camembert ou um copo de caldo de cana a um cálice de Romanée-Conti (digo sem orgulho). O problema nessas horas é você, escravo do trabalho, escapar desses encontros antes de o sol se por.

Dito isso, Boni é antes de tudo um talento da TV. O maior do século XX. Ele está para nossa TV como Oscar Niemayer está para a arquitetura ou Ivo Pitanguy para a cirurgia plástica, para ficar em dois exemplos. Boni é o melhor do ramo e é preciso cada vez mais celebrar o talento no Brasil. Até porque neste momento os toscos idiotas avançam, que nem um Exército de Brancaleone, em vários setores da vida privada e, principalmente, da pública do mundo.

A TV Globo é um dos maiores "cases" de sucesso no Brasil (desconfio que até seus inimigos públicos e dissimulados, que não são poucos, concordam). Casar qualidade e audiência é a maior obra do Boni, com o apoio fundamental de Roberto Marinho, um empresário de visão. E mais: fez isso valorizando o conteúdo nacional - ao contrário da maioria dos concorrentes.

Para mim isto faz uma baita diferença. Discutir qual o percentual de conteúdo nacional de uma plataforma de petróleo, até aí eu vou. Mas não existe uma grande nação que não valorize sua cultura. Vale para os EUA ou para a China - pouco importa. Parodiando nosso Monteiro Lobato, uma nação se faz com homens e cultura.

Quer um exemplo em mil? A Globo levou para a telinha "Grande Sertão: Veredas" a obra prima de Guimarães Rosa. Cinema e música brasileira tiveram e têm espaço permanente na grade da emissora. Isso sem falar em um jornalismo de grande qualidade. TW

> "Boni é antes de tudo um talento da TV. O maior do século XX. Ele está para nossa TV como Oscar Niemayer está para a arquitetura ou Ivo Pitanguy para a cirurgia plástica"



Rodrigo Marques

Simone

Cantora

Sou uma mulher de palavras. Cantei tantas e tão bonitas que, quando preciso escrever, escrevo sempre como canto. Eu vejo as palavras, cheiro as palavras, mordo as palavras. Não posso e nem sei cantar de outro jeito. Canto com os cinco sentidos. E, em boa verdade, meus sentidos tantas vezes foram despertados pelas experiências que esse querido amigo me proporcionou: um vinho novo que me apresentava com deleite, um lugar em Nova Iorque onde todos os craques do jazz se reuniam nas segundas-feiras em um improviso altamente improvável... Tudo o que Boni me apresentou juntava um entusiasmo quase infantil com uma sabedoria ancestral.

Ele sabe a história das coisas. Ele conhece os caminhos. E seu maior prazer é compartilhar tudo isso com os amigos.

Dei sorte na vida. Deus me deu o dom de cantar. Mas Boni, para mim, não só está no lugar das canções, está no lugar dos afetos, das viagens, das emoções.

O Boni que eu conheço é um homem apaixonado e apaixonante, é um homem que se comove, que chora com o Chaplin, que se emociona ao "ouvir aquela canção do Roberto", feliz por partilhar a melhor colheita com seus amigos. É isso: as primeiras palavras que me surgem ao pensar em Boni é generosidade e genialidade. Falo de qualidades que persistem no tempo, que não são acaso, são caráter.

Nos conhecemos há mais de 40 anos. Na primeira vez que almoçamos juntos, ele e Lou estavam começando a namorar. Entre eles, a paixão era a vida!

Mas o que vi nesses 40 anos não foi apenas uma vida. Foi um poema. Um poema escrito por um homem apaixonado, sábio e apaixonante!

Queria que esse texto fosse uma taça de Chateau Palmer (o primeiro bordeaux que Boni me apresentou depois de uma longa aula sobre vinhos), ou que fosse um solo de piano de Bill Evans, e ainda podia ser um sorriso amargurado de Chaplin... ou de Cabíria... ou que, pelo menos, fosse uma canção, que diria: "amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito", ou: "falou amizade e por toda cidade ecoa", e que também diria: "amigo é feito casa que se faz aos poucos e com paciência para durar para sempre".

Queria que esse texto fosse minha voz, minha alma e minha gratidão. Só assim eu poderia dizer com os cinco sentidos: obrigada, meu querido amigo!

E hoje seria eu que abriria o melhor vinho pra brindar com você.

Saúde! Saúde!

Delergi! TW

"Ele sabe a história das coisas. Ele conhece os caminhos. E seu maior prazer é compartilhar tudo isso com os amigos"



Divulgação TV Globo

Fatima Bernardes

Apresentadora

Bom, primeiro eu gostaria de falar que me sinto muito honrada por ter sido convidada para falar nesses 85 anos do Boni. Eu ouço falar do Boni muito antes de iniciar meu trabalho na televisão. Eu acho que ele acabou se tornando uma figura que o grande público conhece. Se você falasse em qualidade dos produtos da Globo, você se lembrava do Boni. Se você falasse de grade da programação, eu ouvi isso ainda na faculdade, quer dizer, quem criou essa forma de acompanharmos a televisão e como os programas foram se sucedendo, um depois do outro, foi o Boni. E antes ainda do jornalismo, como eu fazia dança, eu gravava alguns clipes para o Fantástico e a aprovação desses clipes sempre passava por ele.

Eu me lembro de ficar esperando para saber se o clipe gravado seria aprovado, se ele iria ao ar naquele domingo. Depois, já apresentando o Fantástico, algo que deixava a gente muito ansioso era na época da troca da abertura do programa. Essa troca da abertura era vista, assim, até o último momento pelo Boni, que avaliava se ela estava mais moderna, se a coreografia estava de acordo ou não e eu ficava ansiosa para saber. Muitas vezes, a gente só via o resultado depois da aprovação mesmo. Ele norteou o trabalho de todo mundo ali. Tinha muita coisa folclórica, divertida, em relação ao trabalho dele. Eu, diretamente, não tive tanta proximidade. Era mais o que eu ouvia falar e as avaliações que ele fazia do nosso trabalho, porque embora eu fosse do jornalismo, ele também tinha influência. Lembro de apresentar um Grammy e foi quando ele me deu uma bronca bem dada. Ele pediu para eu assistir a transmissão de um ano anterior, e eu tentei fazer o mais próximo possível. Cada vez que o apresentador da festa nos Estados Unidos falava o nome do conjunto ou do artista, vamos supor que fosse Mariah Carey, eu falava Mariah Carey também. E depois ele falou: “por quê?”. Aquilo ali não precisava de tradução. O resto eu meio que traduzia e apresentava a festa – fazia sentido – mas os nomes dos artistas era exatamente o mesmo. Eu ainda estava bem no início, muito tensa e me lembro do Boni ter criticado e de ter dado total razão a ele pela observação que feita.

O que mais me encanta hoje é ver que ele faz com a mesma paixão qualquer coisa que ele escolha fazer. Então, quando ele vai falar de gastronomia, lança um livro e sabe muito sobre isso; se vai falar de vinho, sabe muito sobre a bebida. Eu faço a apresentação dos desfiles das escolas de samba e você precisa entrar nesse universo para trabalhar bem. Quando o Boni decide entrar, ele quase que vira um carnavalesco. A participação dele, quando foi homenageado pela Beija-Flor, a forma como mergulhou naquele barracão, como ajudou, como realmente se envolveu, com uma curiosidade, é muito vivaz. Acredito que esse é o grande segredo dele. Hoje, quando a TV no Brasil completa 70 anos - e o Boni participou de grande parte deles - ele foi entrevistado pelo programa Roda Viva e deu show de lucidez.

Esse é o segredo. Esse olhar curioso, interessado o tempo inteiro naquilo que ele está fazendo e no que os outros estão fazendo. E que bom estar vivendo no mesmo tempo que você. TW

“Esse é o segredo. Esse olhar curioso, interessado o tempo inteiro naquilo que ele está fazendo e no que os outros estão fazendo. E que bom estar vivendo no mesmo tempo que você”



Sergio Lima

Carlos Eduardo Sanchez

Empresário

É uma grande honra poder falar sobre um dos arquitetos da TV brasileira que, com ainda mais orgulho, posso chamar de amigo. É inegável a contribuição de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho à construção da televisão brasileira, esse universo dinâmico de entretenimento, conhecimento e informação que faz parte, em maior ou menor medida, da vida da grande maioria das pessoas.

Boni é a memória viva desse veículo de comunicação que vem se reinventando ao longo dos anos, principalmente nessa última década, e um dos principais responsáveis pela trajetória de sucesso e relevância alcançados por essa mídia no Brasil. A criação da forte conexão emocional do povo brasileiro com esse meio cultural é mais um dos importantes legados do visionário Boni.

Recentemente comemoramos os 70 anos daquele ilustre dia de estreia da TV Tupi, que entrou no ar e colocou o Brasil na lista dos primeiros países a terem uma emissora, começando, assim, uma relação de amor que dura até hoje com milhões de telespectadores, mobilizando grandes artistas e profissionais a levarem os mais diversos programas, espetáculos e conteúdos aos nossos lares diariamente.

O padrão de qualidade internacionalmente reconhecido da televisão brasileira passa pela genialidade de Boni, que é uma das mentes responsáveis por criar faixas de horário para diversos tipos de perfis, favorecendo a captação de anúncios e sua direção ao público-alvo correto, comprovando que a formação em publicidade também pulsa em suas veias. Sem contar que Boni é propriamente o idealizador de muitos projetos ainda hoje existentes na Rede Globo, sua casa por décadas.

Em tempos de reclusão pelos quais passamos, a produção audiovisual é de extrema relevância para que as pessoas tenham entretenimento em suas residências e possam passar por esse momento se informando por meio de telejornais de qualidade e se divertindo com novelas, séries e inúmeras outras programações que já fazem parte da sua rotina. E se podemos hoje contar com todo esse aparato, tenha certeza de que Boni também responde por isso.

Entre vinhos e amenidades, sou um dos privilegiados que podem acompanhar a sua caminhada de perto e aprender demais com ela. Boni tanto me inspira que me conduziu para o encantador mundo da TV também, para dentro da cena jornalística de Santa Catarina. Hoje, além de amigo próximo, posso dizer que é um consultor com quem desenvolvo vários ensinamentos e lições que levo para os negócios e para a vida.

Celebrar Boni como pessoa e profissional é necessário e imprescindível – e faço isso com muita satisfação. Sou grato em poder fazer parte desta justa homenagem e de ter sido um dos escolhidos para ecoar o quanto ele é essencial para todos nós. Que possamos festejar muitos mais anos de sua existência e sabedoria! Forte abraço. TW

“A criação da forte conexão emocional do povo brasileiro com esse meio cultural é mais um dos importantes legados do visionário Boni”



Divulgação

Galvão Bueno

Narrador esportivo

No trabalho e na vida, obrigado!

Boni buscou sempre a qualidade, a excelência, o fazer bem feito, o se aproximar ao máximo da perfeição. Boni criou o Padrão Globo de Qualidade, que está entre os melhores do mundo, criou os campeões de audiência e Boni me ensinou que sempre se pode fazer melhor.

Tenho três histórias para contar com ele. Duas de transmissões, é claro. E uma é um agradecimento sincero. Tinha de ter uma história de Fórmula 1. O Boni tinha um encanto com a Fórmula 1.

A Globo transmitia as corridas o Grande Prêmio do Brasil, e elas iam para o mundo inteiro. Então ele acompanhava tudo, desde a pré-hora, armação, montagem de tudo e ele se sentava entre o diretor da transmissão.

Em uma das transmissões, o Nelson Piquet vinha em segundo, tudo sob domínio do Boni, quando Piquet ia chegando, senti que ele ia ultrapassar. Nessa hora, o Boni falou "comercial". Aí eu pensei: "como é que eu vou dizer pra ele que não dá para entrar com comercial?". Aí eu disse assim: "Nelson Piquet vem se aproximando, ele vai lutar pela ponta, ele vai ser primeiro", e o Boni dizia: "comercial". Eu continuei: "Nelson Piquet vai passar, ele vai passar". Boni de novo dava comando para o break. Aí entrou o comercial e o Piquet passou para a primeira. Boni dizia: "erro meu, erro meu. Atenção, atenção manda o helicóptero subir, eu quero geral, câmera tal, fecha no Piquet, pessoal do VT deixa pronta a ultrapassagem, vai voltar, Galvão, ao vivo, você". Ele conseguiu voltar a transmissão ao vivo em 15 segundos depois que cortaram para o comercial. Aí eu narrei: "Lá vem Nelson Piquet, passou por dentro, Nelson Piquet em primeiro". Só hoje eu estou contando que eu narrei a ultrapassagem do Piquet no VT, gravado durante o comercial, portanto não foi ao vivo. Isso tudo em 15 segundos. Boni é um gênio.

Mais uma história que eu nunca vou me esquecer. Foi em 1984, na abertura das Olimpíadas de Los Angeles. Pela primeira vez eu ancorei uma cerimônia de abertura olímpica. O Osmar Santos era meu parceiro nesse trabalho. Bom, fomos para a transmissão, eu esperando o coordenador falar com a gente, quando eu escuto uma voz: "Galvão, Galvão, Osmar, Osmar, é o Boni. Vamos lá". Foram quatro horas de transmissão. Eu não sei onde ele se preparou para aquilo tudo, como é que ele tinha números, como é que ele tinha dados, ou seja, eu diria que, de verdade, fora os nossos cacos, o nosso jeito de ser, nós fomos as vozes, porque o conteúdo vinha no meu ouvido pelo Boni. Quando terminou nós estávamos exaustos, o Armando Nogueira chegou e disse: "Galvão, Osmar, vocês ganharam a primeira medalha, pelo menos no meu coração. Boni está satisfeito e mandou um carro vir buscar vocês para que vão jantar com ele". Que espetáculo. Quatro horas de transmissão, recebendo ajuda, ouvindo o Boni, ainda fui jantar com ele e tomar um belíssimo vinho? Só o Boni...

Agora, sobre o ser humano. Em 1986, minha filha mais velha, estava com 12 anos, e ela foi diagnosticada com uma doença autoimune. O tratamento era muito caro. Eu precisava de ajuda e fui pedir ao Boni. E ele me respondeu, emocionado: "vou fazer melhor. Vou lhe dar um plano de saúde igual ao meu, que me foi dado pela família Marinho, igual ao deles. Você vai cuidar da sua filha e não vai ter nenhum problema. Letícia hoje tem 46 anos, uma vida espetacular e eu tenho esse plano até hoje.

Ser Boni deve ter sido muito difícil, porque ele simplesmente reinventou a televisão brasileira. Ele ensinou todos nós e trabalhava loucamente, sem horário. Essa foi a grande paixão que ele teve pra criar a televisão maravilhosa que nós temos hoje. TW



Divulgação

Ricardo Amaral

Jornalista

Dos 85 convidados a participar deste livro, me considero um privilegiado dentre os privilegiados. Fácil explicar. Primeiro por estar aqui, entre os 85 amigos desse personagem único. Segundo porque havia uma competição do grande Jorge Adib (que recentemente nos deixou) comigo de quem seria o mais antigo amigo do Boni. Boni, por sua vez estimulava, usando sempre grande verve de humor. O Jorge ficava puto e, hoje, com a ausência dele não tenho mais com quem disputar. Adorava essa brincadeira afetiva! Nosso Boni não é uma pessoa, mas sim um personagem. E que personagem!

A vida do Boni é pautada pela obsessão com o padrão de qualidade. À parte da comunicação, que o destacou a nível mundial, a gastronomia e a enologia tem para ele uma grande importância.

Nos conhecemos em 1958 e tivemos um convívio intenso. São mais de 60 anos, período em que foi possível acompanharmos, juntos, o desenvolvimento da gastronomia mundial, seus modismo e tendências.

O Boni é um estudioso, um pesquisador nato, sempre se informando sobre o que está acontecendo em cada canto do mundo. Impecável, intérprete e executor de grandes receitas, provavelmente é um dos melhores chefs amadores do mundo.

Os que têm o privilégio de participar de seus almoços e jantares ficam sempre encantados. Neles, é possível experimentar cinco pratos e, quem sabe, em um mesmo dia receitas de Ferran Adrià, do Martín Berasategui, do Pedro Subijana, do Éric Ripert e do Daniel Boulud. Tudo impecável!

Organizado e profissional em tudo que faz, Boni acumulou informações oriundas de suas viagens e pesquisas e generosamente foi fornecendo aos amigos.

Seus arquivos pessoais só não são melhores que sua prodigiosa memória, ambos fundamentais para realização do Guia dos Guias, que realizamos e vamos repetir em pouco tempo.

Que prazer estar ao seu lado! Mas não pensem que para aí a coleção de paixões desse personagem. Soma-se uma área pela qual sente enorme prazer, a medicina. Tem seus pilotos guardiões companheiros como o dr. Denilson Albuquerque, dr. Fernando Maluf, dra. Fernanda Burlamaqui e tantos outros craques. Lê e está sempre atualizado com o que saiu e o que vai sair em matéria de remédios, procedimentos e novos equipamentos.

E os amigos estão sempre à sua procura para aconselhamentos, sempre assertivos!

Boni é tão forte, que toda sua família acabou sendo naturalmente Boni, um apelido que virou nome, sobrenome e marca!

Sua Lou, Gigi, Boninho, Diogo e Bruno, cada um com sua personalidade, seu jeito, colaboram e fazem parte ativa do “Padrão Boni de Qualidade”. TW

“Impecável, intérprete e executor de grandes receitas, provavelmente é um dos melhores chefs amadores do mundo”



Divulgação

João Carlos Martins

Maestro e pianista

Meu amigo Boni. Quando se fala em artes plásticas no Brasil, o primeiro nome que vem à cabeça é Portinari. Em música clássica, Villa Lobos e na MPB, Tom Jobim. No teatro, Fernanda Montenegro e na televisão o primeiro nome que vem à cabeça é o de Boni. Por quê? Boni é, antes de tudo, um revolucionário que mantém a tradição.

A melhor frase para descrevê-lo, que me vem à memória, é a de Gilberto Dimenstein: "o contrário da vida não é a morte, mas sim a repetição." Por isso que a palavra inovação faz parte do seu perfil. Procurei sempre o perfeccionismo na execução das obras de Bach, em qualquer lugar do mundo onde toquei, e essa minha obstinação, todos sabem, cobrou caro. Perfeccionismo obstinado é o "jeitão" como Boni comanda suas ações.

Cito dois exemplos. Uma vez gravei em um estúdio, o som para o Fantástico e depois dublei a peça em um piano que foi colocado um uma pedra no meio do oceano, para o visual que ele desejava. Somente uma nota, das centenas e centenas de notas tocadas não estava sincronizada. Ele ficou inconformado com esta nota, pois para ele não estava perfeito. Confesso que nem eu tinha me dado conta disso. Finalmente, há alguns anos, na comemoração do aniversário da TV Vanguarda, fui convidado para gravar o tema da TV com a minha Bachiana. Em pouco mais de uma hora já estávamos concluindo a gravação, quando ele telefona avisando para aguardá-lo, pois estava a caminho para acompanhar o final. Moral da história, ele assumiu a direção dos trabalhos e ficamos mais oito horas gravando o tema da Vanguarda que demorava cerca de um minuto. Preciso dizer mais? Este é o genial Boni! TW

"A melhor frase para descrevê-lo, que me vem à memória, é a de Gilberto Dimenstein: "o contrário da vida não é a morte, mas sim a repetição"



Divulgação

Mário Monteiro

Cenógrafo

Trabalhei 52 anos na TV Globo, dos quais 30 com o Boni, período em que ele foi diretor-geral e vice-presidente. Em 1967, a televisão brasileira não possuía uma identidade ainda. Era um misto de rádio com imagem (péssima por sinal). As novelas, por exemplo, podiam ser acompanhadas através do som. As personagens pensavam alto e descreviam verbalmente as ações – era cenografia teatral. Os shows eram como um teatro de revista filmado. As exceções eram os programas produzidos no Telecentro (TV Tupi), com um visual moderno, limpo, bem iluminado e planos de câmera sofisticados.

Em 1968, quando entrei para a TV Globo, conheci o criador do Telecentro e o diretor artístico, recém chegado, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni.

Daí para frente aconteceu a revolução: uma mudança radical de conceitos em toda a programação.

O Boni atuava direto em todos os segmentos, dramaturgia, entretenimento, jornalismo e, inclusive, nos intervalos comerciais. Ali nasceu uma televisão diferenciada, de alto nível, com conteúdo brasileiro e a marca registrada do Boni e que até hoje mantém o seu DNA.

Um fato pouco citado e fundamental em sua trajetória foi a valorização dos profissionais de televisão. Especialmente todos os envolvidos no processo de criação.

Antes do Boni, todos tinham era um trabalho incerto, mambembe e eram mal pagos. Depois, passaram a ter um plano de carreira com cursos em viagens ao exterior visando a especialização profissional.

Pessoalmente, o Boni é um ser humano sensível e admirável, sempre consultado sobre dúvidas artísticas, viagens, jazz, food & wine e até medicina (certa vez curou uma gastrite na Kaká). Foi ele que me apresentou a Big Apple em 1970!

Encerro parafraseando o Amigo Joe Wallach em relação ao Boni: “a história da TV brasileira” se resume em 2 frases: AB (Antes do Boni) e DB (Depois do Boni).

Como diz a Kaká, minha mulher e companheira de trabalho, com orgulho: todos nós fomos formados na “SORBONI”. TW

“Pessoalmente, o Boni é um ser humano sensível e admirável, sempre consultado sobre dúvidas artísticas, viagens, jazz, food & wine e até medicina. Todos nós fomos formados na “SORBONI”



Divulgação

Glória Perez

Autora

Trabalhar com o Boni, sob o comando do Boni, foi uma experiência das mais ricas, e não só profissional – pessoal também. Porque a par da competência já tão conhecida e decantada, o Boni é dessas figuras humanas que inspiram e deixam marca.

Nele, sempre admirei a inteligência inquieta, a maneira de buscar (e saber encontrar) o ângulo novo, o ponto de vista diferente naquilo que parecia lugar comum, o entusiasmo contagiante. Coisa de gente apaixonada pelo que faz.

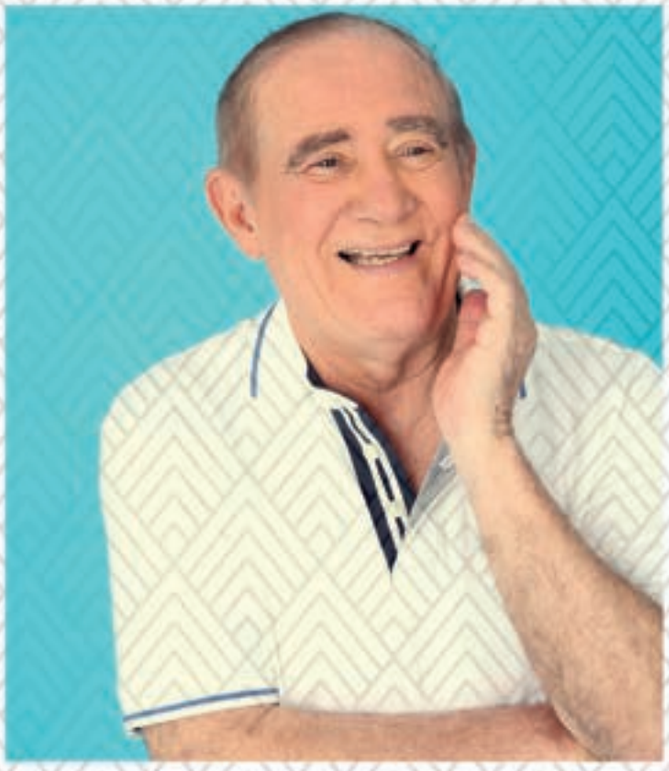
Cobrava. E quando cobrava, eram famosos e temidos os seus memorandos. Mas eles vinham para elogiar também e resultavam sempre em estímulo. É uma característica de sua personalidade, essa busca incessante de fazer cada vez melhor e essa exigência de se superar a cada projeto.

Boni é uma pessoa colorida, tem aquele olhar curioso de quem se interessa por descobrir e saborear os mais diversos aspectos da vida. Fez jingles que ficaram famosos, é um erudito em culinária e vinhos, imprimiu um padrão de qualidade à TV, mas esse também é o homem simples e generoso que dança na gafieira, desfila na escola de samba, almoçava o cozido na casa da amiga Dercy (Gonçalves) e foi sempre sensível aos dramas que aconteciam ao seu redor.

Boni, é bom demais chegar até aqui transbordando de criatividade, cheio de projetos e ideias novas. É bom demais poder se orgulhar do caminho que trilhou, da memória que deixou nos que tiveram o privilégio de trabalhar com você e de continuar sendo uma inspiração para os que vieram depois.

Salve! TW

“Boni é um erudito em culinária e vinhos, imprimiu um padrão de qualidade à TV, mas esse também é o homem simples e generoso que dança na gafieira, desfila na escola de samba e almoçava o cozido na casa da amiga Dercy”



Lilian Aragão

Renato Aragão

Comediante

Acredito que uma das palavras que mais bem personificam o Boni seja a palavra vanguarda! Sim, o Boni sempre foi uma pessoa visionária, muito à frente do seu tempo. Sua visão é panorâmica. Com suas lentes de olhar apurado, sua inteligência fora do padrão, ele conseguia e, ainda hoje, consegue perceber os rumos do futuro e, de forma brilhante, usar sua arte para forjar estratégias inovadoras, sempre na vanguarda.

Durante os muitos anos em que pudemos compartilhar nossa vida profissional, sempre tive no Boni um grande amigo e incentivador. Um profissional destemido, que conseguia vislumbrar os potenciais de cada artista que trabalhava junto a ele, e tirar sempre o melhor de todos.

Não é possível esquecer o tempo quando eu lhe falei sobre uma inquietação do meu coração. Testemunhar a luta e o sofrimento que a seca insistia em infligir ao povo nordestino, exigia algo inovador e desafiador.

Tinha consciência de que havia muito a ser feito, que minha proposta seria igual a de passarinhos jogando água num grande mar de problemas. Decidi procurar o Boni e falar com ele sobre a inquietação que insistia em se instalar na minha mente. Ele me ouviu atentamente, sorvendo cada palavra. Ouviu meu coração. Ele me apoiou, comprou a ideia e batalhou por ela. Foi assim que conseguimos colocar no ar o programa SOS Nordeste. Após as quatro horas de programa, com uma participação e colaboração maciça da audiência, eu me senti realizado. Tinha a sensação de dever cumprido. Mas o Boni... ele não...Ele enxergava para além do momento. Lembro claramente de suas palavras: “este é só o começo, Renato. Agora nossa tarefa vai ser repetir esta mobilização no ano que vem. Não mais por apenas quatro horas. Daqui pra frente serão 20 horas de duração”.

Ele percebeu meu assombro ao lhe dizer que não tinha fôlego para tal missão. Mas, com as mãos no meu ombro, ele me disse: “eu te ajudo”. Foi assim que nasceu no nosso coração o programa Criança Esperança. Um programa que ainda hoje traz a marca da solidariedade e do desejo que sempre moveu o coração deste homem de vanguarda. Essa é a marca que a amizade com o Boni deixou na minha vida: sempre é possível fazer melhor. TW

“Com suas lentes de olhar apurado, sua inteligência fora do padrão, ele conseguia e, ainda hoje, consegue perceber os rumos do futuro e, de forma brilhante, usar sua arte para forjar estratégias inovadoras, sempre na vanguarda”



Marcelo Faustini

Glória Pires

Atriz

Como Boni dava conta?

Gostaria muito de falar de você sem falar de mim, mas percebi que é impossível, pelo fato de você ser uma das pessoas mais importantes na minha vida, ao lado de Guta Mattos, Mário Lúcio Vaz, Daniel Filho e Gilberto Braga. A mulher que sou hoje foi forjada pelo trabalho e grande parte do que vivi está relacionada à você. Meu pai tinha enorme respeito pelo profissional Boni, a quem conheceu na extinta TV Excelsior, e por sua visão e capacidade de trabalho que fez sua trajetória alcançar tanto sucesso.

Me lembro perfeitamente do dia em que ouvi seu nome pela primeira vez. Foi no fatídico dia em que recebi a notícia de que havia sido rejeitada no teste que fiz, para a novela O Primeiro Amor, aos 7 anos. Dez anos se passaram até o dia em que fui reencontrá-lo, dessa vez para discutir um aumento do meu salário. Fui sozinha. Você tinha a fama de ser bravo, mas justo. Enquanto aguardava na antessala, eu imaginava como seria recebida, se o "todo poderoso" da TV Globo me levaria a sério, afinal, eu não tinha outra argumentação a não ser a verdade: já tinha feito Dancin' Days e Cabocla, estava escalada para uma nova novela, Água Viva, e meu salário não estava dando conta da inflação surreal que vivíamos àquela época. Tremia feito vara verde e, no fundo, torcia para que sua secretária, a querida Christina, me dissesse que teria de voltar outro dia. Qual não foi minha surpresa quando finalmente Boni me recebeu, sorridente, falando sobre quando conheceu meu pai, me fazendo sentir mais à vontade. Ao acatar meu pedido, chancelou algo muito importante para mim – percebi que era respeitada, que eu tinha conquistado meu lugar. Durante os próximos anos, sempre que me recebia para tratar de alguma questão contratual ou de minha produtividade, naqueles seus dias lotados de demandas, aprendi bastante sobre gestão. Fico pensando como Boni dava conta. Absolutamente tudo passava por seu crivo, da grade de programação, às questões do jornalismo e da dramaturgia.

Certa vez, durante uma breve reunião, onde falávamos de um novo projeto, Boni pegou o telefone e determinou a regravação de várias cenas por conta do cabelo de uma atriz, ou seja, nada escapava ao seu olhar. Naquelas diversas oportunidades, aprendia também sobre compromisso, entrega e foco.

Boni se tornou, para mim, um ponto de apoio e referência muito forte durante todo tempo em que esteve à frente da empresa. Foi um baque gigantesco quando ele saiu. Senti como se a minha casa – e era assim que eu via a empresa – tivesse perdido o chão. Por isso, para resumir uma outra lição fundamental, que aprendi com sua partida, cito Érico Veríssimo.

Acho que esse trecho tem tudo a ver, já que graças a você e Daniel Filho, que apoiaram meu pedido, pude interpretar a icônica Ana Terra: "alegra-te com a ideia de que o homem é o único animal que tem um futuro". A vida é transformação constante e devemos sempre ter esperança. Que seja sempre assim. Com muita gratidão e carinho, celebro sua vida. Parabéns, mestre! TW

> "Foi um baque gigantesco quando ele saiu. Senti como se a minha casa – e era assim que eu via a empresa – tivesse perdido o chão"



Divulgação

Abel Gomes

Cenógrafo

A palavra fácil. A expressão do conteúdo de modo claro, objetivo, verdadeiro e simplesmente genial. Visão aguçada, de longo alcance, a sabedoria de ouvir, sempre. Mais apurado e dinâmico que estes sentidos, somente o raciocínio, o pensamento lógico que flui em duas ou três frases que orientam, determinam tendências ou criam sucessos.

Fiz-me à luz de seus ensinamentos profissionais, cresci e cresço mais e mais, ainda hoje, sorvendo até a última gota as suas receitas de vida. Amigo fraterno, companheiro de raras e saborosas safras.

Meu ídolo.

Rendo a você, Boni, minhas homenagens, gratidão, admiração e o desejo de que nossas taças permaneçam lado a lado por muitos e muitos anos. TW

“Fiz-me à luz de seus ensinamentos profissionais, cresci e cresço mais e mais, ainda hoje, sorvendo até a última gota as suas receitas de vida”



ROBERTO MURILO

Moacyr Franco

Cantor e apresentador

Memoriando

Budapeste, 30 de novembro de 2020

José Bonifacio

Oi Jose, eu sei que você tinha um apelido, mas, eu não estou lembrando. Estou com aquela doença de idosos, o tal do... puxa, não lembro. Mas você não está na parte que eu esqueci. Soube do seu aniversário e pensei: o Jose, é mais velho do que eu 1 ano, portanto deve ta com... aí cacete, esqueci minha idade. Mas e aí, vamos ter festa? Reunir as famílias? As suas. Feliz Páscoa. Quantos dias hein Jose? Lembrei agora que você morava no Jardim Botânico, no segundo andar. Meu Deus to confundindo as coisas! Quem morava ali, era aquele Roberto. Lembra quando pegou fogo na sua casa? Os vizinhos, todos carregando água? Mas nós moramos também na Urca. Ou não? Jose, você era da Varig. Não, não, minto. Da Bandeirantes. Ah Jose, José... você trazia cerveja em lata pra mim. E não gostava de marmitex. Ce ta morando onde, José? E seus filhos: o Guto, o Jr., a Gigi, o Boninho? Pronto, lembrei teu nome!! Como vai, Boni? Lembrei teu nome! Como vai, Boni? Eu amo muito seu pai, o Guga. Não, não. Seu pai é outro, o do trenzinho. Peraí um pouquinho. Desculpe. Desculpe, eu agora dei pra chorar. Lembro dos meus irmãos e choro, choro... Eu sei, voce não é meu irmão. É muito mais. Ah... lembrei meu nome: Moacir.

ET - Budapeste é o cacete. Cotia.



Alan Santos/PR

Regina Duarte

Atriz

Foi no seriado Malu Mulher que se deu minha aproximação maior com o Boni, meu chefe. Ele já tinha ido me salvar... ops! Me buscar em São Paulo, naquele inverno de 1968 em que, recém casada e agoniada, me via submetida ao processo de falência da Excelsior, uma grande Emissora de TV na época.

Quando em 1979 Daniel Filho me convidou para participar do seriado de uma mulher desquitada passei a frequentar as reuniões de criação dos episódios da série em seu apartamento no Rio de Janeiro. Logo nos tornamos "namoridos" e foi nessa condição que pude me aproximar do fogo sagrado que transforma ideias e fantasias em arte e entretenimento para milhões de telespectadores. Passei a ter, além de tudo, o privilégio de conviver mais de perto com o Boni, o gênio das alquimias de uma Globo que foi, por mais de três décadas, exemplo de comunicação para o mundo.

O Boni descia depois da 20h, ficava no escurinho, atrás das câmeras, assistindo as últimas cenas do roteiro do dia. Ao final, dava boa noite a todos e, se fosse o caso, chamava alguém para algum toque importante. Eu, que sempre adorei aprender, torcia para ser premiada.

Quando ficou pronta a primeira chamada de Malu Mulher – na sua segunda versão, porque a primeira ele vetou e mandou, literalmente, jogarem no lixo – Daniel e ele chamaram o Dênis Carvalho, eu, Grisolli e alguns poucos privilegiados pra assistirmos a primeira versão da abertura de Malu. "Morri", como diz a garotada hoje. Ao final, olhamos todos para o Boni, que estava sério e reflexivo. Em seguida, começou a falar de suas impressões pedindo ao Daniel e Luís Paulo, o editor, pra trocarem todos os takes em que eu aparecia sorrindo. O mestre me passava, assim, a senha mais importante de apropriação que um ator pode ter na criação de um personagem: "Malu não é mulher de sorrisos", disse ele – sugestão que tive grande dificuldade de seguir à risca. Quem me conhece sabe.

Existem dicas de valor inestimável nesta minha profissão. Sobre Porcina, por exemplo, eu recebi: "é operística". E "Raquel é ingênua, meio limitada", me sugeriram sobre o paradigma da honestidade brasileira.

Em 1984 tive de me demitir da Globo para fazer Joana, primeira produção independente de ficção do país. Naquele ano, o seriado passou pela Manchete, pelo SBT e em seguida eu fiquei outros longos meses desempregada, "na geladeira", como se diz .

Quando já começava a ficar assustada, Daniel e Boni me ligaram me oferecendo a Porcina, de Roque Santeiro. O meu anjo é forte. Alguém duvida? Abastecida com as dores e as delícias das últimas experiências, agarrei a oportunidade com toda a fúria de que um ator pode ser capaz.

Anos depois, Boni aprovou um projeto do Del Rangel – com quem eu estava casada – um seriado em que pude brincar de fazer uma mulher diferente em cada um dos 12 episódios. Doze novos autores da constelação mais brilhante da nossa teledramaturgia estiveram conosco tornando realidade o nosso "Retrato de Mulher".

Tenho ainda um sonho – para esta passagem ou para a próxima – de fazer com o Boni um trabalho produzido por ele, com transmissão simultânea para todo o planeta. Proibido rir.

Falar disso me faz lembrar uma plaquinha que ele tinha em sua mesa de trabalho, voltada para quem se sentasse ali: "think bold" (pense ousado). Fico tentando até hoje.

Sua admirável capacidade de realização, força criativa, audácia, humor, sensibilidade e obsessiva busca pela perfeição fazem incomensuráveis minha admiração, cada vez maior, a cada dia que passa, por ele e por sua imensa obra pela cultura brasileira. Salve, mestre! Feliz novo ano de vida, muita saúde, paz, alegrias e todo o amor, de sua pupila e grande fã. TW



Divulgação

Hélio Costa

Jornalista

Nada menos que perfeito

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o poderoso Boni, como era conhecido por todos que com ele trabalhavam na Globo, era admirado como o gênio da televisão e temido pela perfeição que exigia de seus companheiros. Sua capacidade de ver os mínimos detalhes de uma produção, de encontrar os erros mais sutis e mostrar o caminho certo era a marca de perfeição que ele impôs a toda a rede e que passou a ser conhecida como "Padrão Globo". Só o absolutamente perfeito era aceito como produto final para ser exibido. Mas, por trás de toda essa rigidez, dessa genialidade pura, estava um profissional exemplar, atencioso com os colegas, o mestre que passava os segredos que conhecia com a clareza que só um professor dedicado e ciente de sua missão poderia fazer. "Na televisão você tem de saber fazer tudo", aprendi com ele. Tudo, no meu caso, esclarecia Boni, era saber escrever o texto, filmar, ver a intensidade da luz na hora da gravação, editar, sonorizar, juntar todas as peças de uma reportagem, colocá-las em uma ordem capaz de prender a atenção de quem estava vendo o programa. "Você não pode deixar o telespectador levantar da poltrona", afirmava Boni, "senão ele não volta". Boni era o meu modelo.

Eu fazia as reportagens para o Fantástico como se fosse para ele. Chegávamos a incrível margem de 70% de audiência no Fantástico, com a reportagem que nós chamávamos de "matéria de encerramento". Mas o Boni não era apenas o gênio da TV. Era também o amigo sincero e solidário capaz de se sensibilizar com o drama de pessoas que nem conhecia.

Certa vez, recebi um apelo de um grupo de advogados de Minas Gerais (MG) em favor de um promotor que estava com um câncer fulminante. Conversando com o Boni, falei sobre o caso e da impossibilidade de o advogado pagar os US$ 20 mil do tratamento nos Estados Unidos (EUA).

Pedi a ele que conseguisse da TV Globo uma ajuda para o meu conterrâneo. No dia seguinte, recebi pelo malote um cheque pessoal do Boni com US$ 20 mil para complementar o pagamento das despesas do José Ribeiro, um promotor do interior que o Boni nunca tinha visto. Sua fama ultrapassava fronteiras. Poderia ter sido diretor de programação em qualquer rede americana ou europeia. Todos sabiam de sua criatividade e gestão na produção de TV. Boni era a cara da Globo. Cada programa tinha o seu toque de genialidade. Admirado e respeitado pelos outros diretores, ele tinha autoridade para interferir em qualquer área. Foi graças a essa sua maneira de agir em todos os setores produtivos, que a sucursal de Nova York e sua filial de Washington puderam crescer e ter, em determinado momento, mais de trinta profissionais trabalhando 24 horas. A saída de Boni do dia-a-dia da televisão foi como o adeus de Pelé ao futebol. A despedida de um gênio, inigualável no seu tempo e nos próximos anos que virão.

Boni é o amigo querido que abraço, nos seus gloriosos 85 anos, pedindo a Deus que o proteja sempre porque ele é uma joia muito rara. TW

> "A saída de Boni do dia-a-dia da televisão foi como o adeus de Pelé ao futebol"



Divulgação

Anísio Abraão David

Beija-Flor de Nilópolis

É de conhecimento geral que a bebida do sambista é a cerveja, às vezes uma cachacinha, ou até mesmo um uísque podem ser vistos dentro de uma quadra de escola de samba. Mas, como vamos falar do Boni, não tem jeito, toda vez que vamos juntos assistir a um ensaio da nossa Beija-Flor, o vinho é indispensável.

Nem mesmo os mais de 40 graus calorosos do verão nilopolitano separam este meu grande amigo de um dos seus fiéis escudeiros, o vinho!

Contudo, no meio da alegria de estarmos juntos ouvindo bons sambas e prestigiando a nossa comunidade, o vinho é um mero detalhe. O Boni faz questão de prestigiar os ensaios todos os anos e a sua relação com a nossa comunidade já perdura por mais de 30 anos.

Nossa amizade começou quando, sem avisar, fui ao seu escritório pela primeira vez. Naquele dia eu despejei muitos pedidos e promessas. Era o ano de 1975 e o Joãozinho Trinta estava precisando de uma série de equipamentos que somente a TV Globo tinha. O Boni cedeu tudo! O que ajudou a Beija-Flor a ganhar o seu primeiro titulo no Carnaval do Rio de Janeiro, em 1976. Nosso enredo era “Sonhar com Rei dá Leão”, uma homenagem ao querido Natal da Portela.

Penso que naquele nosso primeiro encontro ele identificou em mim um irmão. Éramos como irmãos perdidos que finalmente se encontraram! Este ano comemoramos 45 anos de amizade.

Nossas famílias estão integradas e unidas. Enfrentamos vitórias e muitas derrotas juntos, como a injustiça do enredo sobre a vida dele não ter sido o vencedor do Carnaval de 2014.

Sempre buscamos uma maneira de seguirmos em frente e de vencer os obstáculos que se apresentam.

Nos momentos mais difíceis que enfrentei, quando a esperança parecia que estava me deixando, lá vinha ele me abraçar e confortar. As grandes transformações pelas quais passou a televisão brasileira, todos sabem, aconteceram por conta das inovações propostas pelo Boni. No carnaval acontece o mesmo.

Faz pouco tempo, ele trouxe a ideia para que a Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa) realizasse uma atualização digital do Sambódromo. Propôs a introdução de uma iluminação que focasse somente os desfiles e, também, a ideia de fixar telões eletrônicos entre as arquibancadas. Desta maneira, o público poderá, no futuro, acompanhar os desfiles com a grandiosidade que merece. Um dia isso vai acontecer!

O Boni é assim, acelerado, vê tudo à frente do tempo. Eu sou mais cauteloso e conservador.

Certa vez, em Ibiza, ele me convidou para um passeio em uma lancha. Aceitei. Mas a velocidade que ele deu àquela máquina me apavorou. A lancha literalmente voava sobre as águas. Pedi para voltar e abandonei a embarcação.

Originalmente o Boni era Mocidade Indepentende de Padre Miguel. Mas, aos poucos, após participar regularmente dos ensaios da Beija-Flor, ele foi se apaixonando e terminou abraçando nossa comunidade de Nilópolis. O que para nós agregou muito, porque a orientação dele é sempre preciosa.

Faz 17 anos que este meu amigo participa do lançamento da revista da Beija-Flor, onde muito de nossa amizade está registrado, através das suas linhas. Gostaria de terminar esse pequeno texto lembrando um momento curioso.

Durante um almoço com o Edson Celulari, avistei o Boni em uma outra mesa. Fizemos chegar até ele uma taça do vinho que estávamos degustando. Pedimos para adivinhar qual era a uva. Após provar, sem titubear, o Boni nos disse exatamente qual era o rótulo! Ele sabia tudo, sem ter visto a garrafa!

Essa capacidade de identificar, em instantes, um bom vinho, o Boni tem para tudo na vida.

Tem faro! Muito difícil ele errar. TW



Divulgação

Nelson Sirotsky

Empresário

A benção de uma amizade

Meu querido amigo, que orgulho poder expressar publicamente o sentimento que tenho por você. Na vida a gente faz amigos e convive com eles muito menos tempo do que gostaríamos, compartilha bons e maus momentos, mas raramente tem a chance de lhes dizer diretamente o quanto são importantes e imprescindíveis para as nossas vidas.

Aprendi com o meu pai, seu grande amigo Maurício, que o mais precioso legado a ser deixado para um filho é o conjunto de valores, princípios e exemplos praticados.

Também aprendi com ele a importância de conquistar e cultivar amizades verdadeiras. Por isso, me sinto privilegiado por ter você como amigo diferenciado - um amigo que diz verdades, corrige sem julgar, compartilha, ensina e respeita. Acima de tudo, um amigo que cuida dos seus amigos.

Ainda me lembro quando vi Boni pela primeira vez como uma espécie de ídolo inalcançável, eu com 16 ou 17 anos. Era o jovem amigo que meu pai gostava, admirava e que estava revolucionando a televisão brasileira através da Globo. Vocês planejavam o futuro da TV no Brasil e eu sonhava em fazer parte daquela história. Quando meu pai nos deixou, em 1986, eu percebi no abraço de Boni que aquela parceria que ele e meu pai mantiveram por tantos anos estava sendo também transferida para mim. Foi uma bênção da vida.

Como aprendi contigo, amigo Boni! E continuo aprendendo quando compartilhamos conversas sobre tantos assuntos, algumas mais formais e sérias, outras nem tanto, mas sempre com muitos risos, respeito e empatia. Quando escrevi o meu livro O Oitavo Dia, um inventário de minhas experiências e emoções, queria muito a participação de Boni. Mas não queria aborrecê-lo. Foi com constrangimento que pedi um texto de apresentação e, com emoção, o vi interromper as férias para prontamente me atender. Que honra, Boni! Recentemente, você deu mais uma prova de carinho e cuidados comigo, quando estive hospitalizado em função da Covid-19. Tuas ligações e mensagens diárias transferindo-me coragem e conhecimento sobre o vírus desconhecido, muito me ajudaram a sair daquela difícil situação. Nossa amizade, Boni, tenho certeza que também superará as barreiras do tempo.

Outro dia, ao procurar fotos para ilustrar esta carta, encontrei a nossa imagem junto com seu filho Bruno, que herdou a sua sensibilidade, e meus filhos Maurício e Beto. É fácil de perceber que eles já carregam este legado de lealdade no sangue e no coração. Por tudo isto e muito mais, muito obrigado amigão. Feliz aniversário! TW

> “Me sinto privilegiado por ter Boni como amigo diferenciado - um amigo que diz verdades, corrige sem julgar, compartilha, ensina e respeita”



Divulgação

Roberto Medina

Empresário

O Boni que eu conheço

A televisão brasileira e eu nascemos quase ao mesmo tempo. E minha vida pessoal e profissional foi decisivamente influenciada pela TV ao longo desses 70 anos. Na infância, me fascinavam aquelas imagens mostradas em tempo real, algo que me parecia magia pura. Na adolescência, mergulhei nos bastidores do mais importante programa da época: "Noite de Gala", concebido por meu pai, Abraham Medina, e patrocinado pela empresa dele, "O Rei do Voz", que liderava o mercado de equipamentos eletrodomésticos. Crescemos juntos, a televisão e eu. Na idade adulta, como publicitário e empresário de espetáculos, encontrei na linguagem televisiva o instrumento perfeito para levar a milhões de lares minhas ideias, minhas propostas, meu anseio por um mundo mais feliz e solidário. Esse convívio permanente e quase fraterno me permite afirmar que o altíssimo nível e prestígio atingidos pela TV Globo em escala mundial leva a assinatura do seu maior responsável: José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Em sintonia perfeita com os outros dois brilhantes dirigentes da emissora – Walter Clark e Joe Wallach –, Boni teve a genialidade de inverter os termos da convicção então vigente no universo da comunicação. Em lugar de produzir televisão para o gosto da massa, ele elevou o gosto e a compreensão da massa a um novo patamar de exigência por forma e conteúdo de qualidade. Não foi fácil, demandou visão cultural avançada e conhecimento técnico profundo, como também coragem, determinação férrea e capacidade de liderar milhares de profissionais de temperamento difícil, como é usual no meio artístico. Seus famosos memorandos de cobrança por desempenho faziam tremer os alicerces da emissora. Mas, sem eles, não se teria chegado ao Padrão Globo. E a propaganda brasileira não teria encontrado o cenário perfeito para evoluir até tornar-se uma das melhores do mundo. No plano pessoal, faça questão de creditar ao Boni e à Globo o apoio fundamental que recebi nos dois maiores desafios da minha carreira: o espetáculo de Frank Sinatra no Maracanã e o sucesso sem fronteiras do Rock in Rio. Tudo pronto para o show, a tempestade não parava e o público não chegava. Se o espetáculo fosse cancelado não haveria outro e Sinatra embarcaria de volta naquela mesma noite porque tinha compromisso agendado em Los Angeles no dia seguinte Eu estava em pânico e resolvi arriscar tudo. Ao Boni, garanti que o cantor se apresentaria no estádio, mesmo com toda a chuva. Preocupado em resguardar a credibilidade da emissora, mas sensibilizado pela gravidade da situação, ele concordou em passar a informação à audiência, desde que eu assinasse um termo de responsabilidade, como fonte do comunicado, o que fiz na mesma hora, sem nenhuma hesitação. A Globo passou a divulgar a cada intervalo a notícia e o público começou a chegar em massa. Foi uma decisão desesperada minha. Sinatra não sabia de nada. Cinco minutos antes da hora marcada para o início do espetáculo, deu-se o milagre: a chuva parou e Sinatra fez a maior apresentação da sua vida, segundo ele próprio, diante de 174 mil pessoas em êxtase. Fiquei devendo a Deus pela bonança e ao Boni pela confiança. Cinco anos depois, aconteceu o primeiro Rock in Rio. E, mais uma vez, a Globo me apoiou, o dr. Roberto Marinho pediu um empenho especial na cobertura e Boni fez muito mais do que isso. Montou um "estúdio de campanha" no canteiro de obras, destacou os melhores profissionais especializados em grandes eventos de sua equipe e levou a todo o planeta a divulgação de que o rock teria no Brasil o maior festival da história. Nos dez dias de apresentações, a audiência mundial chegou a casa dos bilhões de espectadores em volta do mundo. Esse é o Boni que conheço e que me dá orgulho em ter como amigo. Esse é o Boni que conquistou o respeito e a admiração internacional na era da comunicação de massa. TW



Leo Aversa

Nelson Motta

Jornalista

B de Boni

B de bom. De best. De brilhante. Celebramos gratos e felizes por ter convivido com ele todos esses anos, aprendendo, levando esporros, rindo com ele, comemorando sucessos, amargando fracassos, desfrutando de sua imensa generosidade e lealdade exemplares.

Conheci Boni em 1967, no bar Antonio's, no Leblon. Ele tinha 32 anos e eu 23, estava começando na TV como jurado do programa de Flávio Cavalcanti, e ele já era uma lenda como o golden boy da televisão, comandando a TV Globo junto com Walter Clark, depois de passar pelo rádio, o disco e a publicidade. Com apenas dois anos no ar, a TV Globo iniciava uma revolução no jeito de produzir e vender televisão.

Gostei dele logo de cara. Era simpático, expansivo, confiante, tinha um jeito engraçado de falar paulista, como meu pai, usava camisas coloridas e eu ficava atento ao que ele falava nas rodas do Antonio's com Walter; o uruguaio J.U. Arce, mago do comercial e da simpatia; o adorável doidinho Clemente Neto, chamado carinhosamente de "Demente Neto" e seu fiel escudeiro, Armando Nogueira, diretor de Jornalismo da Globo.

O programa de que eu participava era muito popular, mas muito brega e antiquado, como a velha TV Tupi, diziam os amigos. E também os novos amigos da Globo. Eu estava louco para ir para a Globo, sem saber direito para fazer o que, mas queria estar junto com eles, aprendendo, sonhando, ralando, numa emissora

que estava modernizando a televisão e valorizando a qualidade e a criatividade.

Quando Boni me convidou fiquei tão feliz que fui logo dizendo que não queria discutir salário, bastaria ganhar a mesma coisa que ganhava com Flávio Cavalcanti.

Um salto de qualidade. Fui participar de um jornal de fim de noite, o "Jornal de Verdade", dirigido por Borjalo, com Nelson Rodrigues, Otto Lara Rezende, João Saldanha e Tarcísio Hollanda, comentando política, futebol, cultura e o poder jovem. Depois íamos todos para o Antonio's.

Saúde, meu mestre e meu amigo. Comemore a vida incrível que você viveu, vive e viverá. TW

"Gostei dele logo de cara. Era simpático, expansivo, confiante, tinha um jeito engraçado de falar paulista, como meu pai, usava camisas coloridas e eu ficava atento ao que ele falava nas rodas do Antonio's"



Antonio Carreiro

Carlos Augusto Montenegro

Ibope

Estou duplamente feliz por fazer esse depoimento. Primeiro, pelo meu querido e saudoso pai, Paulo Montenegro, fundador do Ibope, que certamente está acompanhando tudo isso e nos aplaudindo, e por mim próprio. Papai conviveu na época de ouro do nascedouro da televisão no Brasil, lidou e conheceu todos de seu tempo, mas o Boni foi uma pessoa que marcou sua vida.

Papai me dizia: "meu filho, o Boni é uma pessoa diferenciada, em relação a querer as coisas sempre bem feitas, com qualidade e pontualidade. Ele tem uma visão que poucos têm, meu filho, é um ser muito especial". Assim me dizia empolgado com o relacionamento que tinham.

Quando em 1994, aos 72 anos, papai partiu para outro plano, assumi o Ibope com meus irmãos e pude confirmar tudo isso e mais um pouco, pois passei a conviver com o Boni. Ele sempre enxergava um mundo à frente. Ele sabia o que a televisão deveria ser, seja no esporte, no jornalismo ou no humor. Perseguia o que o público queria ver, em que horário, com quem e como.

Boni era ao mesmo tempo um profissional muito, muito, muito exigente e igualmente, muito, muito, muito generoso. Mas essas duas coisas para ele não se confundiam, embora se complementassem. Quando Boni percebeu que precisava atender a um público (audiência) que não existia, criou o Departamento de Análise e Pesquisa dentro da Rede Globo, onde nós do Ibope fomos contratados para realizar esse valioso trabalho que transformou a TV brasileira como um todo, embora instalado dentro da Rede Globo.

As análises eram muito ricas e municiavam a emissora sobre o perfil do consumidor. José Perigault, amigo panamenho, apresentou ao Boni, o Homero Sanchez, que foi o responsável, designado pelo Boni, conosco do Ibope, para coordenar esses levantamentos econômicos e sociais, que indicavam o perfil das cidades, hábitos, consumo, passeios e lugares. Sabíamos onde as pessoas tomavam café, almoçavam, como iam para o trabalho, quando voltavam para casa, o que faziam no meio do caminho, quantas horas dedicavam para cada parte deste processo de existência e, com isso, o Boni criou a grade da Globo, com os programas adequados para esses públicos.

Foi um sucesso, mas deu muito trabalho. Essa visão diferenciada, forte e dedicada do Boni fez toda a diferença para a televisão brasileira. Os relatórios eram mais do que simples análises. Eram estudos científicos que o Homero controlava e levava ao Boni o dia todo. E, juntos, com as equipes preparavam as grades. Estou seguro em afirmar que o Boni foi e ainda é o coração e o pulmão da televisão brasileira e não apenas da Rede Globo. O sistema de televisão brasileira soube observar isso.

Ao se tornar uma referência ética de pessoa e no mundo da arte televisiva, Boni nos fez todos seus ídolos. Por isso, eu devolvo a você, Boni, a honra que nos deu quando em seu livro escreveu que meu pai era "uma integridade em pessoa". Você, Boni, é um sujeito formidável e uma integridade em pessoa. TW

> "Ele sempre enxergava um mundo à frente. Ele sabia o que a televisão deveria ser, seja no esporte, no jornalismo ou no humor"



Marcelo Tabach

Washington Olivetto

Publicitário

155 anos

O programa “Pim, Pam, Pum”, da Estrela; Arrelia e Pimentinha; “O Seu Repórter Esso”; Cid Moreira e Sergio Chapelin no “Jornal Nacional”; “Chico Anysio Show”: o videotape do Carlos Manga; Armando Nogueira; os bonequinhos da TV Excelsior; “O Céu é o Limite”; “O Riso é o Limite”; Manuel de Nóbrega, Carlos Alberto de Nóbrega e Ronald Golias; “O Coral dos Bigodudos” e “Só de Baby Doll” do “Vovô-Deville”; “Astros do Disco” e o “Globo de Ouro”; “O Direito de Nascer”; Wálter Forster e Walter Stuart; John Herbert e Eva Wilma; Maysa cantando “Ouça” e Elza Soares cantando “Se acaso você chegasse”; a Elis do “O Fino da Bossa”; o Chico da “A Banda”; o Vandré da “Disparada”; o Gil de “Domingo no Parque”, Caetano, de “Alegria e Alegria” – “ela nem sabe até pensei, em cantar na televisão, o sol é tão bonito”; a Jovem Guarda, a Wanderléa e o meu amigo Erasmo Carlos; a “namoradinha do Brasil”; o casal Tarcísio e Glória; Fagundes e Stênio Garcia no “Carga Pesada”; “Roque Santeiro” e a “Rainha da Sucata”; Tatá, Irene Ravache, Dennis Carvalho e Bete Mendes no “Beto Rockfeller”;

“O Mundo é das Mulheres”; o sofá da Hebe; Dercy Gonçalves e o “Show da Dercy”; “Clube dos Artistas”; “Família Trapo”, Otello Zeloni, Renata Fronzi; Nair Belo e Lolita Rodrigues; a gostosíssima Íris Bruzzi; a Salomé e o general Figueiredo; o coronel Limoeiro e a Maria Tereza; as Helenas do Manoel Carlos; “Brasileiro é tão bonzinho”; Fernanda Montenegro; o milésimo gol de Pelé; “Ayrton Senna do Brasil”; “Vai que é sua Taffarel”; a buzina do Chacrinha – o programa que acaba quando termina; o “Programa Silvio Santos”; o “Homem do Baú”; Gugu Liberato e o “Domingão do Faustão”; as novelas do Daniel Filho; “Selva de Pedra”; Wilson Simonal regendo o Maracanãzinho; Érlon Chaves cantando “Eu quero Mocotó”; a violada no auditório e a vaia na “Sabiá” do Tom e Chico; o Nando Silva Pinto e o Pedro Bial; o Tom Jobim dos “Anos Dourados”; a Viúva Porcina e o Sinhozinho Malta; o “Xou da Xuxa” e o “Xapato da Xuxa”; a “Turma do Balão Mágico”; Dias Gomes e Janete Clair; “Seu Cabral que vinha navegando...”, “E a estrela brasileira de norte a sul, iluminando o céu azul”, a Varig, Varig, Varig; a Gabriela de Sônia Braga; Hans Donner; o Prêmio Profissionais do Ano; o Garoto Bombril e a Menina do Primeiro Sutiã; William Bonner e Fátima; o Troféu Roquette Pinto e o “Show do Dia 7”; a Norminha do Jô Soares e o “Jô Onze e Meia” começando depois da meia-noite; o “É Fantástico!” do “Fantástico”; o “Ensaio” do Fernando Faro e a televisão feijoada; o “Divino Maravilhoso” um pouquinho antes do AI-5; o Topo Gigio e o Agildinho; Didi, Dedé, Mussum e Zacarias; o Costinha; o “Globo Repórter”; o “Vem comigo” do Goulart de Andrade; “Tieta do Agreste”, “Vale Tudo” e “Avenida Brasil”; as afiliadas; “Questão de ordem” e “É proibido proibir”; Marília Gabriela e a TV Mulher; o Projac; Walter Clark, Joe Wallach, Ulisses Arce; a “TV Pirata”; o “Casseta & Planeta”; o “Sítio do Picapau Amarelo”; o “Castelo Rá-Tim-Bum”; o Carnaval da Arisco; a mulata Globeleza; a Apoio e o Jorge Adib; a Som Livre; o “Vale a Pena Ver de Novo”; “hoje, é um novo dia, de um novo tempo, que começou”; o Especial de Natal do Rei Roberto Carlos. Plim. Plim. 2020. Ano dos 85 anos do Boni e dos 70 anos da televisão brasileira. Duas histórias que se misturam, porque na verdade, são uma só. Boni e televisão brasileira – campeões de vida e de audiência. TW

> “2020 é o ano dos 85 anos do Boni e dos 70 anos da televisão brasileira – campeões de vida e de audiência”

PLIM

PLIM



Clara de Assis
(Santa Clara)

OS PADRO
DA TEL

Parabéns a ela pelos seus últimos 827 anos, e a ele pelos seus primeiros 85. Brindaremos com a água benta da Santa Clara, e com os vinhos do Boni.



José Bonifácio
de Oliveira Sobrinho
(Boni)

EIROS EVISÃO.

Associação
Brasileira
de Propaganda

Associação
Brasileira de
Agências de Publicidade

JORGE BISPO

PLIM

PLIM



Divulgação

Nizan Guanaes

Publicitário

Quando George Osborne, ministro da Fazenda da Inglaterra, que conheci no Fórum Mundial de Davos veio ao Brasil, eu me ofereci para apresentar a ele o Rio de Janeiro, que ele queria tanto conhecer (como todo turista).

Essas visitas oficiais são sempre chatíssimas. A maldição do poderoso é viajar pelo mundo inteiro e não conhecer nada. Num tal de entra e sai de carro preto,

conhecer pessoas que não quer conhecer e ouvir discursos intermináveis. Aquela programação literalmente para inglês ver.

Eu, baiano, louco pelo Rio, preparei uma visita emocional e a cereja do bolo veio como sempre pelas mãos maravilhosas de Boni. Eu, assim como a torcida o Flamengo, sou apaixonado pelo Boni.

Washington Olivetto diz muito bem que a publicidade brasileira só alcançou o padrão global que chegou, por que o Boni fez uma televisão com o padrão Boni. A excelência da programação puxou o sarrafo para cima e a indústria do intervalo teve de acompanhar.

Todos sabem que um dos traços marcantes do Boni é a generosidade. Uma vez eu fui fazer uma palestra na TV Vanguarda, onde falei ao time dele e a clientes o quão sortudos eles eram (vocês nasceram em Belém, aqui mora Deus). A afirmação pode ter sido um exagero de tiete, mas tão exagerado quanto isto foi o presente que o Boni me deu - um leão (se referindo aos meus prêmios de Cannes) do meu tamanho: 1,83m. Um presente do tamanho do coração do Boni. Pois voltando ao ministro da Inglaterra, para impressionar, pedi emprestado o helicóptero do Boni e ele me emprestou o seu Air Force One. Coube toda a comitiva com folga. O Rio é um espetáculo: com o helicóptero do Boni o espetáculo é outra coisa. Não só pelo helicóptero, mas por um detalhe que mostra a sensibilidade e a genialidade do Boni. O Boni fez uma trilha sonora taylor made para ver o Rio dentro do seu helicóptero. Para vocês terem uma ideia, quando o helicóptero ia se aproximando do Morro do Corcovado, subia a trilha das Cavalgadas das Valquírias, de Wagner. Ele montou todo o passeio com a trilha sonora detalhadamente cronometrada casando com o roteiro. Os ingleses entraram ingleses e saíram cariocas do helicóptero.

É, por essas e outras, obrigado Boni, obrigado por ter inspirado a mim e toda a minha geração de comunicadores. Por ter sido sempre generoso com os seus

amigos, onde eu honrosamente me incluo. E por colocar o seu coração em tudo o que você faz.

Tudo o que você colocou no ar durante todos esses anos teve o padrão Boni. Seja na TV, que você revolucionou, ou seja em um helicóptero para inglês nenhum botar defeito. TW

> “Uma vez fui falar ao time dele, da TV Vanguarda e, como presente, ele me deu um leão (se referindo aos meus prêmios de Cannes), do meu tamanho: 1,83m. Um presente do tamanho do coração do Boni”



Jefferson Rudy/Agência Senado

José Sarney

Presidente da República 1985-1990

A mão do Boni

A televisão brasileira teve uma pessoa que lhe deu as virtudes que tem hoje: uma empatia com a alma do povo, para as cores de nossa cultura, para a necessidade de informar em tempo real enquanto se detém nos aspectos criativos, estendendo aos limites de seu tempo o aproveitamento das tecnologias: José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni.

Tendo acompanhado, passo a passo, os anos de pioneirismo em que o domínio do rádio passou para a televisão, até que assumiu, já com uma carreira vitoriosa que se estendia à publicidade, o comando de programação da Rede Globo. Aí conduziu, então, sua obra de liderança.

Tive com ele uma convivência que se transformou em amizade, sem excluir a admiração por seu talento de liderança e por sua grande sensibilidade humana, ao lado de suas qualidades de inteligência, simpatia, compreensão e decisão. Quando fui presidente da República, a facilidade de nosso relacionamento causava até ciúmes a doutor Roberto.

A Globo foi, sem dúvida, a obra preferida de Roberto Marinho. À ela dedicou uma parte considerável de sua atenção, e ela é o que é porque soube fazer, ao longo do tempo, a escolha das pessoas certas para cada tarefa. Alguns dos membros desta equipe notável conheci com bastante proximidade, como Otto Lara Resende e Evandro Carlos de Andrade, a outros pude acompanhar um pouco mais de longe. Mas me sinto à vontade para afirmar que, de todos, nenhum teve uma contribuição tão importante quanto o Boni.

A mão do Boni se imprimiu, indelevelmente, na TV brasileira. TW

“Alguns dos membros desta equipe notável conheci com bastante proximidade, como Otto Lara Resende e Evandro Carlos de Andrade. E outros acompanhei mais de longe, mas, de todos, nenhum teve uma contribuição tão importante quanto o Boni”



Divulgação

Fernando Henrique Cardoso

Presidente da República 1995-2003

Eu iniciava a ter participação maior na vida política quando (creio que com a intermediação de Roberto Marinho) fui surpreendido: o famoso Boni — na época já conhecido por sua capacidade como homem decisivo na Globo — me procurou.

Recebi-o em meu apartamento. Queria instruir-me sobre como falar na TV. Fui mau aluno, mas prestei atenção aos conselhos que me deu. De lá para agora (estávamos na campanha para o Senado, em 1978) só vi crescer a admiração a ele, a que agreguei a minha.

De quando em quando o vejo no Rio, pois frequentamos o mesmo restaurante. E o Boni, além das virtudes como homem da TV tem outra que invejo: conhece os bons vinhos e, melhor, oferece-os aos amigos.

Por estas razões, em especial a de saber viver, junto minha voz a de seus inumeráveis admiradores para dar-lhe meu abraço de aniversário e desejar-lhe longa vida. TW

“Recebi-o em meu apartamento quando iniciava participação maior na vida política. Queria instruir-me sobre como falar na TV. Fui mau aluno, mas prestei atenção aos conselhos que me deu”



RICARDO STUCKERT

Lula

Presidente da República 2003-2011

Boni teve uma grande carreira na televisão, a experiência e a oportunidade única de construir uma gigantesca emissora, a Globo, produtora de uma teledramaturgia original, com talentos imensos como Dias Gomes, que exportou novelas e outros programas para todo mundo.

Ficou famoso pela exigência, capacidade de gestão e atenção aos detalhes. Criou e foi o guardião de um padrão de qualidade.

Na idade em que muitos se aposentariam, ainda partiu para a aventura de construir sua própria TV, a Vanguarda, no Vale do Paraíba.

Quando fui presidente cheguei a conversar com ele, para convidá-lo a dirigir a criação da Empresa Brasil de Comunicação, mas ele não quis sair da iniciativa privada.

Importante que Boni, nessa trajetória, tenha tido a grandeza de assumir e dar sua versão de um episódio da história: quando em 1989 usou sua inteligência para ajudar o candidato Fernando Collor no debate contra mim no segundo turno daquela eleição, dando assessoria para ele, a pedido de Roberto Marinho. Para ajudar Collor criaram um suor falso em seu ombro e produziram uma pasta vazia com supostas denúncias contra mim, sem nada. Anos depois, Boni reconheceu que era apenas um elemento de ficção por oposição política. Que outros tenham essa mesma grandeza de assumir a verdade. TW

“Quando fui presidente cheguei a conversar com ele, para convidá-lo a dirigir a criação da Empresa Brasil de Comunicação, mas ele não quis sair da iniciativa privada”



Divulgação

Michel Temer

Presidente da República 2016-2019

Estive com José Bonifácio de Oliveira Sobrinho uma única vez. Ele é dessas pessoas que valem muito pelo contato pessoal, mas que tem o mesmo valor pelo que se sabe delas. É o caso do Boni. Estando eu na vida pública há muitos anos, acompanhei a sua trajetória vitoriosa no setor de comunicação.

Lendo a sua biografia, e lendo especialmente entrevistas que deu, verifico que ele, ao lado de Walter Clark, foram os verdadeiros autores de uma revolução jornalística e programática de um grande veículo de comunicação.

Não fosse ele, não sei se essa empresa chegaria ao ponto que chegou. E sempre tratando com muita seriedade as questões jornalísticas, apurando os fatos e só os levando a público quando deles tinha absoluta convicção. Este seu exemplo se espalhou pelos jornalistas, conferindo ao noticiário extraordinária credibilidade. Não se aventurava. Apurava. Daí o crédito imenso que se dava à programação que ele conduzia e dirigia. Mas também, acompanhando como eu acompanhava a sua trajetória, recebia depoimentos daqueles que com ele conviviam, dizendo-o extremamente delicado com aqueles com quem tratava ao mesmo tempo que, igualmente, cobrador das atividades e da produtividade daqueles que estavam sob o seu comando. Recebia muitas notícias do Boni através do Toninho Drummond, com quem tive convivência, pelo menos semanal, em Brasília, durante muitos anos. Interessante notar a sua vocação para a comunicação. Muito jovem, e adolescente ainda, com 15 anos de idade iniciou sua carreira no rádio. Teve um grande mestre nessa área, Dias Gomes, que vendo as suas potencialidades o encaminhou para um curso de rádio promovido na Rádio Roquete Pinto. Desde então teve contato com luminares da comunicação como Manoel da Nóbrega, Cassiano Gabus Mendes, Roberto Corte Real e outros tantos. Tenho notícia do período em que ele chefiou o Departamento de Criação de Rádio e Televisão da Agência Multi Propaganda de São Paulo, onde trabalhou com meu querido primo Jorge Adib. Incursionou, assim, pelo ramo da publicidade e mercadologia, aprimorando-se cada vez mais em funções conexas como são as atividades radiofônica e televisiva. Seu aprendizado, ao longo do tempo, fez dele o grande produtor e comunicador a que aludi no início deste artigo sendo certo que ainda continua em eficiente atividade comunicadora. Não perdeu, nunca, a juventude. Continua a exercitá-la. Daí porque, penso, esta prestigiosa revista resolveu homenageá-lo dando-me o privilégio de ser um dos seus articulistas. TW

> “Ele foi um dos verdadeiros autores de uma revolução jornalística e programática de um grande veículo de comunicação”



Divulgação

Xuxa

Apresentadora

Eu estava na Manchete quando fui convidada pelo Mário Lúcio Vaz a ir para a Globo. Fui ouvir a pessoa encarregada pelo artístico e me decepcionei com o papo, a maneira de dizer que eu teria de esquecer que eu era a "Xuxa" para ser Maria da Graça. Nem preciso dizer minha reação: chorei e saí dali achando que nunca iria voltar.

Mas Mário Lúcio insistiu para que eu voltasse a falar, agora com a pessoa certa: Boni. Minha primeira reação foi: nem pensar, vai me tratar mal, imagina? O chamavam de "o todo poderoso" e, claro, eu disse não. Mas o Mário insistiu dizendo que era só para ouvi-lo e lá fui eu. Cheguei ao restaurante onde ele estava comendo com mais pessoas. Ele me olhou e disse: "veio vestida de chiclete de morango".

Sim, eu estava toda de rosa, mas não era um chiclete. Pensei comigo: começou mal, muito mal. Minha vontade foi de dar as costas e sair. Olhei para o Mário, ele riu e disse: "poxa, Boni, ela não te conhece, pega leve". Nos sentamos e Boni foi rápido.

Perguntou o que eu queria para ir para a Globo. Eu tirei uma lista de coisas que já havia apresentado ao sr. Adolpho Block e recebido "não". Ele leu item por item e ia dizendo rapidamente: "ok, ok, ok, ok, ok, ok. Isso tudo é para o programa. E para você? O que você quer?"

Eu disse que queria o meu nome no programa e ele rapidamente disse que não, que apenas o Chacrinha tinha seu nome (Buzina do Chacrinha), pois ele era uma lenda. Eu levantei sem almoçar, agradeci e saí.

Chegando ao meu apartamento, ao abrir a porta ouvi o telefone tocar, minha mãe atendeu e disse: "Xuxa é o Boni". Atendi meio chateada com tudo que tinha ouvido. Achei que tinha perdido meu tempo mais uma vez, mas sua voz rápida e sem vírgulas disse: "Xou da Xuxa ou Xuxa Xou com 'xis'? O que você escolhe?". Respondi: Xou da Xuxa. E ele falou: "bem-vinda à Globo". Assim é o Boni. Sempre foi rápido, sem vírgulas, com uma inteligência absurda, um tino para as coisas, que nunca mais vi. Quando fui chamada para trabalhar no México, me apresentaram ao dono de Televisa dizendo: "esse é o nosso Boni". Mas não, não era. Sem dúvida era um super profissional, mas o Boni parecia que tinha faro para o sucesso. Tudo o que ele fazia tinha uma assinatura "deu certo". Levei meu cenário para ser aprovado por ele. Tinha uns quatro que ele me mostrou e eu levei um embaixo do braço. Ele simplesmente não mostrou a ninguém, olhou e disse: "lindo, é esse!". E já assinou dando um "ok" ao cenário, que depois foi tão copiado.

Ele me deu o horário das 8h às 10h, que passou a ser de 8h às 11h e depois das 8h às 12h. Era simples para ele. Ele queria e as coisas aconteciam. Lembro que quando tive dúvida sobre onde deveria ir, que rumo minha carreira deveria tomar, eu liguei para ele e perguntei o que ele achava. O Boni nos deixou órfãos quando saiu da Globo, pois nos acostumou muito mal. Não era necessário falar com dois ou três, ele resolvia sozinho. Eu fiquei sem saber se estava indo para o caminho certo ou não. Liguei umas duas vezes querendo ligar muito mais e saber a opinião dele, afinal ele era um guru (e claro, ele me deu a sua opinião).

Quando o encontrei no aniversário da Hebe, fui falar com ele quase que pedindo a benção, pois era assim que eu sempre o vi. Respeito a história do Boni na televisão, pois a minha história (e a de muita gente) não seria nada se ele não tivesse acreditado.

Ele me deu o espaço que nenhum artista teve. Por quê? Nunca perguntei a ele. TW

"Respeito a história do Boni na televisão, pois a minha história não seria nada se ele não tivesse acreditado"



ELÓI CORRÊA | GOV-BA

Elza Soares

Cantora

“Com muita satisfação eu falo, podendo dizer a você meus parabéns, podendo dizer a você que Deus te abençoe mais uma vez, por tudo o que você fez por nós e continua fazendo pela cultura. Muito obrigada. Parabéns, um beijo e um abraço apertado da sua amiga Elza”



Divulgação

Alice Maria

Jornalista

A televisão tinha um ritmo antes do Boni. Com o equipamento que o jornalismo usava na época, os processos de gravação das reportagens e edição eram muito lentos. Quando uma equipe chegava da rua, o filme, com som gravado em banda ótica, tinha que ser revelado. Mas o nível de exigência do Boni era como se já estivéssemos no mundo digital.

O padrão de qualidade implantado pelo Boni estimulava a criatividade de todos. Colocar no ar um programa bem produzido e muito bem acabado era uma luta diária. Quando a gente vencia apesar das dificuldades, o que felizmente acontecia com frequência, era uma realização para toda a equipe.

E teve outra contribuição decisiva do Boni: a sua sensibilidade para estabelecer a grade de programação da Globo transformando o futuro em presente na TV brasileira. Boni colocou a Globo entre as melhores televisões do mundo. TW

“Os processos de gravação das reportagens e edição eram muito lentos. Mas o nível de exigência do Boni era como se já estivéssemos no mundo digital”



Divulgação

Christina Leite

Secretária

Há mais de 45 anos eu aprendo a aprender, há mais de 45 anos eu convivo com a pessoa mais generosa que poderia ter ao meu lado, há mais de 45 anos eu cresço e reconheço todas as nuances da vida através do olhar assertivo desse gênio não só da comunicação mas da vida. Boni não é só um chefe, ele é amigo. Sempre estende a mão para mostrar o quanto podemos fazer melhor.

Mas cobra quando precisa cobrar e dá bronca quando necessário. Nesses mais de 45 anos, foram muitas coisas que eu ouvi e tantas outras que eu ouvi dizer. Em uma oportunidade, em pleno dezembro:

- Seu Boni e o carnaval?

- Sem carnaval. Vou para Nova York.

E claro, a dois dias do carnaval:

- Christina! Como estão as credenciais, as camisetas, o camarote...?

- Mas o senhor disse que não ia ter carnaval....

- Se eu estou aqui, é porque vai ter!

Ou a clássica:

- Christina! O Moreira ainda não recebeu o panetone.

- Mas o Seu Moreira mudou para Nova York, Seu Boni.

- E quem foi que disse não se come panetone em Nova York?

Quando ao ser conduzido por um motorista que ele julgou totalmente incompetente, mandou que o demitisse.

- Mas Seu Boni, ele nem é nosso funcionário.

- Então contrata. E depois demite.

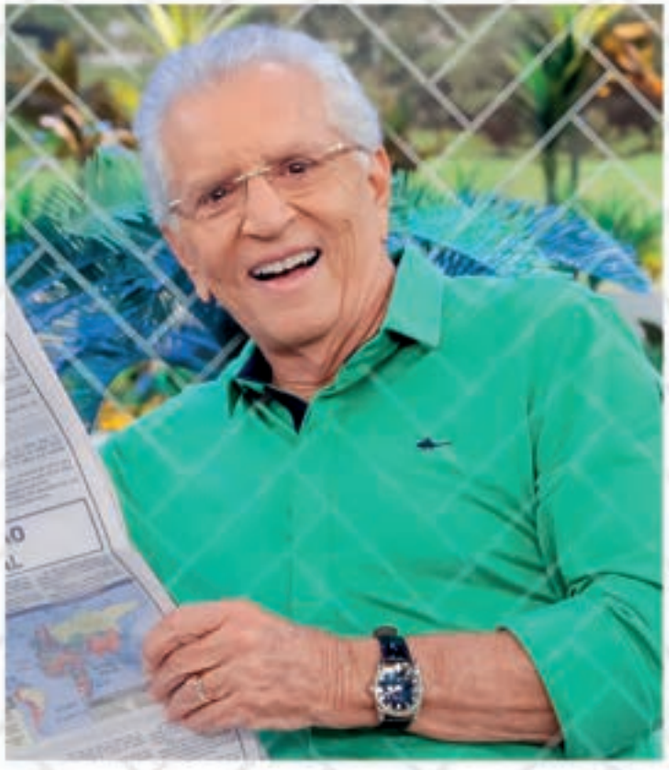
São tantas histórias que não caberiam aqui. Obrigada por compartilhar tantos momentos importantes da minha vida, obrigada por compartilhar toda a sua sabedoria com humildade.Sua vida sempre será um motivo de comemoração.

Parabéns e um novo ano cheio de luz. Parabéns.

- Parabéns por quê?

Ele responderia, bravo. TW

“Há mais de 45 anos eu aprendo a aprender”



Lourival Ribeiro/SBT

Carlos Alberto de Nóbrega

Ator

Um dia conheço um rapaz da minha idade que tinha vontade de trabalhar em rádio. Escrever quadros humorísticos. O mesmo desejo que eu também sentia.

Esse rapaz já tinha alguma experiência a mais do que eu. Começamos a escrever juntos o programa Manoel de Nóbrega, na antiga Rádio Nacional de São Paulo. E vou aproveitar essa oportunidade única, para esclarecer um acontecimento que nunca foi comentado entre nós.

O Boni era uma grande esperança que meu pai tinha para ocupar o lugar de redator de seu programa, pois ele já estava se preparando para ir para a televisão e precisava de alguém de bastante valor para conduzir esses textos. Esse valor era o Boni. Já naquela época, era muito complicado valorizar os que iniciavam. O Boni precisava ter um contrato e um salário para seu sustento. E a direção da emissora sempre empurrando com a barriga. Até que um dia, o Boni foi convidado para ir à Tupi, para fazer um programa que iria combater o do meu pai. Lá foi pressionado para assinar.

Se saísse de lá sem assinar nunca mais iria ter chance de trabalhar na Tupi, que na época era a grande rede de rádio e televisão - a maior do Brasil. Com isso, ele que tanto precisava de ser remunerado, assinou e foi explicar ao meu pai. Surgiu uma reação violenta por ele achar que seria uma traição.

Mas hoje, você, Boni, vai saber o porque daquela reação. Aquela mágoa, não era exatamente com você. Nunca comentei isso, mas me deu vontade agora de explicar.

Em 1944, Teófilo de Barros Filho, era diretor da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, e foi mandado para trabalhar em São Paulo, como “castigo”. Naquela época São Paulo era “castigo”. Ao saber que o amigo Teófilo viria para São Paulo, meu pai se propôs a acompanhá-lo. Teófilo disse que não poderia aceitar a prova de amizade do amigo, porque nem ele sabia o que iria acontecer ao chegar em São Paulo. Mesmo assim meu pai pediu demissão de seu contrato com a Rádio Tupi do Rio e veio em março de 1944 para São Paulo acompanhando o amigo, sem ter a certeza de que iria arrumar trabalho. E aqui os dois conseguiram realizar um lindo trabalho. Esse mesmo Teófilo, foi quem tirou o Boni de meu pai, num gesto traiçoeiro. Aquela mágoa, Boni, não era para você, então um rapaz de 18 anos, inseguro e cheio de confiança em seu valor. Como esse mundo é cruel, começaram a criar inverdades para envenenar mais ainda uma amizade que estava sendo cortada por alguém para quem meu pai tanto se entregou. Disseram até que meu pai tinha um cachorro com o nome de Boni. Mentira, crueldade do ser humano. Os anos se passaram. Muito rapidamente você cresceu mais do que qualquer pessoa poderia imaginar. Ainda não era o topo poderoso da Globo, quando nos encontramos na TV Rio e você estava como diretor artístico. Eu já era funcionário da emissora. Ao saber de sua chegada achava que seria mandado embora, pois diziam da mágoa que você tinha por meu pai. Para surpresa minha, você me recebeu de braços abertos, como se nada tivesse acontecido. Recebeu meu pai também. Isso chama-se generosidade. A mesma que você usou anos depois, com a morte de meu pai. Fui levado até você, já o Boni da Globo, e fui recebido com muito carinho em sua sala.

Eu ia escrever um programa para o Moacyr Franco. Um incêndio na emissora, exatamente no dia que chegava ao Rio para assinar o contrato, abortou minha ida para a Globo. Anos depois, mais uma vez, pelas mãos do Renato Aragão, você mudava minha vida. Assinei um contrato que jamais pensei assinar, pelo valor monetário, e minha vida mudou. E você, até hoje, continua sendo aquele Boni que eu conheci na Avenida Pompéia 1.399.

Em nome da família Nóbrega, desejo a você toda felicidade e parabéns.

Posso dizer aos meus netos e bisnetos que comecei a trabalhar ao lado do maior gênio da televisão brasileira. TW



Marcio Scavone

Dr. Raul Cutait

Médico

Adepto da curiosidade, praticante da inteligência, perseverante, carismático e empreendedor. Este é o Boni, que colocou sua indelével marca na televisão brasileira e, porque não, nos costumes de nosso país. Porém, talvez mais do que isso, o multifacetado Boni é também reconhecido como amigo de seus amigos, dos mais diferentes perfis e variadas atividades. Sua experiência de vida e seu jeito afável de se relacionar com os amigos fazem dele um daqueles caras que você gostaria de ter conhecido desde a infância!

Conheci o Boni há cerca de 30 anos e, ao longo do tempo, temos nos encontrado em diversas ocasiões, várias delas ao redor de uma mesa, quase sempre com um número pequeno de pessoas, onde, municiados por bons vinhos e pratos, rotineiramente conversamos sobre os mais diversos assuntos.

Comunicação, televisão, vinho, comida, viagens, pessoas, tudo entra e sai das conversas com a maior naturalidade. Asseguro que até de medicina ele fala com propriedade, quase que como um doutor honorário, algo que sinto que muito o satisfaz. Contudo, acredito que vinho seja um dos temas que mais o empolga, dada sua condição de profundo conhecedor e apreciador dos mistérios de Baco.

Talvez o Boni nem se lembre, mas há muitos anos ele me convidou para almoçarmos num dia de semana, em uma época em que nossa amizade se iniciava. Refiz minha agenda do dia porque, claro, sabia que iria desfrutar de bons momentos com uma pessoa que já estimava e admirava.

Sabendo de seu gosto refinado, levei para o almoço uma de minhas melhores garrafas, que, acreditava, iria ser por ele apreciada. Ele, então, de maneira muito gentil, me diz: “Raul, que generosidade!”, e manda vir de sua casa uma das garrafas mais disputadas pelos enólogos de todo o mundo. “Que generosidade!” digo eu! E que bom papo tivemos naquele dia. Salve, Boni, um professor da vida e das relações humanas!

Fico honrado em participar desta homenagem aos seus 85 anos muitíssimo bem vividos! TW

> “Um professor da vida e das relações humanas. Ele é um daqueles caras que você gostaria de ter conhecido desde a infância”



Divulgação

Marília Gabriela

Jornalista

O Boni é um espetáculo, o tipo de pessoa que a gente diz: ah... mas esse cara é um caso à parte! Ele é. Não diria que nasceu assim. É preciso uma vida extraordinária para transformar um ser humano no homem formidável que esse meu amigo calhou de se tornar.

Eu já trabalhava no jornalismo da TV Globo em São Paulo quando, temerariamente, decidi bater em sua porta na sede antiga da emissora, à Rua das Palmeiras, em uma de suas visitas.

Ele era o mandachuva, o Todo Poderoso sediado no Rio, a cidade que escolheu para viver e trabalhar (mas é super paulista, continua sendo um legítimo paulista, eu acho).

Foi nosso primeiro contato. Lembro até hoje que ele me pareceu um homem no lugar certo: no centro do poder. Vestia um extravagante blazer em jacquard vermelho e preto, usava jeans, tinha o jeitão do publicitário que fora, agora, acrescido de poder. Encontro rápido e definitivo: eu querendo ser a apresentadora paulistana do Festival de Música que aconteceria no Teatro Municipal da "minha" cidade, ao lado dos cariocas que viessem.

Não me perguntou se eu conseguiria, se já tivera alguma experiência na função, nada. Simplesmente ouviu, pensou um pouco em silêncio, me olhando, e disse "ok".

Talvez com seu conhecimento profundo do veículo, com sua expertise em comunicação, tenha percebido ali a rata de televisão que eu viria a me tornar por mais de 40 anos.

A partir de então, aprendi muito com sua impaciência para com a imperfeição, com suas temidas correções e críticas, com as piadas que fazia dos erros de todo mundo, inclusive os meus. Tornamo-nos amigos íntimos, confidentes mesmo, durante várias etapas de nossas vidas. Gourmand e gourmet que é, foi com ele que aprendi a comer e beber melhor, observando-o e ouvindo-o pelos circuitos São Paulo, Rio, New York, Cannes, Angra, o diabo. Ele acompanhou alguns dos meus casamentos e romances, foi conselheiro, viajamos com nossas famílias e nossos filhos brincaram juntos. Até recentemente ainda procurava seus conselhos profissionais; sempre me respondeu e colaborou. Tive a honra de, depois de muito pedir, ser a primeira mulher a ter entrada permitida em um dos históricos almoços "só para homens" em comemoração ao seu aniversário. Não posso deixar de citar as risadas, aquelas longas risadas que terminam em "ai ai", que só conseguimos depois de confiança plena, de confidências, de "no melhor e no pior" de nossas histórias. Hoje em dia, infelizmente, já não somos assíduos. O tempo e as circunstâncias mudaram. Mas nos falamos quando em vez, numa hora por pura saudade, noutra pra cantar parabéns.

Tenho profunda admiração e grande amor por esse amigo, guia, crítico, instrutor, verdadeiro irmão, que calha de ser um dos homens mais admiráveis deste país.

Nessa data em que comemora 85 brilhantes anos de vida, quero gritar com alegria... Viva Boni e obrigada por tanto! TW

"Tive a honra de, depois de muito pedir, ser a primeira mulher a ter entrada permitida em um dos históricos almoços "só para homens" em comemoração ao seu aniversário"



Divulgação

Lauro Jardim

Jornalista

Uma das melhores recompensas que o jornalismo me proporciona há mais de três décadas são os encontros. Com pessoas extraordinárias. Com homens que

definiram seus setores de atuação. Com gigantes, enfim. O encontro com o Boni se enquadra nestas categorias. Não o conheci, entretanto, entrevistando-o. E, sim, em um dos locais mais adequados para que ele esteja à vontade — em volta de uma mesa com ótima comida e excelentes vinhos.

Isso foi lá no final dos anos 90, em um almoço em seu apartamento em São Conrado. Fui levado ali pelo meu amigo Miguel (Pires Gonçalves). Boni deixara havia pouco tempo o comando da Globo.

Era um almoço do chamado "grupo do Boni". Em síntese, eram (são) encontros de umas 10, 15 pessoas. A divisão costuma ser a seguinte: metade trabalhou com ele na Globo e a outra metade é composta de todo tipo de gente. Artistas, empresários, médicos, escritores e uns raros jornalistas. Desde então, foram dezenas de oportunidades de convívio em torno de pratos, vinhos e conversas inesquecíveis. Embora sempre muito informais, são ocasiões recheadas de informações e histórias inéditas, divertidas e instrutivas. Vividas por ele ou por grandes personagens com quem cruzou.

A propósito, uma das notícias mais impactantes que já publiquei surgiu justamente em uma dessas ocasiões. Para além da boa prosa ou das aventuras em torno da melhor comida ou do vinho único, tem um momento especial nos almoços ou jantares que oferece em sua casa. Boni se levanta de sua cadeira na cabeceira e vai de convidado em convidado perguntando: "está bonzinho?" E conta algum detalhe do prato, de como foi feito ou de sua origem. São momentos de sincera satisfação do anfitrião.

Boni está agora completando 85 anos. Continua, ainda hoje, passadas mais de duas décadas de sua saída da Globo, a figura mais importante da história da emissora. Mais: a própria televisão no Brasil, que completa agora 70 anos, deve a ele os seus melhores traços. TW

"Tem um momento especial nos almoços ou jantares que oferece em sua casa. Boni se levanta de sua cadeira na cabeceira e vai de convidado em convidado perguntando: 'está bonzinho?' E conta algum detalhe do prato, de como foi feito ou de sua origem"



Bruna Serra

José Roberto Maluf

TV Cultura

Finalmente trabalhamos na mesma televisão!

Cheguei à Fundação Padre Anchieta e encontrei meu caro amigo Bonifácio, Boni, o grande responsável pelo extraordinário sucesso da televisão em nosso país, já instalado na presidência do Conselho de Gestão, formado por um grupo de notáveis egressos das grandes emissoras do país.

Comecei no rádio e na televisão, nos anos de 1970, como advogado, e o Bonifácio já era o grande Boni, excepcional diretor de rádio e televisão, respeitado no mundo todo como o responsável por fazer de uma iniciante emissora de televisão carioca em uma das mais importantes redes mundiais.

Quase trabalhamos juntos na Bandeirantes quando João Saad, presidente e proprietário da emissora, convidou Boni para voltar à emissora. "Seu" João dizia que o havia emprestado para Roberto Marinho e que estava na hora de retomar o trabalho interrompido anos antes. A Globo contra-atacou e deu a ele a vice-presidência.

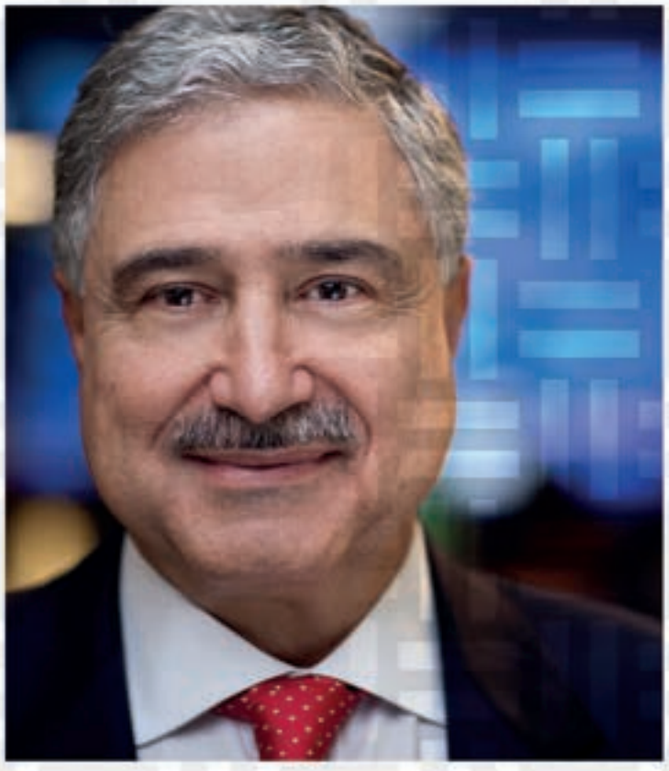
Outra vez, foi a tentativa na TV Gazeta de São Paulo. Boni tinha um projeto vencedor para uma emissora jornalística, para a cidade de São Paulo. Convidou importantes nomes da televisão brasileira, além deste escriba, para participar. O projeto de jornalismo e de transformação da emissora paulista teria grandes nomes no vídeo, estúdios de cristal na Av. Paulista, frota de veículos e helicópteros. Infelizmente não deu certo.

A mais imprevista tentativa de trabalharmos para a mesma emissora aconteceu no SBT. Já trabalhava comigo, o Luis Eduardo Borgerth que, depois de longo tempo cuidando dos assuntos institucionais para a Rede Globo, estava à frente dos mesmos assuntos na emissora do Silvio Santos. Em 2002, o amigo Borgerth propôs trazer Boni para a emissora. Ele havia deixado a emissora anterior (erro imperdoável da Globo) e cuidava de suas emissoras no Vale do Paraíba. Sua vinda seria um avanço extraordinário para o SBT. Discutimos sobre tudo: como seria melhorada a programação, as novas possibilidades de comercialização e outros detalhes da ousadia. No dia seguinte levei o assunto para o proprietário da emissora, que deu sinal verde para prosseguir. Naquela mesma tarde, Boni veio ao SBT em seu helicóptero e foi analisada a minuta do contrato. Edson Kawano, diretor jurídico, trabalhou rápido e bem, trocou fac-similes (faxes) com o advogado do Boni e assinamos o documento naquele mesmo dia.

A providência final foi levar Boni para cumprimentar Silvio Santos no camarim e o proprietário da emissora também assinou o contrato, como testemunha. Ficou combinado que Boni cuidaria de toda a programação do Sistema Brasileiro de Televisão, exceção dos domingos. Naquela noite, no jantar, comemoramos com duas garrafas de vinho. A alegria durou pouco. No dia seguinte recebi um telefonema, em casa, por volta de 6h30. Era Silvio Santos dizendo que tinha pensado melhor e que não gostaria de ter alguém concorrendo com ele na sua própria emissora. O resto já se pode deduzir: rescindimos o contrato.

A história recente da televisão brasileira poderia ter sido outra! TW

"Comecei no rádio e na televisão, nos anos de 1970, como advogado, e o Bonifácio já era o grande Boni, responsável por fazer de uma iniciante emissora de televisão carioca em uma das mais importantes redes mundiais"



João Saad

TV Bandeirantes

Nasce uma ideia que abre um rumo novo na empresa. Ou um lance que encanta a torcida e encurta o caminho do gol. Um brilho diferente na combinação de palavras que sacode a literatura. Uma pincelada única que muda o significado de um quadro. Ou a batida surpreendente no ritmo daquela música nova.

São momentos muito raros, em que pessoas também, muitas raras, dotadas de sensibilidade especial, conseguem produzir o novo, ou ver e mostrar o que antes não parecia visível a olho nu.

São capazes de provocar uma espécie de curto-circuito criativo que amplia a paisagem de um campo antes limitado. Há muitas palavras que expressam o significado do papel desses homens e mulheres que fazem a diferença, habitando a vanguarda das mais variadas atividades.

Fico com a palavra inventor, usada por um grande poeta em uma tipologia aplicada ao estudo da linguagem, que muitos ainda conservam na memória dos tempos de escola.

E com ela me refiro a José Bonifácio de Oliveira Sobrinho: o inventor Boni. Muitas vezes, também mestre. Foi inventor quando mudou a estética da teledramaturgia brasileira e botou ordem na sua produção. Foi mestre quando se inspirou na ideia de Edson Leite, na Excelsior, de colocar a novela no horário noturno, para se consagrar, depois, com a grade que implantou. E virou, de fato, o dono desse pedaço, ao dar nova dimensão à ideia, conquistando as glórias que hoje celebramos.

Entre momentos brilhantes de inventor, rompendo convenções e abrindo caminhos, e iniciativas de mestre, combinando processos já inventados, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho se tornou, sob qualquer ponto de vista, um nome fundamental na história da TV no Brasil, irradiando seu brilho para vários países.

O genial, e sempre apressado, Boni, esteve na Rádio Bandeirantes no início dos anos de 1960. Mas não esperou. Nosso projeto de TV só nasceria em 1967.

Impossível não cair na tentação de imaginar o que teríamos feito juntos.

Mas o que guardo com carinho, com saudade, é a lembrança de uma ótima relação que ele tinha com meu pai e comigo. Isso ficou como marca importante para mim, em nossas histórias que não se cruzaram tanto. Mas consolidaram essa amizade, que se renova.

Assisti e admirei seus passos sempre competentes, comandando uma Globo que crescia com a injeção de capital norte-americano e a disciplina que soube implantar, assumindo uma liderança massacrante.

O mérito do Boni se espalha e continuará se espalhando pelas produções de TV que buscam seu padrão de qualidade. Seu rastro está por toda parte. Sua opinião é disputada. Há pouco vi em uma das reportagens da série especial, que exibimos sobre os 70 anos de TV, uma opinião do Boni sobre o jornalismo da Band.

"O Canal Livre é um grande programa de qualidade. O Jornal da Band é imperdível".

A reação da minha equipe de jornalismo, a alegria dos nossos jornalistas, ao receberem o elogio, me ajudam a terminar esse texto com a certeza de que a história do Boni, não só se confunde com a história da TV, como fica e, assim, permanecerá, como uma preciosa referência de qualidade e inspiração para os mais jovens. TW

> "Boni foi inventor quando mudou a estética da teledramaturgia brasileira e botou ordem na sua produção"



Reprodução Memória Globo

Hans Donner

Designer

“Fui convidado a dar um
depoimento sobre Boni.
Na hora de buscar as
palavras descobri que palavras
não são capazes de expressar
a minha infinita admiração
e gratidão por ele”



Divulgação

Aluisio Didier

Maestro

Já assisti a muitos concertos regidos por alguns dos grandes e digo que ele é um deles. Se assim não fosse, como poderia ter dirigido, por tanto tempo, aquele mundo de produções da TV Globo, tida então como uma das maiores do mundo? Com um talento acima da média, nada lhe escapava, nos mínimos detalhes, em novelas, jornais, shows ou eventos esportivos. Sempre foi muito exigente e tinha fama de durão nos relacionamentos. Não comigo. Por mais de 30 anos, tive muitas provas de sua sensibilidade e paixão pelas músicas e temas que encomendava para a grade da TV Globo e, mais tarde, da TV Vanguarda.

A mim couberam as chamadas aberturas musicais da programação. Composição, orquestração, ritmo, andamento, desenvolvimento dos arranjos, emoção e motivação eram assuntos frequentes e abordados com naturalidade por ele, sem tropeços. Boni sabia pedir.

Certa vez, encomendaram uma trilha que substituísse o tradicional Até Amanhã. Por mais de 30 anos, tive muitas provas de sua sensibilidade e paixão pelas músicas e temas que encomendava para a grade da TV Globo e, mais tarde, da TV Vanguarda, de Noel Rosa, na madrugada, no encerramento do canal que saía do ar em determinada hora. Criei um tema influenciado pelo estilo new age, à la Ryuichi Sakamoto, por pensar que precisávamos de algo relaxante antes de dormir. Ele ouviu e disse: “está muito bonito mas quem passou o briefing a você? Pergunto porque não é nada disso que precisamos”. Explicou que havia uma pesquisa que revelava que quando as televisões, no mundo todo, encerravam sua programação, produziam uma sensação de morte nos espectadores. “Preciso de algo dinâmico, alegre, que signifique para a audiência que vamos sair do ar por alguns instantes, mas que nós estamos aqui trabalhando para ela e voltamos a qualquer momento”. Essa e muitas outras lições me foram passadas ao longo dos anos pelo maestro que, de quebra, ainda me honrou com a condição de amigo. Abração, Boni. TW

> “Boni é maestro, chefe de orquestra. Com um talento acima da média, nada lhe escapa, nos mínimos detalhes”



Divulgação Grupo Fasano

Rogério Fasano

Restaurateur

Querido Boni!

Toda a felicidade do mundo na data do seu aniversário.

A pandemia da Covid-19 nos afastou dos tartufo bianco que eu e meu pai adorávamos te presentear.

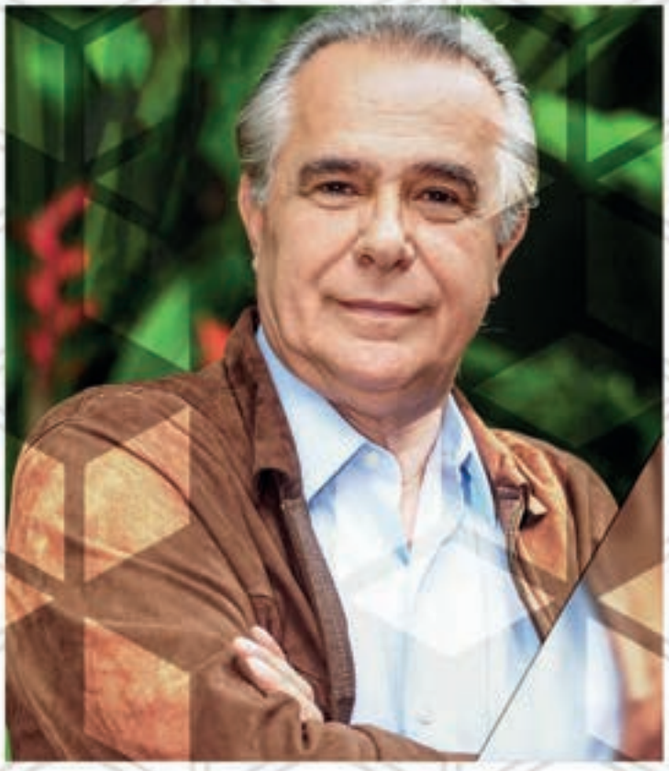
É um enorme privilégio ter você como um querido Amigo.

Você é brilhante, generoso, excepcional e o conselheiro que tanto me ajudou para eu chegar e vencer no Rio!

Te beijo, Boni, com todo meu carinho e admiração!

P.S.: conto para todo mundo que um dos grandes momentos da minha vida foi quando você me levou para ver o Grand Prix de Interlagos, na ilha de edição. Ali deu para ver parte da sua genialidade, que tanto ajudou na tentativa de termos um país de primeiro mundo. Você é genial! TW

“Você é brilhante, generoso, excepcional e o conselheiro que tanto me ajudou para eu chegar e vencer no Rio”



Reprodução Globonews

Roberto D' Ávila

Jornalista

Falar do Boni para o Boni não é tarefa fácil. Como toda pessoa fora da curva ele é, na feliz expressão do Mário de Andrade, “pelo menos uns trezentos”. Conheci o Boni em 1975 na Paris dos nossos sonhos, apresentado pelo querido e inesquecível amigo comum, Reali Jr. Outro dia, em um teste de memória, perguntei a ele se por acaso lembrava onde nós havíamos jantado no nosso primeiro encontro. Sem titubeio ele disse: no La Bourgogne, bebemos um Chambertin Clos de Beze, não recordo o ano, pudera, mas era uma magnum e assinamos o rótulo”. Bingo.

Que memória! Eu era um principiante no jornalismo e ele o todo poderoso homem da Globo. Mas naquele jantar eu pude observar uma das suas características mais marcantes: para baixo trata as pessoas com respeito e carinho. Para cima, de igual para igual. Ficamos amigos e de lá para cá nós só brigamos uma vez, por causa do Brizola, querido amigo meu que ele nunca suportou. Mas, depois das caneladas recíprocas, fizemos as pazes no mesmo dia e para sempre.

Figura singular, o Bonifácio não é fácil. Ele pode até ser ser rude, ou se desmanchar de carinhos, tem um coração imenso e pavio curto. Se você não quer ouvir uma resposta direta, que pode ser até, às vezes, malcriada, não pergunte. Ele dirá na lata o que pensa, sem hesitação, seja na frente do chef que preparou a comida ou de um amigo. É o jeito dele. Já virou até uma espécie de charme para aqueles que o conhecem mais de perto.

Acho que ele amansou muito com o passar do tempo. Está mais doce e cordato, mas se folgar ele dará uma estocada. E a ironia é cortante – nisso continua o mesmo.

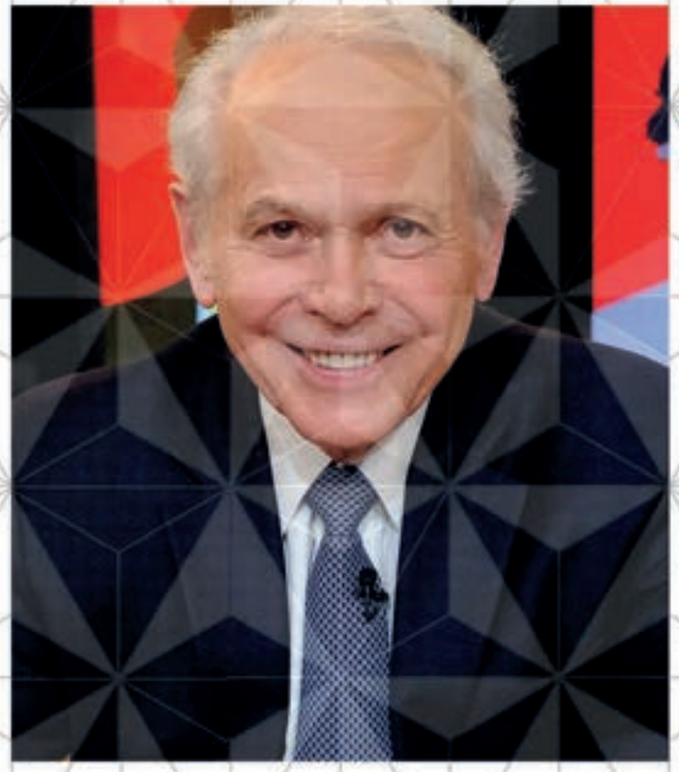
Falar da sua inteligência fulgurante? Da sua criatividade desmedida? Do seu espírito de liderança? Da importância que ele tem na história da comunicação e da TV brasileira? Do seu gosto pela perfeição, ou do seu amor pela Lou? Seria chover no molhado.

Estudioso das ciências médicas, ele receita para os amigos com tanta maestria, e em todas as áreas, que é conhecido pelos seus incontáveis amigos médicos, como o mais preparado charlatão do mundo sem ter cursado medicina.

Pai amoroso e rígido, passou para os filhos o gene da inteligência e da tenacidade. Por si só, ser filho de um gigante e ter sobrevivido, não deve ter sido brincadeira e ele sabe disso. Durante a pandemia ele não tem parado. Dirigindo, criando para TV Vanguarda e escrevendo textos sobre os mais variados temas, ele está em grande forma intelectual e física.

Aos 85 anos, o Boni continua como bem se definiu o Chagall: “uma criança de uma certa idade”. E junto da Lou, forma um dos casais de amigos mais divertidos e queridos dessa terra. Beijos, Boni. TW

“Acho que ele amansou muito com o passar do tempo. Está mais doce e cordato, mas se folgar ele dará uma estocada. E a ironia é cortante, nisso continua o mesmo”



Divulgação

Lucas Mendes

Apresentador

Num almoço, Boni comentou com o Uajdi Moreira: “o Lucas é o cara que mais pergunta que eu conheço”. Não sei se ele já estava com o saco cheio pelo meu interrogatório, mas quando o Boni está presente, eu prefiro ouvir.

Ele, sumo pontífice do rádio e da televisão durante quase meio século, não pontifica na mesa. Sabe ouvir, se interessa pelas conversas e quer o tempo para apreciar a comida e o vinho.

Você quer saber sobre televisão, cinema, comida, vinho, música popular, quem foi e é quem no Brasil, doenças e curas, cidades e hoteis no mundo? Pergunte ao Boni. Ele se diz o melhor cozinheiro amador do Brasil, nunca cozinhou para mim, mas já levou o chefe e dono do melhor restaurante de Nova York, Eric Ripert, do Le Bernardin, para a casa dele em Angra e o ensinou como cozinhar uma paella. Estava no aniversário dele de 80 anos no Hotel Fasano. Na mesa dele estavam os quatro médicos mais conhecidos de São Paulo, todos amigos. Sei de casos do Boni não só conseguir colocar um amigo doente no mesmo dia no hospital para ser operado pelo cirurgião mestre, mas as despesas ficaram por conta do Boni.

A amizade dele é preciosa, não só pela generosidade na mesa, e na doença, mas pelo carinho e atenção com os amigos.

85 anos e que memória. Há pouco tempo comentei com ele que meu novo vizinho é um ex-presidente do jornalismo da NBC, Robert Kapus e perguntei se Boni conhecia. Ele respondeu que o Kapus que conheceu e com quem almoçou em Nova York era com C, Capus, o primeiro nome era Steve e tinha sido na CBS. Isto foi entre 30 e 40 anos. Boni estava certo, o Kapus com C saiu da CBS foi para NBC, se lembra do Boni e sabe um monte de coisas sobre a Globo.

Se elefante vivesse 85 anos morreria de inveja da memória do Boni. Minha primeira conexão com ele foi via Armando Nogueira, por fax. Foi nos primeiros anos do Pelé em NY e os meus na Globo. Pelé, claro, estava sempre na pauta e nós tínhamos um bom relacionamento profissional e pessoal.

Em um daqueles invernos absurdos, o Fantástico pediu uma entrevista com ele e Pelé marcou para o dia seguinte no meio do Central Park. “Central Park com 10 graus abaixo de zero? Você ficou maluco? A bateria da câmera resiste pouco mais de cinco minutos”. Trabalhávamos com filme de 16mm. “Se quiser fazer Fantástico é Central Park ou nada”, disse Pelé.

Lá fomos com várias baterias. De longe não reconheci. De perto, dentro do cafoníssimo, caríssimo e imenso casaco branco de pele, da cabeça aos pés, lá no fundo do ‘capuzão’, estava a carinha preta do Pelé.

Pedi ao cinegrafista para começar fechado em mim enquanto contava a história da condição imposta pelo Pelé para dar a entrevista. O negócio dele era mostrar o casaco novo. Nem me lembro do que foi dito, mas a audiência curtiu e no dia seguinte veio um fax do Boni para o Armando Nogueira com o recado para cumprimentar o repórter pelo bom humor da matéria. No fax, o Armando acrescentou: “guarde com carinho. Elogio do Boni é preciosidade”.

Era uma das minhas primeiras matérias para a Globo e pensei: “se acertei logo de cara, minha parede vai ficar coberta de elogios do Boni”.

O primeiro elogio, pelo telex, o tempo apagou. O segundo só chegou 17 anos depois, mas valeu a pena esperar: a autorização com o cheque para a criação de um programa com o suspeitíssimo nome de Manhattan Connection. Vai fazer 28 anos em fevereiro. Obrigado, Boni. TW

“Você quer saber sobre televisão, cinema, comida, vinho, música popular, quem foi e é quem no Brasil, doenças e curas, cidades e hoteis no mundo? Pergunte ao Boni”



Divulgação

Pedro Sirotsky

Empresário

Boni, um ser tudo

Que coisa boa essa homenagem ao Boni. Poder pensar nele e escrever sobre ele é um presente. Tenho certeza de que serei repetitivo e não tem nenhum problema. Você também já está sendo, lendo mais uma vez o que já disseram sobre o Boni. Porque escrever e ler sobre ele é pensar em um "Ser Alma". Ao longo da minha vida tive poucos ídolos eternos. Meu Pai Maurício é o número um. Boni também. Número um. Por que os ídolos moram no mesmo espaço do meu coração. Boni me marca, antes de tudo pela sua absurda generosidade, pela capacidade de estar sempre presente na vida dos amigos e de todos que preza. O respeito e o carinho a qualquer ser humano sempre foi sua marca. Nunca deixou de responder a um chamado. Nunca esquece as datas. Devo ter guardado comigo mais de 30 cartões de aniversário escritos à mão pelo Boni. São relíquias de um "Ser Amigo".

Sua paixão pela música também me encanta. Foram muitas as vezes que ele me apresentou músicos desconhecidos pelo mundo. Em 1981 estávamos em Nova York em um almoço que deve ter durado mais de quatro horas. Boni com 45 anos e eu um jovem de 24. Depois de vinhos inimagináveis e alguns Irish Coffees, eu estava praticamente nocauteado. Na hora de entrar no carro eu só pensava em uma cama para desabar. De repente, ele me convida para sair e ouvir música por bares de Manhattan. Não acreditei. Desespero! Como dizer não a um convite destes? Respirei fundo, tomei ar, café e lá fomos nós. Eu com meu ídolo, simplesmente o Boni da Globo, zanzando pela noite de NY. Conheci Max Kaminsky, um músico de Jazz gigante no seu metro e meio. Depois, em um outro lugar, ouvi a guitarra de Joe Puma. E assim foi a noite.

Nessa ocasião convivi com o "Ser Musical". É um prazer me lembrar desse Boni de sempre. Escrevo esse texto no dia 18 de setembro de 2020. Data em que a televisão comemora os seus 70 anos no Brasil. Quando ela chegou Boni tinha 15 anos e estava debutando na vida. Bem, daí para frente a história você já conhece. A história dele, o "Ser Televisão". Obrigado, Boni. Um beijo no seu coração. TW

> "Devo ter guardado comigo mais de 30 cartões de aniversário escritos à mão pelo Boni. São relíquias de um 'Ser Amigo'"



Divulgação

Júlio Medaglia

Maestro

Nos anos de 1970 eu morava em Baden-Baden e trabalhava no primeiro canal da TV alemã, a ARD. Boni sempre me visitava e fazíamos deliciosos tours vinículos e gastronômicos na região da Floresta Negra e Alsácia. Como havíamos feito um programa de música brasileira em coprodução com a Globo, em uma das visitas, solicitei ao dr. Hammerschmidt – à época presidente de toda a TV alemã – que recebesse Boni para uma saudação. Sua secretária, Frau Müller, me disse que a agenda do presidente estava abarrotada para as próximas cinco semanas. Depois de muita insistência minha, a secretária ligou e disse: "traga o sr. Boni às 13h45 amanhã, que o dr. Hammerschmidt vai recebê-lo para um abraço.

Wunderbar!, disse eu. Era só um gesto de simpatia e mais nada. Em um dado momento desse encontro, dr. Hammerschmidt "caiu na asneira" de pedir a opinião de Boni sobre um lindo programa de circo da emissora. Boni engatou sua metralhadora giratória de ideias e começou a "triturar" a produção.

O presidente pegou o telefone: "Frau Müller, cancele a reunião das 14h". Todas as reuniões da tarde foram canceladas e o presidente não parava de fazer perguntas. Lá pelas 18h, já com uma boa coleção de garrafas do melhor vinho branco da região sobre a mesa, o Spätlese, foi encerrado aquele prolongado encontro altamente didático.

No dia seguinte me liga Frau Müller: "será que sr. Boni poderia colocar em um papel as preciosas críticas que fez no dia de ontem?". Frau Müller – disse eu – o sr. Boni não é professor nem teórico de televisão, mas sim um fazedor. Diga ao presidente que o contrate por algum tempo e a TV de Baden-Baden estará em primeiro lugar na programação do país.

É sabido que a primeira grande transmissão de TV aconteceu na Alemanha, nas Olimpíadas de 1936. Mas hoje sabe-se que vieram do Brasil os códigos da moderna linguagem televisiva. Sabe-se também que ela teve um único responsável. Aliás, de nome fácil de memorizar. Tem apenas quatro letras... TW

"Solicitei ao dr. Hammerschmidt – à época presidente de toda a TV alemã – que recebesse Boni para uma saudação. Em um dado momento, ele pediu a opinião de Boni sobre um programa de circo da emissora. Boni engatou sua metralhadora giratória de ideias e começou a 'triturar' a produção"



Divulgação

Da esq. para a dir.: Boni, Guga e Reynaldo, Mariza, Roberto, vó Nicota e Buzzoni

Roberto Buzzoni

Empresário

Nossos pais eram irmãos. Eu e o Boni, então, seríamos primos. Mas, viramos bem mais do que isso. A vó Nicota foi nossa primeira paixão. Voz baixa e meiga, porém, firme e decidida. Recitava poesia para nós, em francês. A televisão foi a nossa segunda paixão. E lá se vão 50 anos trabalhando juntos.

O Boni não foi meu mestre só na TV. Foi meu guia turístico pelo mundo. Com ele, eu conheci vários países. E quando não ia comigo, organizava todo roteiro. Listava os melhores restaurantes, museus e shows. Nova York, ele conhece como um nova-iorquino. É amante do jazz e muito conhecido no meio artístico. No Village Vanguard, quando entramos, a banda parou de tocar e um dos músicos gritou: "Boni meu amigo brasileiro, que conhece jazz como poucos no mundo!".

E nessa nossa longa trajetória, lembro de uma frase que ele repetia, toda vez que eu dizia que ele estava sendo rigoroso demais comigo: "Só perco tempo com quem acredito que vai aprender". Comigo ele sempre foi mais crítico, até para deixar claro que não havia privilégio.

Não foram poucas as vezes que discordamos sobre a melhor estratégia para a grade de programação da TV Globo. Mas ele sempre repetia: "Posso errar sozinho?"

O Boni sempre foi muito ágil nas mudanças. E sempre para melhor. Mesmo que a ideia tivesse sido dele mesmo. "Mas foi você que pediu assim, Boni! Não ficou bom?" E ele respondia: "infeliz do homem que não muda de ideia".

No dia em que o Boni deixou a TV Globo, ele passou na minha sala para se despedir. Como eu era o responsável pelas chamadas dos programas e novelas, olhou bem nos meus olhos e disparou: "nunca aprove a primeira versão da chamada, por mais que você goste. Ela sempre poderá ficar melhor".

Há quase duas décadas, quando ganhamos a concorrência pública da TV Vanguarda, afiliada da Globo no Vale do Paraíba, ele disse: "vamos aceitar este desafio porque precisamos fazer uma televisão melhor do que tudo que já fizemos até hoje". E ressaltou: "a Vanguarda será gerida por profissionais".

Nossa Rede Vanguarda acaba de completar 17 anos. Sempre lutamos para fazer a melhor TV regional do Brasil. Conseguimos? Acredito que sim. Mas se ele perguntar isso agora, vou ter de responder: "a Vanguarda está ótima, Boni, mas podemos sim fazer melhor". A única coisa que é impossível melhorar são os bolinhos de chuva e o café preto da vó Nicota.

Uma linda lembrança do carinho que ela nos fazia, toda vez que íamos visitá-la. TW

> "'Só perco tempo com quem acredito que vai aprender', dizia Boni, toda vez que eu dizia que ele estava sendo rigoroso demais comigo"



Divulgação

Guto Graça Mello

Produtor musical

E o Boni faz 85 anos!

Para quem não sabe, devo minha carreira a esse homem, que em 1972 deu me deu a grande oportunidade de minha vida. Eu era um rapaz que tinha acabado de voltar dos EUA, onde vivia de pequenos trabalhos como guitarrista.

Não o conhecia, mas, através do Nelsinho Motta, acabei fazendo a trilha sonora da novela Cavalo de Aço. Eu, inexperiente, que nada sabia de telenovelas, estava crente de que iria abafar, até que chegou o primeiro dos famosos memorandos do Boni, espinafrando o resultado do meu trabalho!

Eu nunca tinha estado pessoalmente com ele e perguntei onde era seu escritório.

Cheguei lá nervoso e até atrevido. Para minha grande surpresa, ele riu e passou a me dar trabalhos na programação da Globo.

Depois de um tempo, ele me convidou para integrar a equipe de criação do Fantástico, com a missão de compor a música e o arranjo de orquestra da abertura! Quando mostrei o resultado e discutíamos quem faria a letra, ele disse: “Essa letra é minha!!!”.

Confesso que fiquei orgulhoso por tê-lo como parceiro. Tive o privilégio de fazer parte de sua equipe por vários anos e cada reunião, bronca e conselho me fizeram crescer um pouco mais!

Boni, devo a você a oportunidade de estudar na Berklee School of Music em Boston para me aprofundar na profissão. Isso fez a grande diferença em minha vida!

Morro de saudades daquela Globo onde você liderava uma equipe inesquecível: Daniel Filho, Walter Avancini, Vanucci, Paulo Ubiratan, José Itamar, Talma

e Borjalo entre outros grandes profissionais! Eu fiz parte dessa turma graças a você...

Obrigado por tudo.

Que Deus o abençoe e proteja sempre!

FELIZ ANIVERSÁRIO, AMIGO!

Um beijo, meu mestre! TW

“Tive o privilégio de fazer parte de sua equipe por vários anos e cada reunião, bronca e conselho me fizeram crescer um pouco mais!”



Divulgação

Jayme Sirotsky

Empresário

Boni? Qual Boni?

O garotão talentoso que começava seus passos na mídia da Lintas? O diretor exigente da Rede Globo, perfeccionista, em busca de um padrão de qualidade que é até hoje a sua marca na televisão brasileira?

O gourmet curioso, viajando pelo mundo epicurista, amigo dos chefs famosos?

Conto três historinhas:

Porto Alegre, fim dos anos 1950. Lintas Publicidade era a House Agency da então Gessy Lever, dirigida pelo querido e saudoso "gaúchão" Rodolfo Lima Martensen.

Boni, bem jovem, trabalhava no Departamento de Mídia que comprava espaço nas principais rádios brasileiras, entre as quais a Rádio Gaúcha de Porto Alegre, na qual Maurício, meu irmão, e eu éramos sócios. Não havia as empresas que fazem hoje o rádio fiscal. E lá vinha o Boni hospedar-se, em segredo, em um hotel durante alguns dias, fazendo a conferência dos spots efetivamente transmitidos. E para a sua surpresa, a Rádio Gaúcha entregava direitinho o que havia vendido. Foi o começo de uma amizade carinhosa de vida inteira.

Agosto de 1973, ante véspera da estreia do Fantástico na Globo. Eu, minha mulher e filhos, hóspedes do Boni em Angra. Fim da tarde de sexta-feira e chega Guto Graça Mello com a versão final da vinheta de abertura do programa. Adivinha se o Boni não deu um "esporro" no Guto, pedindo modificações. Lá se foi o Guto de volta para o Rio, já com as alterações. Sucesso que marcou época na TV brasileira e está no ar até hoje.

Paris, anos de 1980. Boni nos convida para jantar no Lucas Carton, na Place Madeleine. Lembro bem a afetividade com que Alain Senderens recebeu seu amigo, monsieur Boní. E lembro mais ainda do excelente jantar harmonizado pelos vinhos que ambos escolheram.

E assim tem sido esta vida intensa do Boni. Qual Boni? O criativo, o musical, o impulsivo, o emotivo, o carinhoso? Todos estes. Decantados nos seus 85 que o fazem hoje, Boni, o amigo fraterno.

Beijos da Luiza e meus. TW

"Boni nos convida para jantar no Lucas Carton, na Place Madeleine. Lembro da afetividade com que Alain Senderens recebeu monsieur Boní. E lembro mais ainda do excelente jantar harmonizado pelos vinhos que ambos escolheram"



Divulgação

Arnoldo Wald Filho

Advogado

Sou mais Boni, sou mais Brasil. Boni é brasileiro produto exportação, sem que dele nos desfaçamos. Quem nós temos de melhor para nos orgulhar! Boni é campeão de audiência, ele é fantástico!

Conheci o Boni por esses acasos que a vida nos oferece, ele é grande amigo de um amigo meu, Uajdi Moreira, e por generosidade de ambos embarquei também nessa amizade, que é uma viagem em comum pelos caminhos da sorte e se espalha e multiplica quase sem sentir.

Boni já era maior do que a sua missão na Globo e de lá saíra perenizando sua marca de sucesso. Estava fazendo o que sabia fazer melhor: viver! Inteligência rara, cultivada e informada, o conteúdo de sua conversa sempre engrandeceu momentos que passamos juntos.

Sua generosidade faz com que compartilhe com os outros os seus bens mais valiosos: seu tempo e sua atenção.

Companhia agradabilíssima para todas as horas, as boas e também as difíceis, amigo de verdade, conselheiro com profundidade e bom pai de família.

Boni é simultaneamente lógico e paradoxal, de um bom humor irritante que abraça as pessoas e as contagia, inspirando carinho e intimidade ao mesmo tempo que um temor reverencial. Afinal, é o Boni. Sim, Boni é tudo isso e ainda mais; não só o que realizou e construiu, mas o ser humano incrível que ele é e representa.

De Osasco, onde nasceu e Rio de Janeiro onde vive, Angra dos Reis, Taubaté, Nova York e Paris, ele se tornou cidadão do mundo e literalmente se globalizou, sentindo-se à vontade em qualquer continente ou planeta.

Viajante atento e curioso profissional, entende de tudo! Comunicação, gestão, lugares, restaurantes, bons vinhos, medicina, política, economia mas principalmente de pessoas.

Boni ama viver e ama gente. Seu sucesso não é causa, é consequência. Boni é rico de amor, carinho, ideias e amigos. Homem de caráter e empreendedor.

A justa homenagem a que me associo foi idealizada por esse amigo em comum, me dando a oportunidade de agradecer a ambos, o privilégio que tenho de conviver com esse ser de dimensão maior.

Porque também não dizer que além de tudo, Boni é alegria, Boni é samba, Boni é carnaval... Salve Boni!!! TW

“Boni é simultaneamente lógico e paradoxal, de um bom humor irritante que abraça as pessoas e as contagia”



Divulgação

Claude Troisgros

Chef

18 de setembro 1982...

Restaurante Roanne, Conde de Bernardote, Leblon, Rio de Janeiro.

Às 20h30 , vazio, uma mesa com duas pessoas:
- Pode fechar a conta, por favor...
- Bien sur, tout de suíte monsieur. Gostaram do jantar?
- Adoramos, muito bom. Aqui está meu cartão de visita.
- Muito obrigado, voltem sempre...
No cartão: Jose Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
Pensei: quem será?
Escrito em azul, na linha abaixo do nome: vice-presidente Rede Globo de Televisão.
19 de setembro 1982...

Restaurante Roanne, Conde de Bernardote, Leblon, Rio de Janeiro.

Às 20h31, fila na porta:
- Fomos recomendados pelo Boni.
- Sou amigo do Boni.
- O Boni mandou a gente aqui.
- O Boni amou a sua comida.
- O Boni só fala do seu restaurante.
E foi assim que virei carioca: conheci o Boni...
O Boni mudou a minha história, o meu caminho.

São anos de conselhos, palavras importantes e mil lições que me levaram a evoluir e crescer. São anos de histórias “marravilhosas”, algumas inesquecíveis. Apaixonado por boa comida e bons vinhos, o Boni sempre está à procura de novos talentos, valoriza a criação com qualidade e incentiva o jovem cozinheiro a dar do seu melhor.

Ele é o grande responsável pela evolução da gastronomia no Brasil.

38 anos depois...

Restaurante Chez Claude, Conde de Bernadote, Leblon, Rio de Janeiro.
Às 20h32, fila na porta:
- Chef, o Boni fez uma reserva.
- Coloca ele na 42. Nossa mesa da sorte...
Sou carioca, sou amigo do Boni. TW



Thomas Schauer

Daniel Boulud

Chef

Over the years, as a chef in New York City, I have been blessed with many wonderful brazilian customers who have enriched my life with their stories, passion, loyalty, and friendship. The day I met Boni, he immediately became the patriarch of all things brazilian, and all things French that the Brazilians love!

Boni and I met in the early 90s. His knowledge of food, passion for wine, and joie de vivre struck me immediately. He always manages to light up the dining room, energize the staff, and keep me excited in the kitchen. Boni genuinely cares for chefs like a father, a brother, a friend.

Amongst many trips to Brazil, a memorable moment was shared with Boni during a trip to Sao Paulo. He invited me to Angra dos Reis with our dear friends Uajdi Moreira and Laurent Suaudeau. Of course, when in Brazil with Boni, you don't drive, you take a helicopter! It was a fantastic party with a steady stream of caipirinhas and Boni was the grand chef overseeing the paella. A party with Boni means three hours of drinking followed by three hours of eating. Between sips, good music, and conversation, Boni gave me a master class on paella with so much pride. Now and again, he had me stir the rice and seafood, but Boni was in charge. My task was to open some great bottles from his cellar. One thing is for sure, Boni would travel the world for a good meal.

Merci Boni pour être cet homme extraordinaire et d'avoir partagé ta passion pour la bonne cuisine et le grand vin avec moi et mes amis chefs à New York, à Paris ou à Rio. Ta générosité, ton soutien et ton amitié sont légendaires! On t'adore mon ami.

Amitiés. TW



"Boni was the grand chef overseeing the paella. A party with Boni means three hours of drinking followed by three hours of eating. Boni loves chefs and chefs love Boni!"



Divulgação

Helmar Sérgio

Diretor de TV

Falar do Boni é também falar da minha própria história, tanto pessoal e, principalmente, profissional. Eu o conheci em 1963, na extinta TV Rio. Eu era cameraman e ele diretor. Imediatamente, rolou uma simpatia mútua e nos tornamos amigos.

Saímos da TV Rio e nos reencontramos na TV Globo, em 1967, quando ele lá chegou – eu tinha chegado dois anos antes. Ele como diretor de programação e eu continuava cameraman. Uma vez, ele me disse que eu era o tipo de profissional que, por ser muito talentoso, não precisaria da ajuda dele para crescer na empresa. E assim foi.

Tenho grandes e divertidas histórias com o Boni. Eu estava junto dele quando, no Carnaval de 1971, um temporal impediu a transmissão dos desfiles e o Boni mandou colocar um capítulo inédito da novela "Irmãos Coragem" no ar, para cobrir o buraco na programação. A partir daí, as novelas passaram a ser exibidas de segunda a sábado.

Certa vez, por uma brincadeira entre os cameraman, um apresentador deu o dedo do meio, ao vivo, achando que não estava no ar. Imediatamente, o Boni ligou. Estava furioso.

Quando soube que eu estava no meio, me disse: "Você não muda!". Depois da "bronca", veio o convite para ser seu assessor. Ele me dizia que só queria que eu chegasse com soluções. Só que eu sempre chegava com os mesmos problemas, levados de forma diferente.

Depois, passei a frequentar sua casa em Angra, para onde fui inúmeras vezes. E sempre em ótima companhia: a dele. Meu querido amigo, nós nos acompanhamos desde 1963. Eu tenho uma imensa satisfação de ter a minha trajetória profissional atrelada à sua. De ter visto você crescer e se tornar a pessoa mais importante da história da nossa TV brasileira. E falo isso sem exagero. Não é um elogio, mas sim uma constatação. Quando me aposentei pela TV Globo, recebi uma linda homenagem do Caldeirão do Huck. Entre os depoimentos, estava o do Boni, que me disse, rindo: "agora, você está liberado!". Estamos liberados, meu amigo.

Liberados do ofício de fazer TV, embora ela não saia dos nossos pensamentos e das rodas de conversa. Mas nunca liberados da amizade. E a nossa continuará existindo. Obrigado por tudo. TW

> "Estamos liberados, meu amigo,
> do ofício de fazer televisão,
> mas nunca liberados da amizade"



Divulgação

Adilson Pontes Malta

Engenheiro

O que mais falar de uma pessoa como Boni, uma mente brilhante, cujo talento criativo, alma inquieta e sensibilidade, o transformaram em um dos mais extraordinários nomes da mídia mundial – um sucesso já reconhecido em incontáveis relatos e entrevistas ao longo dos anos.

Acontece que eu sou um cara de sorte, que tem algumas coisas a mais para contar (privilégio de quem o conhece desde os tempos em que a TV era em preto e branco, ou as TVs eram de válvulas).

O Boni do cotidiano foge totalmente ao estereótipo do gênio criativo. É comum associar uma pessoa com esse dom à uma rotina caótica. Definitivamente esse não é o Boni.

Uma qualidade pouco conhecida do público em geral é a sua capacidade de planejamento. De um modo bem particular, ele tem uma rotina que é intuitivamente seguida e, acreditem, chegou onde chegou sem ser escravo dela. Ele sentiu que, para criar, era preciso ter um mínimo de organização. Nem preciso dizer que deu certo, não é?!

Desde que o conheci, e lá se vão 55 anos, o Boni organizava suas viagens anuais com seis meses de antecedência. Sem as facilidades da internet, se atracava com guias Michelin, mapas e dava inúmeros telefonemas, mas numa época na qual perdíamos preciosos minutos só para obter sinal para discar.

No trabalho também era assim, só que acontecia muito mais rápido. Era "o tudo ao mesmo tempo agora" e sempre com dezenas de projetos simultâneos. Então, ele simplesmente driblava o imponderável e se antecipava.

Dessa maneira, ele planejava o futuro. Na década de 1960, todo mundo conhecia o que era um orçamento, mas foi o Joe Wallach que trouxe para a Globo uma metodologia simples e prática de como controlar investimentos e despesas. Boni adotou essa ferramenta e a usou para aperfeiçoar o planejamento da produção e da programação. Gol de placa!

Vejo que ali já notávamos essa pessoa com dupla identidade. A primeira incorpora esse "gênio". Põe de lado os costumes da sociedade, o politicamente correto, o passado, o presente, os modismos e, irresponsavelmente, intui, incorpora o artista e cria.

A segunda identidade é a do "executivo perfeccionista". Essa se descola do gênio, planeja a execução do que criou, cuidadosamente, com um nível de detalhe impressionante. Enfrentando as dificuldades do trabalho, com resiliência, faz correções, controla a execução e entrega inovações.

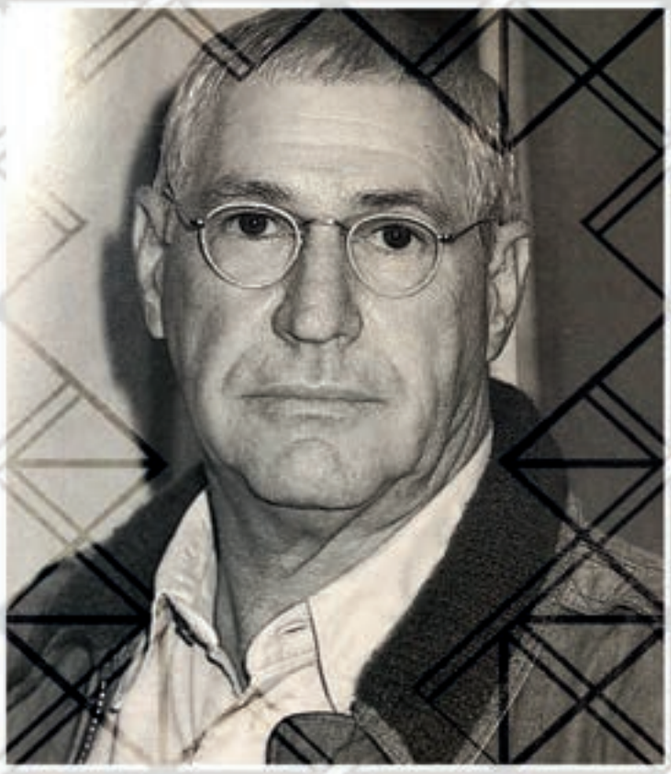
Ele é assim em tudo, até como extraordinário chef. É isso mesmo que está lendo, o homem ainda arrasa na cozinha e na preparação de um jantar para os convidados!

Com maestria, prepara o roteiro: menu personalizado, a mesa, o serviço, pratos e vinhos em total harmonia, tudo tão especial que dificilmente alguém consegue esquecer.

Por falar em esquecer, Boni tem uma memória de elefante, não esquece de seus erros e nem os dos outros. Transforma o que deu errado em sabedoria para criar e inovar. E assim segue, perseguindo a alegria da realização.

O José Bonifácio de Oliveira Sobrinho é um dos mais brilhantes planejadores que eu já ouvi falar e, nesse caso, sou testemunha. TW

"Por falar em esquecer, Boni tem uma memória de elefante, não esquece de seus erros e nem os dos outros. Transforma o que deu errado em sabedoria para criar e inovar"



Divulgação

Nilton Travesso

Produtor

Sessenta e sete anos de televisão! Mais do que uma caminhada, uma vida. No meio dela, tive o privilégio de conhecer uma figura memorável: o digníssimo José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Formalidades à parte, meu amigo inesquecível, o Boni.

Como pessoa: generoso.

Como profissional: atuou como homem de vanguarda. Um dos últimos românticos da nossa geração. Incrível intuição para estar na hora certa com as pessoas certas.

Navegador: domina 365 ilhas de Angra dos Reis.

Padrão de qualidade: criador/fundador.

Letrista: trilha do Fantástico.

Coração: conheço muitos. O dele é especial.

Temperamento: malcriado nas reuniões.

Lembranças: os inesquecíveis memorandos das segundas feiras. Às vezes eram chocantes.

Gastronomia: Paella – melhor que a da Espanha.

Mãe: especialmente carinhoso até seus últimos dias.

Vinhos: bate de frente com Rothschild e Robert Mondavi.

Cidade do coração: New York.

Música: Jazz e todos os arranjadores de Frank Sinatra.

Virtude: saber abrir espaço para futuros talentos.

Marketing: foi um craque. Tendo como companheiro Jorge Adib.

Hobby: tomar vinho na fonte.

Agradecimento: acreditou na corneta do Travesso na realização do primeiro clip da TV.

Agradecimento especial: o convite inesquecível para participar do primeiro Fantástico colorido com: Manuel Carlos, Mauricio Sherman, Augusto César Vanucci e José Ithamar de Freitas.

1980: acreditou novamente e assim criamos um núcleo paulista, um novo espaço nas manhãs da TV Globo. TV Mulher, Balão Mágico e Som Brasil.

Espero que este breve Diário Telegráfico lhe encontre bem.

Com amor, do seu eterno amigo e admirador. TW

“Lembranças: os inesquecíveis memorandos das segundas feiras. Às vezes eram chocantes”



Divulgação

Solano Ribeiro

Produtor musical

Qual deles?

O estagiário que já manifestava que queria ser diretor, ou o publicitário que deixou marcas ainda vivas como a assinatura “Varig, Varig, Varig”?

O modelo que ilustrou a capa do LP “Viva as Férias – Rock, Rock, Rock”, ou o que assumiu a direção de programação da TV Excelsior, onde criou momentos memoráveis ao vivo como o “Enrico Simonetti Show”?

O ouvinte, nas madrugadas do Lancaster, a curtir o piano e a suavidade de Jhonny Alf, ou o cantor que dava canja no bar do Fasano?

O que criou o Telecentro na TV Tupi, e que levou Walter Clark a convidá-lo para construir na TV Globo as bases para a “Central Globo de Produções”, ou o que provocava terror com os famosos memorandos levando pânico a quem os recebia? O que criou o Jornal Nacional, noticiário diário que até hoje direciona o pensamento do país, ou que prestigiou a MPB, entre outros projetos, com o “Som Livre Exportação”? E que deu espaço para a nova geração de estrelas como Ivan Lins e o Grupo MAU, com Gonzaguinha, Cesar Costa Filho, João Bosco, Aldir Blanc, e outros, e levou mais de 100 mil pessoas ao Anhembi em São Paulo, até hoje recorde mundial para musicais em recinto fechado?

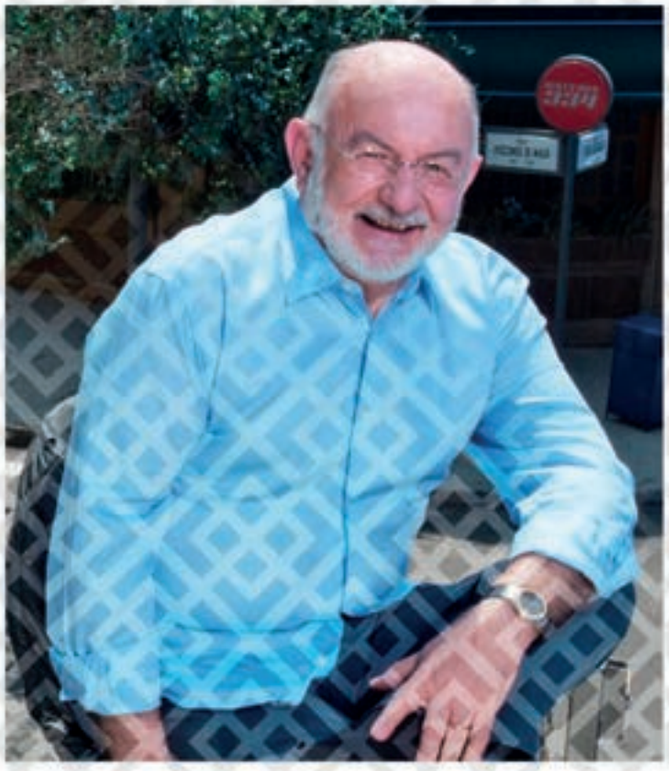
O que balançou a Sapucaí como tema do samba enredo da Beija-Flor ou o escritor do “Livro do Boni”, relato de sua trajetória, onde demonstrou sua visão e experiência?

O enólogo, que conhece o nome de todos ao afluentes dos rios onde são produzidos os melhores vinhos da França e Alemanha, onde foi homenageado com o título de “Chevalier du Teste Vin”, ou o gourmant que provou pratos dos melhores chefs do planeta, tendo tornado famoso o polpetone do Jardim de Napoli, além de ser ele mesmo ótimo cozinheiro?

O pai dos filhos que conheço, ou o empresário à frente da TV Vanguarda?

O Boni da torcida do Corinthians? Bom, ninguém é perfeito. Mas todos esses são o Boni, o amigo que mora do lado esquerdo do meu peito. TW

> “Boni é quem criou o Jornal Nacional, o que conhece de vinho, pai, empresário e corinthiano. Ele mora do lado esquerdo do meu peito”



Globo/Ernani d'Almeida

Silvio de Abreu

Autor

A primeira vez que vi o Boni, ele estava sendo atendido por um barbeiro em sua famosa sala da Vênus Platinada, como costumavam chamar o prédio da Globo naquela época. O ano era 1978 e eu estava sendo apresentado a ele como o mais novo autor da casa, já encarregado de escrever a próxima novela das 19h.

Devemos ter tido muitos encontros depois desse, mas me lembro vivamente de um outro, quando novamente, em sua sala, fui pedir demissão.

A novela não tinha ido bem, eu briguei com o diretor e tudo saiu errado. Conversamos e ele ponderou, aconselhou, aceitou os meus argumentos e até segurou bravamente o seu temperamento, que diziam ser explosivo, quando eu me exaltei. Saí da Globo sentindo pena de não fazer mais parte do seu staff. Mas, com o seu faro apurado, de bom administrador, não me esqueceu. Um ou dois meses depois, me aprovou como autor e diretor de vários programas do nascente Telecurso Segundo Grau, que a Globo produzia para a Fundação Roberto Marinho junto com a TV Cultura.

Depois, como em um enredo de filme dos anos 30, o grande Cassiano Gabus Mendes adoeceu e me indicou para continuar a sua novela, que andava lá pelo capítulo 100, mas ainda havia uns 90 a serem escritos. Nós nos reencontramos, voltei definitivamente para a Globo e lá se vão quase 50 anos.

Preciso dizer, de coração, que em todos os anos em que trabalhamos juntos tive o privilégio de conviver com a intuição, sabedoria e profissionalismo de um homem especialmente talhado para o lugar que ocupava.

Sua pretensão em manter a televisão grande, rica, com classe, de bom gosto e ao mesmo tempo popular e relevante sempre permeou a sua administração.

Contam-se muitas histórias sobre o Boni, não sei se todas verdadeiras, mas elas já formam um folclore sobre ele. Uma delas é que numa discussão com alguém, apontando um erro, a pessoa teria dito: “mas eu fiz o que você mandou!” E ele retrucou: “e quem mandou você me obedecer?”

Quando ele saiu da Globo foi um baque geral. Nós nos perguntávamos: “como vamos sobreviver sem o nosso guru?. Quem vai nos guiar, cobrar, encaminhar?”. Mas o alicerce que ele plantou na empresa era sólido demais para desmoronar com a sua saída.

Com relação às novelas, foi o Boni quem mais acreditou que um capítulo diário, popular, bem dirigido e atuado, que englobasse grandes valores de produção, atingiria em cheio o gosto do público.

Foi ele quem levou para a Globo os melhores e mais importantes autores, atores e diretores do cinema, teatro e da televisão, quem estimulou avanços e exigiu qualidade em todos os aspectos de uma novela colocando o Brasil no mapa do entretenimento internacional.

Há sete anos, eu o procurei para um conselho. Havia sido convidado para assumir a direção geral de todas as novelas da Globo e queria saber se ele me via com capacidade para isso. Ele me disse: “se você for para este cargo e puder fazer tudo do seu jeito, da maneira que acredita, não hesite e vá em frente”. Foi o que eu fiz e, mais uma vez, a sua intuição e sabedoria não falharam. Com enorme respeito e maior admiração, feliz aniversário. TW

“Foi ele quem levou para a Globo os melhores e mais importantes autores, atores e diretores do cinema, teatro e da televisão, quem estimulou avanços e exigiu qualidade em todos os aspectos e colocou o Brasil no mapa do entretenimento internacional”



Divulgação

Ricardo Scalamandré

Empresário

Um amigo que entrou na minha vida e ficou

Conheci o Boni em 1972. Eu era praticamente um garoto, tinha recém feito 20 anos e estava iniciando minha carreira. Era meu primeiro emprego e logo nos primeiros meses de trabalho na área comercial da TV Globo, fui convocado para uma reunião de toda a área comercial. Estávamos preocupados porque o Chacrinha, na época uma das nossas maiores atrações com uma audiência de mais de 50 pontos de audiência, tinha trocado a Globo pela TV Tupi.

Essa reunião tinha como objetivo combinar um discurso para apresentar ao mercado publicitário. O assunto era o Chacrinha e eu já fui logo perguntando para o Boni o que seria do domingo? A audiência iria migrar para a Tupi? E ele disparou: "Vocês podem se tranquilizar e bancar o seguinte no mercado: na estreia o Chacrinha vai dar uns 30 pontos porque ainda será curiosidade, mas depois vai caindo e em três ou quatro semanas já vai estar em 12 pontos". Eu achei a resposta muito segura e tranquila e confesso que não botei muita fé. Bem, não preciso dizer que foi exatamente o que aconteceu. Nessa época começou minha admiração profissional por ele.

Eu nunca havia trabalhado diretamente na área de produção, mas tive o privilégio de ser o responsável pela integração entre a área comercial e a área artística.

Foi a partir daí que começamos a conviver mais. São quase 50 anos sempre aprendendo sobre comunicação, vinhos e gastronomia.

Uma característica do Boni e que eu sempre me identifiquei é a curiosidade. Acredito que sua genialidade venha daí. Ele vai atrás, pesquisa, estuda e está sempre atualizado.

Entre as várias passagens marcantes, eu quero dividir aqui sobre quando o Frank Sinatra veio ao Brasil. Em meados de 1979 estávamos em uma reunião na sala do Dionísio Poli, o diretor comercial na ocasião, quando o Boni ligou perguntando se seria possível conseguir patrocínio para cobrir o custo de produção da vinda do Sinatra, que iria cantar no Maracanã. Me lembro de que era uma grana preta!

Desafio aceito e em janeiro de 1980, chegava o Frank Sinatra para se apresentar à maior plateia até aquela data, jamais vista no mundo – 175 mil pessoas em um show histórico no Maracanã.

Como responsável pela área comercial, Boni me chamou para acompanhá-lo e dar uma olhada no Maracanã. Nos encontramos com o diretor artístico do show e com o nosso diretor da TV que iria fazer a transmissão, que era o Walter Lacet.

Em uma certa hora, o Boni começa a dar instruções para que iluminassem a plateia em alguns momentos, tomadas do público e etc. Os americanos ficaram malucos, dizendo que prejudicaria o show e que não iriam acender as luzes das arquibancadas e do gramado sob hipótese alguma.

E o Boni disse: "amigos, as 175 mil pessoas da plateia são o inédito deste evento e isso é parte fundamental do show! Sem a plateia, qual seria a diferença em transmitir um show do Sinatra num teatro?!" Silêncio! Como eu, todos acabaram percebendo a lógica do que o Boni estava dizendo. E permitiu-se que fosse alterado, em parte, o esquema de iluminação.

Voltei para a TV com a sensação de ter presenciado "ao vivo e em cores" a materialização da expressão "pensar fora da caixa".

Valeu, Bonifácio! Muito obrigado pelas lições e pela amizade. TW



Divulgação

Miguel Pires Gonçalves

Empresário

Quando quero me manifestar sobre pessoas que admiro, tenho o hábito de pensar em um atributo que, para mim, possa distingui-las de uma forma especial. Raramente penso em momentos ou situações que tenhamos compartilhado. Prefiro identificar uma parte da personalidade de que gosto, especialmente, e que me tenha trazido ensinamentos de vida.

Na minha infância, admirei muito meu avô paterno pela inclinação constante que tinha em tirar proveito de novas ideias. Assim eu o vi trazer para a fazenda onde morava a primeira frigidaire da região e também a primeira eletrola.

Quando eu era criança via em meu avô o homem que buscava o novo e vejo em Boni alguém que sempre soube estar à frente de seu tempo. É possível que muitas pessoas tenham esse atributo durante um período de sua vida. Mas é muito raro que isso se mantenha durante toda uma existência. Eu classificaria o Boni como um precursor em todas as atividades pelas quais se interessou: televisão, gastronomia, enologia, viagens e música. Chegou antes e chegou bem! E se mantém! E, com o tempo, parece ter ficado melhor.

Atualizo-me sobre esses temas com ele. Com sua potência vital e intelectual. Admiro-o e a admiração é a dimensão racional do amor.

Caminhamos muito tempo juntos. Porém, mais importante do que o destino, foi a companhia, sempre moderna e inteligente.

Beijo fraterno! TW

“Eu classificaria o Boni como um precursor em todas as atividades pelas quais se interessou: televisão, gastronomia, enologia, viagens e música”



Orlando Brito

Pedro Rogério

Jornalista

Neurônio de 5G

- O Boni faz 85 anos no ano em que a televisão faz 70 anos no Brasil – disse o homem que tomava café da manhã de olho no smartphone onde lia o noticiário.

O sobrinho comentou:

- Caramba! O Boni então só tinha 15 anos quando começou a trabalhar em TV?

- Taí uma boa pergunta. Vou ver aqui na Wikipédia.

Nisso colocou a cara na porta da saleta, o Val jardineiro, muito entrão na conversa dos outros. Tem 40 anos, Erivaldo na certidão, solteiro, ginasial incompleto, raparigueiro, ainda mais com a motoca nova; trabalha na casa há quase vinte anos, sabe tudo do mundo por meio dos seus dois smartphones.

- Bom dia a todos! – disse o intrometido.

- Bom dia, Val – respondeu o patrão, e em seguida repetiu para o sobrinho o texto que lia no celular:

- Não, aos 15 anos de idade o Boni iniciava no rádio, no Rio, trabalhando na Rádio Club do Brasil. Olha só que filho da mãe! Foi aprender locução e redação.

Tá vendo o que eu falo pra você? Sem redação boa nenhum profissional vai pra frente.

- Mas eu sou engenheiro, pô!

- Não interessa. Como é que você vai descrever a obra que deseja construir? É preciso ter uma boa redação, clara, enxuta, correta, não pode escrever cachorro com x.

Isso é verdade! – disse lá da porta o Val.

Meu primo da Paraíba não conseguiu o emprego no almoxarifado do metrô porque levou bomba na prova de português.

- Olha aqui (retomou a conversa o interessado na vida do Boni) ele só foi trabalhar em televisão aos 17 anos, na TV Tupi. Quer dizer: começou em TV quando a TV engatinhava e ele já sabia redação, locução e outras técnicas.

- Eu li que ele entende pra caramba de engenharia – disse o sobrinho.

O Val interrompeu:

- Vocês tão falando de quem?

- Do Boni, o homem da televisão.

- Ah, sei quem é! Me lembro dele! Ele uma vez não almoçou aqui? Eu é que amarrei lá na mangueira o vaso com a orquídea azul que ele trouxe de presente. Tá viva até hoje, olha lá na mangueira!

- Ô Val! Tudo aquilo que é feito com carinho vai longe. Carinho de quem oferece e carinho de quem conserva.

- Então não é? E o senhor queria gastar dinheiro com grama nova no início do ano. E precisava? Veja aí o que eu fiz com a grama velha: renasceu todinha com o esterco que eu comprei na loja do Jardim Botânico.

- Você é bom, Val. Obrigado.

O Val prosseguiu:

- Eu vi esse Boni outro dia. Ele é quem inventou a televisão. Tem até uma marca de TV: a marca Boni. Eu não sabia, nunca vi nas lojas.

- Não viu nas lojas porque não fabricam mais em produção seriada desde 1997. Mas de vez em quando aparece uma da marca Boni. O nome correto é Padrão Boni de Qualidade.

O sobrinho deu um risinho sardônico. O Val, atilado, se ofendeu:

- O senhor tá de gozação comigo...

- Não, cara! Verdade o que eu disse. Depois você leia aí na Wikipédia e vai entender. O que não entender me pergunta, ok?

- Ok. Eu vi um pedaço da entrevista que ele deu outro dia. Ele inventou o Chico Anysio, a novela das 20h e foi ele quem inventou o Jornal Nacional também.

- É isso mesmo, Val, foi ele mesmo.

- E sabe o que ele disse? – e tirou seus dois celulares pré-pagos do bolso da jaqueta, cada um de operadora diferente.

- O que foi?

- Que a TV nunca vai acabar, porque isso aqui não vai deixar.

- Verdade, Val, verdade.

O tio e o sobrinho também viram a entrevista do Boni na TV Cultura. Ficaram impressionados com a ausência de delays entre pergunta e resposta. Era tiro e queda. Parece que o Boni, aos 85, veio ao mundo com técnica de 5G, que só vai surgir no Brasil no ano que vem. TW



Divulgação

Dr. Enio Buffolo

Médico

Conheci o Boni em situação adversa quando atendia seu irmão “Guga” com grave problema cardíaco internado em um hospital de São Paulo. Superada a fase crítica estabeleceu-se uma relação de muita empatia e respeito.

Nossos encontros não foram frequentes, mas consolidou-se uma amizade no decorrer dos anos, com jantares e reuniões ocasionais quando visitava sua mãe em São Paulo. Aliás, estes jantares foram inesquecíveis pela culinária de muito bom gosto e personalizada, com vinhos da mais alta qualidade, e de nível internacional, além da oportunidade de constatar a inteligência, a sensibilidade e a capacidade de opinar sobre temas variados que sua vasta cultura permitia.

Para muitos, o Boni foi o Steve Jobs da televisão e da comunicação brasileira. A determinação e capacidade de Boni foram fundamentais para que o doutor Roberto Marinho depositasse todas suas fichas nos seus projetos, fazendo com que a televisão brasileira andasse a passos rápidos e fosse pioneira em tecnologia de ponta e grade de programação.

Não há dúvidas de que o Boni deu um salto de qualidade da comunicação muito adiante do seu tempo. Nossa amizade ao longo dos anos tem os ingredientes de respeito, admiração e gratidão.

Como curiosidade relato um fato que ocorreu em 2011, quando promovemos uma reunião internacional de progressos em cirurgia cardíaca, na qual seriam feitas demonstrações de implante de válvula cardíaca por cateterismo, evitando cirurgias de peito aberto.

Em uma conversa despretensiosa, o Boni sugeriu que fizéssemos demonstrações, ao vivo, simultâneas do hospital para a sede do evento. Isto já seria ótimo, mas utilizando a tecnologia da TV sugeriu que a transmissão fosse em HD (alta definição). Aceitamos o desafio de realizar este evento pioneiro associando a mais alta tecnologia da televisão com um progresso extraordinário e nascente da cardiologia. Eles colocaram à nossa disposição toda a equipe do Boni, sem custos para o congresso, sendo sua remuneração e da equipe apenas um agradecimento sincero e perene.

No dia da inauguração do congresso, às 8h, o Boni se deslocou de madrugada, do Rio de Janeiro, para São Paulo, sendo que naquela noite havia participado da cerimônia de autógrafos do lançamento de sua biografia, em livro, em Copacabana.

Querido amigo, gratidão é um sentimento que não prescreve. Tenha meu respeito e admiração e a certeza da minha sincera amizade. TW

“Para muitos, o Boni foi o Steve Jobs da televisão e da comunicação brasileira”



Divulgação

Dr. Fernando Cotait Maluf

Médico

Querido Boni.

O mundo nos oferece incríveis surpresas. Dentro de uma cena de uma doença grave, onde angústia e medo nos assolam, nasce a cura, amizade, cumplicidade, admiração, ótimos e inesquecíveis momentos.

Quando lembro dos primeiros momentos que sucederam a sua primeira consulta no Hospital Sírio Libanês, vem na memória a cena de quando você veio me ver após algumas opiniões divergentes. Aí vem outra cena, a do "fogo" que tomamos de sake no melhor restaurante japonês em Boston (pensamos até em abrir uma filial em São Paulo).

Também chega a minha mente, a cena do nosso encontro no lobby do hotel logo depois do jantar (seguido da aparição surpresa da Lou no seu quarto) e depois vem a confirmação de que a proposta terapêutica inicial estava correta.

Dali para frente os caminhos, não somente do paciente e médico, mas de dois amigos convergiram.

Ganhei um conselheiro, um "médico", uma fonte de motivação e admiração, um exemplo de lealdade e proteção aos amigos, uma referência completa. Dentro da impermanência da vida, os papéis se inverteram ao longo do tempo e, hoje, você cuida e se preocupa comigo e com a causas que tanto amo e defendo, como o Instituto Vencer o Câncer.

Essa linda história de superação, que te emociona, como naquele dia da sua palestra em um hotel, em São Paulo, no evento da Jovem Pan, quando você se recordou de receber flores das enfermeiras do Hospital Israelita Albert Einstein, me emociona muito também, e serve de exemplo para seguir com meu caminho de servir as pessoas porque vale a pena.

História especial essa, que celebra os mistérios da vida, a transição entre a sombra, a incerteza, a luz, o caminho e a convicção. Você é o responsável por escrever este capítulo tão importante no livro da sua vida.

Com admiração e carinho. TW

"Ganhei um conselheiro, um 'médico', uma fonte de motivação e admiração, um exemplo de lealdade e proteção aos amigos, uma referência completa"



Alexandre Oliveira

Roberto Duailibi

Publicitário

O mistério Boni

Convivi esses 60 anos com o Boni sem conhecê-lo. Começamos praticamente juntos. Eu nasci em outubro de 1935 e ele em novembro. Sou, portanto, um mês mais velho do que ele. Vivemos e trabalhamos na mesma cidade, antes que ele se mudasse para o Rio de Janeiro. Eu e ele somos redatores, ou seja, costumamos pensar literalmente antes de falar ou apresentar uma ideia.

Ambos tivemos em nossas vidas a influência da mesma pessoa, Rodolfo Lima Martensen. Uma pessoa que nos influenciou sem sabê-lo foi o Delfim Neto - que, dizem os rumores, obrigou Roberto Marinho a absorver a TV Paulista para resolver os seus problemas financeiros. Vizinha da Standard Propaganda na Praça Roosevelt, nossos funcionários se confraternizavam. Se alguém não tivesse nos apresentado, não falávamos um com o outro, embora soubéssemos de nossas existências e de alguns trabalhos realizados.

Na década de 1960, propaganda era em jornal, revista e rádio. Televisão ainda era um veículo não muito respeitado, porque os anúncios eram mal feitos, algumas apresentações de programas ainda eram mostradas em flip-charts, as garotas propaganda tinham de fazer plantão nos estúdios, à espera de serem chamadas para anunciar ao vivo os produtos e serviços e as novelas eram literalmente dramalhões mexicanos.

O comando dos estúdios estava nas mãos dos cameraman. Eles decidiam também os cenários, o casting, os produtos que apareciam nas mesas e nas cozinhas onde algumas ações se passavam (até aparecer o Jorge Adib e mudar tudo isso). O noticiário não tinha externas, pois era muito caro comprar carros e equipamentos e sair rodando por aí. Nas poucas vezes em que algum acontecimento forçava uma equipe a sair, o que aparecia na tela era um horror.

Eu era redator de agência de propaganda, Boni era redator de veículos. Pertencíamos a grupos diferentes. Ninguém imaginava que ele almejava trabalhar em televisão, em outra área que não fosse a divulgação dos programas. E aí aconteceu a compra pela Globo – era um jornal comprando uma emissora de televisão.

À medida que a Globo começou a apresentar bons programas e melhorar a audiência, corriam rumores sobre o Boni. Para as agências, o primeiro sinal era a firmeza das negociações. O preço era determinado pelo conhecimento estatístico da audiência. Os contratos eram firmes e em termos claros. Corria o rumor também, entre os criadores, que o Boni não aceitava comercial mal feito.

Ao mesmo tempo atribuía-se ao Boni a teoria de que a televisão era um meio que exigia a beleza visual para se comunicar. A invenção da tela colorida aumentou a relevância da estética — e isso se expressava na escolha do casting, cenários, figurino, fotografia, qualidade dos textos, no grafismo das aberturas de programas e nos intervalos. Até mesmo no jornalismo, dizia-se que Boni instruía os cinegrafistas de externas a só focar gente e paisagens bonitas. O surgimento do Hans Donner, que tinha vindo ao Brasil procurar um emprego na DPZ, também foi revolucionário.

Mais tarde nos vimos algumas vezes, e fui convidado a fazer uma palestra para funcionários e clientes da TV Vanguarda. Fui levado de helicóptero até lá e, na apresentação, falando de mim, Boni revelou que me conhecia mais do que eu o conhecia. Éramos amigos de infância sem nunca termos nos reunido. TW



Alex Silva/Estadão

José Nêumanne Pinto

Jornalista

A primeira associação que se faz com Boni é sua mais notória produção, o Padrão Globo de Qualidade. Isso permite a um médio entendedor perceber que ele é gênio da raça: Machado de Assis, Pedro Américo, Heitor Villa Lobos, Pixinguinha, Nelson Rodrigues, Castro Alves, Glauber Rocha, Paulo Autran, Chico Anysio, Elis Regina, Tom Jobim, João Guimarães Rosa, Jorge Amado, Padre Antônio Vieira, mestre Vitalino, tudo junto e misturado em uma engenhoca de imagem, luz, som e cor, que torna ficção realidade, filosofia conversa de botequim e vice-versa. Nunca ninguém, em tempo algum no Brasil, fez tanto sucesso durante tanto tempo quanto ele por comandar equipes de autores, artistas, redatores, músicos, desenhistas, vendedores e executivos em um negócio novo, inusitado e que chegou para abafar a banca.

Talento treinado e empregado na propaganda, no rádio, na arte de seduzir e de cuidar com atenção do objeto da sedução, Boni tem muitas perícias de finíssimo estofo, mas o que vem a seguir se destaca de todas: reconhecer, cultivar e colher o talento próximo ou o distante.

O melhor que ele fez por si mesmo, pela comunicação, pelo país e pelo planeta foi caçar, conhecer, reconhecer e aproveitar o máximo o brilho da inteligência alheia. Nunca transigir quando se trata de valorizar, remunerar e manter próxima a perfeição improvável. Pode parecer estranho, mas o fato é que essa natureza o faz ímpar, singular e notável.

O trabalho primoroso se obtém quando a maior inspiração resulta na melhor obra, porque é feita com pia humildade e esmero absoluto. O padrão, ah, seus amigos, seus inimigos, só é alcançado com experiência impiedosa, afeto que nunca se encerra e a sabedoria de não permitir por tudo a perder à mediocridade – tentação quase irresistível mesmo em reconhecidos talentos brutos ou burilados.

Boni é uma marca inseparável do padrão de qualidade que engendrou, porque só faz bem feito e com mais jeito. Isto é para muito poucos e ele é raro por estar sempre apto a moldar o biscoito mais fino para a maior quantidade de massa. TW

“O melhor que ele fez por si mesmo, pela comunicação, pelo país e pelo planeta foi caçar, conhecer, reconhecer e aproveitar o máximo o brilho da inteligência alheia”



Miranda Filho

Waltinho Salles

Cineasta

Boni é um craque. Um criador que deu régua e compasso para a televisão brasileira moderna e a tornou uma das melhores do mundo.

Humor, ficção, musicais e minisséries. Boni sempre soube escolher, dar liberdade a seus colaboradores e a respeitar diferentes correntes ideológicas.

Graças a esse respeito pela pluralidade e diversidade, os programas que ele criou refletiram os muitos "Brasis" que existem dentro do nosso país tão complexo.

Mas, Boni é mais do que um mestre, ele é um amigo extremamente generoso e fiel, afetivo e preocupado com os outros. E um ótimo pai.

Parabéns, Boni, por esses primeiros 85 anos de vida luminosa! E que muitos novos anos venham e te tragam muitas alegrias. Nossa admiração por você é do tamanho da nossa gratidão. TW

"Boni sempre soube escolher, dar liberdade a seus colaboradores e a respeitar diferentes correntes ideológicas"
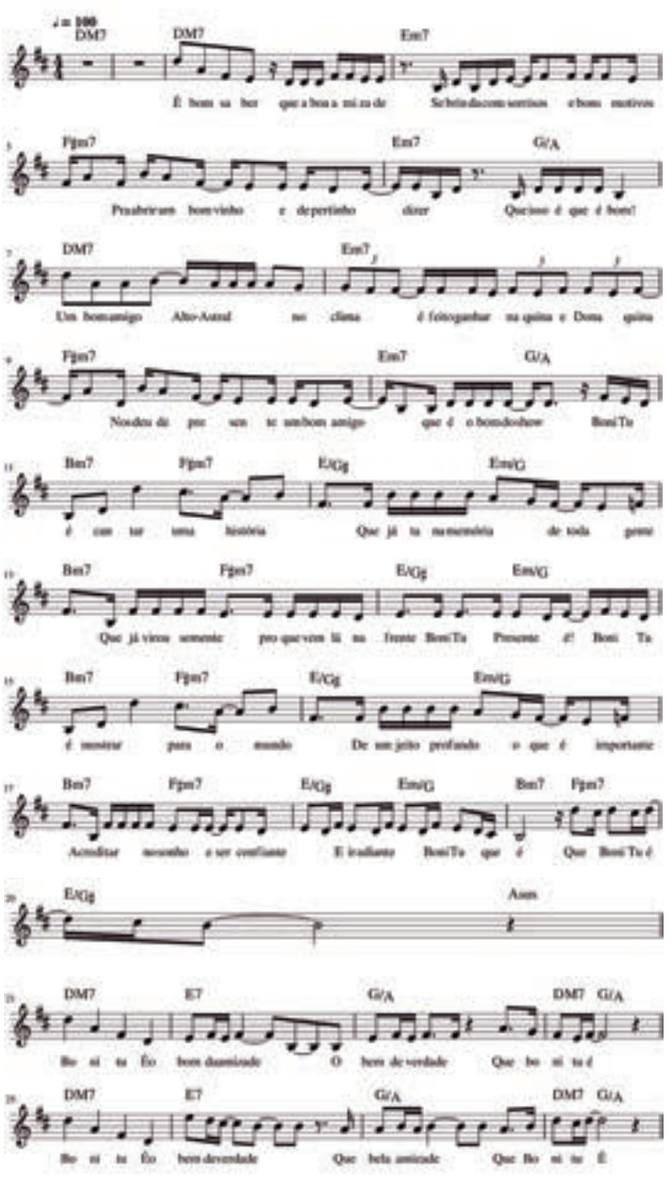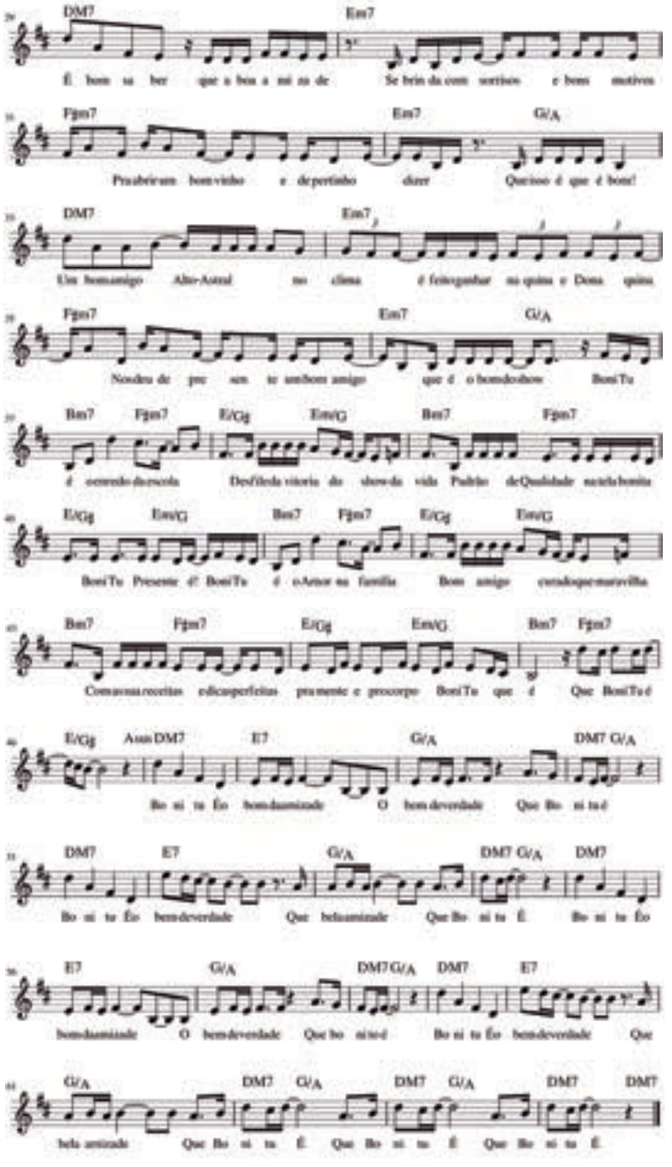


Rafael Ianni

Simoninha e Jair Oliveira

Cantores e compositores

Boni tu é

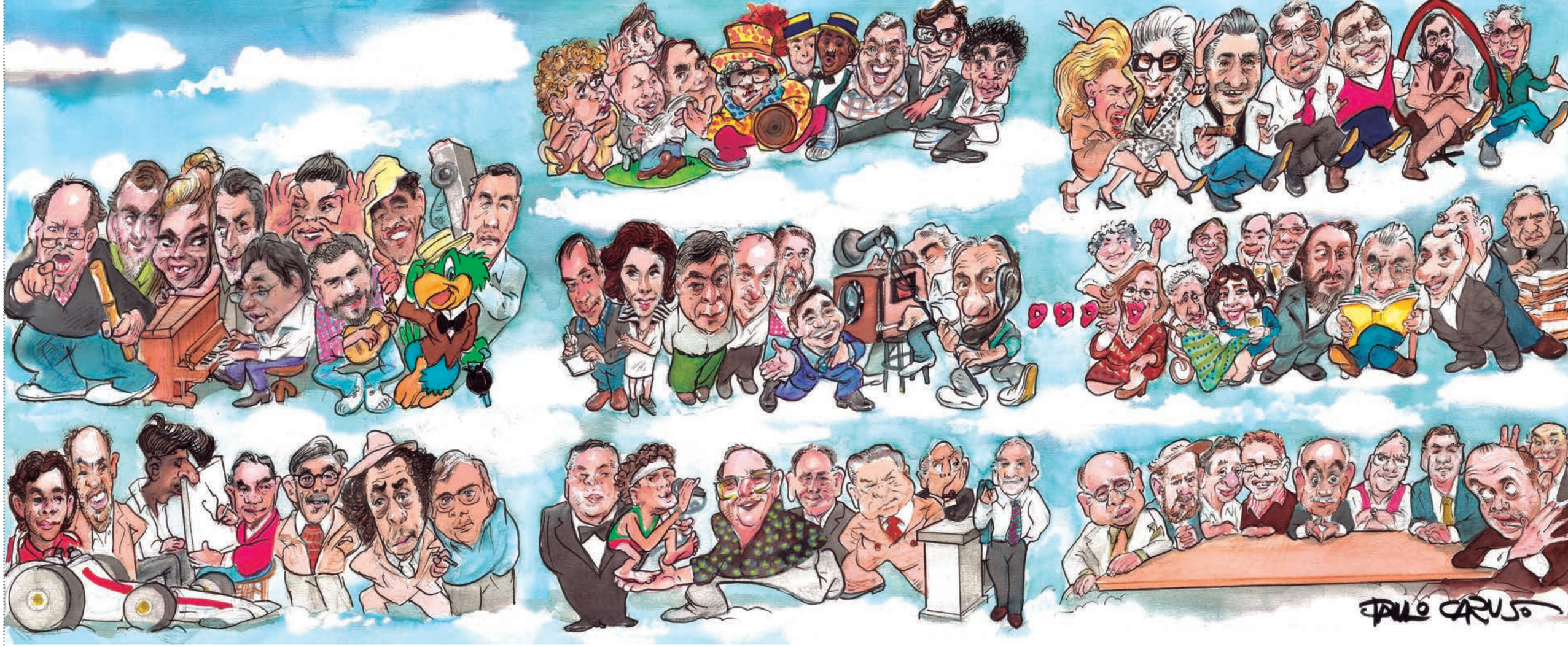




Aponte a câmera aqui
para ouvir a música

GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO OUTRO MUNDO





Borghetti, Miele, Maysa, Bôscoli, Tom, Elis, Zé Otávio, Simonal, Zé Carioca, Cassiano Gabus, Dercy, Manuel de Nóbrega, Agildo Ribeiro (em cima), Roniquito, Chacrinha, Oscarito, Grande Otelo, Jorge Fernando, R. Côrte Real, Chico Anysio, Hebe, Gisella Amaral, Ibrahim Sued, P. Francis, Pitanguy, W. Clark, Sampaio, Senna, Babenco, Orlando Oliveira, Borjalo, Carlito Maia, Gracindo, Viseu, Dias Gomes, Janete Clair, A. Vanucci, Mário Lúcio, Talma, Gugu, P. Ubiratan, Russo, Vida Alves, J. Trinta (em cima), Vó Nicota, Castor Andrade, Dona Kina, Renato Pacote, Edvaldo Pacote, Maurício Sirotsky, Casé, Júlio Ribeiro, Lima Martsen (em cima), Otto Lara, João Araújo, Cazuza, Manga, Claudio Bernardes, Homero Icaza, Reali Jr., Zózimo, Jorge Adib, Avancini, Guga, Sherman, Roberto Marinho, Armando Nogueira, Magaldi, Simonsen e Ronald Levingsoh.


Re: Depoimento sobre o nosso grande Mestre Boni!!
Obrigado, Uajdi!
Um privilégio poder falar de uma pessoa tão genial quanto o Boni. Longa vida para ele!!
Abração e muita saúde para vc,
Waltinho
Até dia 5 é impossível. Não se faz um texto assim da noite para o dia.
Sorry... essa data já não deveria estar aí...
??? Guime é um gênio ...
Guime brilhante Espetaculo Assim vale
Valeu....
Liberadissimo
Aceito com alegria e honrada. Diga lhes que contem comigo. Grata por ser lembrada Nélida Piñon
BONIBS
Dear Uajdi-
Esse aí. Maravilha
Bons tempos...
Me fala se precisa crédito para o seu fotógrafo
Por favor
1 MENSAGEM NÃO LIDA
Sim. Rodrigo Marques
Boa noite.Nosso texto quase pronto.Uma pergunta a foto do Renato com o Boni não estou achando, pode ser só do Renato?
Estou feliz... a revista está ficando um espetáculo. Parabéns
1 MENSAGEM NÃO LIDA
Você
Estou feliz... a revista está ficando um espetáculo. Parabéns
Graças à sua determinação, carinho e respeito com o homenageado. Um dia eu quero ter um amigo como ele tem você. Estou igualmente feliz. Você é um Gigante
Falamos por aqui
Uajdi Moreira
Eu que agradeço Uadji.. Voce sempre ne apoio e so muito agradecido por isso. Abrs
sáb., 10 de set.
Home - The Winners
Carta Projeto Boni 85
Amigo Claude
vou te ligar
Tarcisio Meira e Gloria Menezes. *Não Tarcisio e Gloria Menezes
News sobre fotos?
A Bruna enviou um e-mail dizendo que a Globo não irá ceder as fotos
O Sr. Está copiado
Estamos cobrando por e-mail aqui e ...
alinhado. Mas eu tenho toc.
Inserido no telefone chama mais atenção
Kkkkk
Crédito para Octávio Florisbal
Como ficaria essa amostra sem a palavra
Vou manter sem crédito. Quando decidir vc me avisa.
Daniel filho, autor de novelas?
Já ligo
Manda pro W por favor. Abs.
AnuncioWBoni_new.pdf
Aprovadissimo.... só precisamos conferir se essas são as marcas atuais. O Márcio vai te falar...
Tarcisio
Ótimo...
Olá Uajdi. Boa tarde!
Daniel Filho precisa de mais um dia para terminar o texto dele... é possível enviarmos para vcs amanhã?!
- A Globo transmitia a corrida "DO Grande Prêmio do Brasil" faltou o D.
- 'Ele se se tava entre o diretor de transmissao.' Eh entre o diretor e mais alguem? Se nao eh melhor deixar 'ele se entava junto ao diretor de transmissão' ou algo parecido.
- Nao fechou aspas em "Galvão, Osmar...
- Tambem nao fechou aspas quando fala do plano de saude da
Bruno estamos fechando uma homenagem aos 85 do seu pai. Já temos o material dos seus irmãos e falta o seu. Não tenho obtido sucesso com as msgs enviadas para esse número... abcs. Se puder me liga para explicar melhor.
Detalhe importante: será um surpresa de aniversário para ele.
Boa tarde, tudo bem? News sobre fotos?
Recebemos uma resposta negativa da globo. Querem nos vender as imagens.
Bem e vc??
Quanto?
800 por imagem cedida
Reenviei Bia!
transcrito
O sinal esta pessimo aqui.
Cobrei a Bruna do texto do Bia! essa
Adilson Malta - Depoimento e Foto em alta resolução
Uajdi,
Acabei de falar com ele
Liga hoje que amanhã é o aniversário dele 93 anos
Acho que vou corta esse cara
calma, esperemos um pouco.
Fizemos uma CALL, agora: GUIME, Rogerio e eu, para ajustar a linha de montagem e produção dos depoimentos, já e no padrão definido. Ambos em perfeita sintonia.
Seu depoimento será de uma pagina inteira - ideal ter ate 2000 caracteres - e, acom...
Ler mais
Qual o e-mail do editor para que eu possa mandar a foto com melhor qualidade
No aguardo
Abs
Recebeu o texto sobre o Boni e o retrato?
Abraços José Sarney
Bom dia... Walter Salles, ... Salles Jr ou Waltinho Salles.
Recebi... lindo... vai emocionar o Boni com certeza. Muito obrigado pelo seu carinho e seu tempo. E
Vc tem uma lista de todos... todos os netos?
- Filhos Gigi
Flora
Maria João
Manoel
- filhos Boninho
Marianna
Pedro
Izabella
- Filhos Diogo
Malu
Matheus
sáb., 24 de out.
Cristina, bom dia.
Adorei...
Ficou ótimo e o Oliveira vai amar
Que bom!
Degravação Boni.docx
O texto dele ficou bem mais curto do que o solicitado, mas depois de muito rabiscar é o que ele quer dizer ao amigo. Ficou bonito! Espero que gostem! Abs.
TW Especial Boni - 85 - Bastidores
TW Especial Boni 85 - Bastidores veja se querem colocar mais algum. Ainda cabem uns 3 pequenos caso queiram colocar... Não teve nenhuma msg do Guime. Poderiamos colocar
Sacanagem botar o Abel e esquecer dele
Carlos A Monteiro
Mario vai fazer ,sim ! ele vai falar do BONI nesse livro q
Cid Moreira
Obrigado...



Ao juntar mais de 100 depoimentos em um único arquivo de texto, foi possível gerar uma enorme nuvem de palavras. Que de alguma forma, representam o que vai na cabeça e no coração das pessoas. E para elas, esse é o Boni.


The
WINNERS®
Prime Leaders Magazine